

Best Seller

Marcia Zanelatto

THAMMY

NADANDO CONTRA A CORRENTE

Andressa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

THAMMY
NADANDO CONTRA
A CORRENTE
CARTOGRAFIA DE UMA
TRANSEXUALIDADE

Marcia Zanelatto

1ª edição



RIO DE JANEIRO | 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Miranda, Thammy, 1982-
M644t Thammy [recurso eletrônico]: nadando contra a corrente / Thammy Miranda, Márcia Zanelatto. - 1. ed. - Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.
Recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-7684-952-0 (recurso eletrônico)

1. Miranda, Thammy, 1982-. 2. Atores - Brasil - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Zanelatto, Márcia. II. Título.

15-26373

CDD: 927.9203
CDU: 929:792.071.1

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

THAMMY: NADANDO CONTRA A CORRENTE
Copyright © 2015 by Thammy C. Brito de Miranda e Silva e Marcia Zanelatto

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
Editora Best Seller Ltda.
Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ – 20921-380
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7684-952-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente

Roberto Frejat e Cazuza, “Pro dia nascer feliz”

A gente se torna aquilo que sempre foi.

Friedrich Nietzsche

Dedicamos este livro a todas as famílias que estão dispostas a amar e aceitar
seus filhos LGBT.

Também ao movimento LGBT e a toda a sociedade civil envolvida com a
erradicação dos crimes de homofobia.

Marcia Zanelatto e Thammy Miranda

SUMÁRIO

Apresentação

PRIMEIRA PARTE

CRESCENDO NUM CORPO QUE NÃO COMBINA

Uma vida na frente das câmeras

O show da vida

Uma mulher que decide

Love Story brasileiro

Uma câmera na mão e um amor no coração

Ricos e apaixonados

Filha de pais separados

De Rainha do Bumbum a rainha do lar

A mãe da TV

Roupa de menino, brincadeira de menino

Descabelada

Nômades por amor

Minha mãe é um *sex symbol*

Brava gente brasileira

Só que não

Filha de pai rico

Sem bronca, nem castigo

Amar e defender

Tragédia

SEGUNDA PARTE

ROUPA, CABELO E MUITO DESCONFORTO

Meninos dirigem
Meninas são mais legais
Por que uma roupa incomoda tanto?

TERCEIRA PARTE

O MEDO E O DESEJO

Ventos do norte
Mãe coragem
Thammy, a bailarina
Estranho desejo
Uma mulher está me paquerando
No motel com o Zorro
Apaixonada por uma mulher
Uma personal para chamar de sua
Poliamor de ocasião
Dentro do armário
Um descanso na loucura
Cura gay
Independência sexy
Uma artista a menos no mundo
Quem casa quer casa
Enganando Gretchen
O amor e seus fios
Todo mundo aqui é gay?
Tudo por Thammy Gretchen
No ginecologista
Um novo mundo, uma nova companheira de aventuras
Sexo, sexo, sexo
Acontece nas melhores famílias
Freud
Cometendo loucuras
Um Sansão às avessas

QUARTA PARTE

SAINDO DO ARMÁRIO

Orkut: ascensão e queda de um avatar
Irreversível
Um amor na dor
O limão e a limonada
Tudo sobre elas
De *sex symbol* a ícone gay
Aos gays, a penúria. E o gueto
Fantasias em série
O Thammy

QUINTA PARTE

DA HOMOSSEXUALIDADE À TRANSEXUALIDADE

Drauzio explica: a redefinição do sexo
Casando de terno branco
Vida de casado
Glória e os milagres da vida real
Salve, Jorge, salve!
O papel do pai, o papel da mãe
Déjà vu
Hipocrisia à brasileira
O divo trans do Leblon

SEXTA PARTE

TRANSEXUALIZAÇÃO

Como chegamos até aqui
Andressa e o amor maduro
Transgênero, esse é o nome
T

Ansiedade e erro
Quando ter dinheiro é pior do que não ter
Um Brasil para chamar de seu
Questão de cidadania
Fugindo do inconsciente
Minha namorada é homem
Uma síntese
Conhecendo o limite
O que enlouquece, afinal?
Os pais e o país
Menos risco, mais felicidade
Renascimento

SÉTIMA PARTE

UMA VIDA DE HOMEM

Homem de verdade
Outra ideia que não a de falta
Vida de transmem

Bate-bola com Thammy

Agradecimentos

APRESENTAÇÃO

Quando Thammy Miranda me ligou, falando de seu interesse em fazer um livro sobre sua experiência de vida, a primeira coisa que me veio à mente, como num filme, foi a sucessão de mudanças físicas pelas quais ele havia passado desde que surgira na mídia como bailarina sexy, até o presente momento — na época, ainda não transexual, mas com aparência assumidamente masculina. Ainda assim, fiquei intrigada: por que uma pessoa de apenas 33 anos faria uma biografia? Somente para falar de sua própria homossexualidade? Não me pareceu assunto suficiente. O que Thammy teria em mente?

Dias depois, nos encontramos num café no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, e na breve uma hora que passamos juntos, o desejo de transexualização de Thammy rapidamente se revelou o eixo central do livro. A possibilidade de acompanhar esse processo e criar uma narrativa que pudesse dar conta da grandeza e complexidade dele me pareceu fascinante.

No período de um ano desde que começamos nossas entrevistas até a assinatura do contrato com a Editora BestSeller, o desejo de Thammy se

tornou realidade e o processo de transexualização se tornou de fato o eixo central de sua vida.

As linhas da memória de Thammy aqui reunidas convergem para o ponto expansivo e libertador que é a afirmação da sua autopercepção. Thammy sempre foi um homem, ainda que seu corpo de mulher não confirmasse a percepção que tinha de si mesmo. Atravessar o vão entre sua condição existencial e sua condição biofísica; se permitir aceitar essa autopercepção e lutar por ela no mundo, através da sua expressão pública, foram seus grandes trabalhos.

Se você espera encontrar aqui um relato de tentativas de suicídio e automutilação, esqueça. Com toda a delicadeza perigosa de sua condição, Thammy jamais pensou em abandonar a vida. Jamais pensou na dor física como saída para o sofrimento. Pelo contrário, toda a sua ação foi em direção à alegria de ser e ao direito de viver plenamente sua identidade de gênero e seu prazer, sem mentiras, sem hipocrisia.

Thammy não tem nenhum conflito a respeito de si mesmo, não tem dúvidas de que seja um homem. O que fez foi encontrar o nome do que vivia e seu lugar no mundo — a transexualidade. Os conflitos que viveu foram em relação ao outro, a como se posicionar diante da família, das mulheres, do trabalho e do mundo. Empenhou anos na tarefa de chegar a algumas conclusões e tão logo chegou a elas, seguiu em frente, erguendo sua bandeira. Os conflitos, caro leitor, cara leitora, posso garantir, são muito mais nossos em relação a Thammy do que de Thammy em relação a si mesmo.

Ao contrário do que muitos podem imaginar, Thammy não tem interesse pessoal em polêmicas sobre sua sexualidade. Se pudesse escolher, viveria sem isso. Mas desde que viu que não teria saída, que não haveria liberdade se ele não assumisse publicamente seus processos íntimos, dada a sua visibilidade na mídia, Thammy decidiu enfrentar o assunto e influenciar a opinião pública com seus relatos pessoais. Se eles agridem alguém, não é por

intenção de Thammy. É porque a dificuldade com a diferença e a insensibilidade ao outro, é mais presente em algumas pessoas do que em outras. Sem falar nos que lucram com o preconceito e fazem dele uma máquina de dividendos.

Mesmo que a vida de Thammy sugira certo escândalo, não se pode confundir a sua ação com a ação dos que odeiam sua condição e tentam, através da propaganda hipócrita, deformá-lo. Seu único interesse é o direito que ele, assim como todo transexual, tem de viver às claras na sociedade e ser respeitado — não especialmente respeitado, mas simplesmente respeitado, como deve ser todo ser sobre a Terra.

A feitura desse livro foi iluminada por encontros com diversas pessoas do relacionamento afetivo e familiar de Thammy. E de todos eles, ouvi a mesma frase: “Não me importa o gênero. Eu amo essa pessoa do jeito que ela é!”

Esse fato surpreendente revela que se este livro tem uma missão, é falar não só da transexualidade de Thammy, mas de como as pessoas que o amam superaram seus preconceitos e o apoiaram em suas decisões vitais.

Talvez, se não fosse tão amado por sua família, seus amigos, suas amantes e seus fãs, Thammy tivesse chegado um dia a pensar em suicídio, pois a condição de um transexual exige muito amor para ser suportada. Mas essa também é uma tarefa de todos à sua volta — e que acaba por se reverter num bem enorme, à medida em que todos se tornam pessoas melhores só por amar e querer o bem do outro, acima de tudo.

Outra missão que se pode atribuir a este livro é apontar na direção da informação. Como o assunto da transexualização é razoavelmente recente e alvo de muitos equívocos, consideramos importante colocar o leitor a par de aspectos técnicos, científicos, históricos e alguns fatos relativos a políticas públicas brasileiras sobre o assunto. Esses trechos dão uma pausa na emoção do livro, mas convidam o leitor a pensar na transexualidade de maneira mais sóbria e consistente.

Optamos por contar essa história não como uma biografia — esta o próprio Thammy escreverá daqui a mais uns trinta anos —, mas como uma cartografia do seu processo de transexualização, um mapa narrativo que nos permite marcar, senão todos os pontos importantes de sua vida, aqueles pontos que construíram o trajeto de Thammy até a confirmação de sua autopercepção: desde a negação das roupas e das brincadeiras de menina na infância até a recente mamoplastia que o fez se sentir renascido.

Também foram fundamentais a este livro os relatos e aquiescência dos pais de Thammy, Gretchen e Ronny, que com coragem e generosidade expuseram sua intimidade, a fim de iluminar o caminho de outros pais, mostrando, através do exemplo, que fragilidades, medos e preconceitos podem ser superados através do diálogo, do respeito e do amor incondicional a tão preciosa singularidade de um filho.

Quanto aos antigos amores de Thammy, a fim de proteger suas identidades sem, no entanto, prescindir das histórias de fato com eles vividas, optamos por conferir-lhes codinomes, numa demonstração de compromisso com suas privacidades.

Por fim, o nome do livro faz uma homenagem ao inspirador poeta Cazusa, em sua coragem para a verdade dos que não nasceram dentro da norma e até contra a ideia de que exista uma norma.

Enquanto houver presente, há esperança. Mundo melhor se faz todo dia.

Marcia Zanelatto

PRIMEIRA PARTE

CRESCENDO NUM CORPO QUE NÃO COMBINA

UMA VIDA NA FRENTE DAS CÂMERAS

Desde o início, a vida de Thammy foi vivida sob o olhar das câmeras, numa espécie de *Show de Truman*, o famoso filme estrelado por Jim Carrey que satiriza a invenção dos reality shows e o esgarçamento da fronteira entre o público e o privado, uma das características deste nosso início de século XXI.

Primeira filha da cantora Gretchen, uma das maiores celebridades do *show business* brasileiro de todos os tempos, Thammy estaria fadada à fama antes mesmo de ter a chance de saber o que seria essa coisa, antes mesmo de sequer desejá-la, como pode fazer outra pessoa qualquer.

Para o bem e para o mal, nos seus poucos 33 anos de vida, os conflitos de Thammy foram mediados pelo fato de ser uma pessoa pública, de cada um de seus passos ser objeto de interesse de jornais e revistas de fofocas, de estar constantemente sob a mira de uma horda de paparazzi e à mercê dos comentários de fãs ora doces e apaixonados, ora rígidos proprietários do significado de sua própria vida.

Em alguns momentos, Thammy teve a visibilidade como um benefício, que acabou por lhe dar proteção e garantir-lhe certa segurança no ambiente

público. Em outros, foi justamente diante dessa mesma visibilidade que Thammy quase sucumbiu, entrando em depressão e conhecendo de perto os horrores da síndrome do pânico, quando a opinião pública tomou posse de sua vida íntima e deliberadamente a colocou numa espécie de tribunal popular.

O SHOW DA VIDA

Num videoclipe que foi ao ar no *Fantástico* em 1983, com alguns meses de vida, Thammy começava sua carreira na TV. E foi por obra do acaso. O clipe fazia parte do plano do empresário Seraphin da Silva Neto, conhecido como Ronny, marido de Gretchen e pai de Thammy, de voltar a imagem da cantora para o público infantil. Ela seria a Xuxa antes da Xuxa, na onda de sua primeira gravidez. De fato, no início dos anos 1980, toda criança conhecia Gretchen. Seus shows ganharam o horário vespertino e novo público. Na TV, a criançada imitava suas coreografias nos programas de auditório, ainda que sob a reprovação dos mais conservadores.

A imagem repaginada de Gretchen vinha acompanhada de música nova, a balada “Give Me Your Love”, composta sob encomenda pelo seu parceiro, Mister Sam, dois anos antes, em homenagem ao nascimento de uma de suas sobrinhas. A primeira estrofe é a dedicatória “Fernanda, my pretty girl”.

Dois anos depois, quando o *Fantástico* decidiu produzir o clipe, Thammy havia acabado de nascer e o diretor do quadro achou que seria mais interessante que Gretchen associasse a música à filha. Assim foi feito.

Logo após um plano longo que apresenta a paisagem bucólica de um bosque, com muita câmera lenta e muito efeito *blur*, um inocente coelhinho branco passa na frente da câmera e Thammy aparece na TV pela primeira vez, usando fralda e calça plástica. Ela balbucia umas palavrinhas e com esforço se entende que está perguntando pela mãe. Em seguida, Gretchen

surge, atravessando uma ponte em arco digna dos mais famosos quadros impressionistas de Claude Monet. O bebê bochechudo, de espessa cabeleira negra, acena com a mão gordinha para a mãe. Sucedem imagens dulcíssimas da relação entre mãe e filha e o Brasil vê Gretchen como nunca tinha visto antes.

Sem lacinhos, fivelas e babadinhos, a menininha aparecia como era seu destino. Se Simone de Beauvoir estivesse viva diante de Thammy e do advento transgênero, ela hoje poderia ampliar sua frase célebre: “Ninguém nasce homem; torna-se homem.” Esse pensamento ilustraria a caminhada de Thammy até que seu corpo se tornasse o corpo do homem que ele sempre foi.

Se, por um lado, a vida, grande escritora que é, dá logo nas primeiras cenas, sem que ninguém perceba, todas as dicas sobre o conflito a ser vivido, trata em seguida de esconder esse conflito para que a personagem tenha a trabalhadeira de descobrir-se a si mesma.

E assim começa a trajetória da protagonista Thammy Christina Britto de Miranda e Silva. Pela roupa.

UMA MULHER QUE DECIDE

Ao contrário do que a maior parte das pessoas pode imaginar, a gravidez de Gretchen, aos 23 anos e no auge da carreira, não foi um acidente ou um desagradável acaso. Muito pelo contrário. Uma mulher como ela controla a vida com mãos firmes e toma suas próprias decisões.

Gretchen inventou a si mesma com grande talento e habilidade profissional. Bailarina de formação, reza a lenda que Gretchen, desde sempre dona de um temperamento forte e combativo, detestava quando a professora de balé dizia que a bailarina não podia dar as costas para o público. De fato, as bailarinas clássicas geralmente saem do palco andando de costas.

Também segundo a lenda, para convencer Gretchen a fazer alguma coisa basta proibi-la de fazer. Então, assim teria nascido a sua fórmula fatal: começar seus shows de costas, rebolando demoradamente e devagar. Somente depois de hipnotizar a plateia com as curvas que lhe deram o título de Rainha do Bumbum é que Gretchen se virava de frente para a plateia. E a esta altura já estavam todos enfeitiçados.

Mas não se faz um ídolo somente com encanto e truques. Gretchen sempre trabalhou duro, sempre foi uma profissional. A disciplina era seu forte. Decorava suas músicas e suas coreografias até grudarem em sua cabeça. Escolhia com critério as bailarinas que a acompanhavam nos shows e tomava todas as decisões importantes sobre sua carreira.

De 1979 a 1986, pelo menos, Gretchen não saía dos programas de auditório. Todo domingo, durante anos, o brasileiro almoçava o frango assado com farofa e maionese com a família e depois se dirigia ao sofá, onde assistia Gretchen dançar o “Freak le boom boom”, o “Melô do piripiri” e o enlouquecedor “Conga, Conga, Conga” — faixa que ainda hoje não pode faltar nas festas mais moderninhas.

LOVE STORY BRASILEIRO

Gretchen estava nas cenas finais de seu casamento com Chrystian, da dupla Chrystian e Ralf, outro sucesso da TV, quando conheceu Ronny Silva Neto, segunda geração de policiais civis da família Silva e aspirante a produtor de filmes.

Nos anos 1980, o cinema brasileiro girava à base das pornochanchadas, impulsionado pela obrigatoriedade de uma cota de exibição de filmes nacionais em todas as salas, controvertida lei implementada pelo governo militar.

O gênero pornochanchada é oriundo da chanchada, tipo de filme popular de humor ingênuo que imitava as produções americanas e narrava o cotidiano do homem brasileiro comum. Foi um gênero de grande sucesso no Brasil por décadas, de 1930 a 1960.

Surgida nos anos 1970 e facilmente confundida com o cinema de sexo explícito dos anos 1980, a pornochanchada era a chanchada turbinada pelo erotismo. Levou ao estrelato dezenas de diretores talentosos, como Neville D'Almeida, e estrelas como Sônia Braga, Nuno Leal Maia e Vera Fischer. Extremamente lucrativas, essas produções não recebiam incentivo do estado, mas eram excelente negócio para produtores independentes e aspirantes. Ronny Silva Neto era um deles.

UMA CÂMERA NA MÃO E UM AMOR NO CORAÇÃO

Ronny vendeu o carro, pegou o dinheiro, juntou alguns amigos e propôs fazerem um filme. Não havia dinheiro para as locações; o filme seria rodado na sua casa mesmo e nas ruas da cidade. Até aí, tudo bem. Mas se tem uma coisa que um filme não pode deixar de ter são estrelas, pelo menos uma. Carlinhos, um dos amigos que toparam a empreitada, teve a grande ideia: chamar a Gretchen. Ronny aceitou de pronto, sem saber que estaria mudando sua vida para sempre. Mais do que uma estrela de cinema, aquela mulher lhe daria sua única filha, o amor maior da sua vida.

Na época, nos estúdios do SBT, na Vila Guilherme, em São Paulo, toda quarta-feira era gravado o programa *Vamos nessa*, apresentado por Gretchen. Ronny e Carlinhos fizeram plantão na porta do estúdio. Carlinhos, já conhecido da cantora, apresentou os dois e Ronny aplicou o velho golpe do produtor, que consiste em convencer um ator a fazer um filme em três frases, sejam elas quais forem. Na hora, não pareceu dar muito certo, e Gretchen respondeu com uma evasiva:

— Olha, faz o seguinte. Eu estou indo viajar agora para fazer um show e chego sábado de manhã. Aí você me liga e a gente conversa.

Diante da ansiedade do produtor de começar logo a rodar seu filme, o próximo sábado era ano que vem, então Ronny entendeu que Gretchen não aceitaria. Entendeu errado. Ou alguma coisa que jamais saberemos ocorreu naquela madrugada.

No dia seguinte, cerca de duas da tarde, o telefone de Ronny tocou e ele ouviu, sem acreditar, a voz de Gretchen dizer que estava com... saudades!

Isso aconteceu na quinta-feira. No sábado os dois estavam casados. Gretchen fez a mudança para a casa de Ronny num Ford Landau, e ali os dois viveram uma paixão louca, um clássico *love story* paulistano dos anos 1980, infinito e de curta duração.

Estrelado por Gretchen e algumas das lendárias chacretes, as dançarinas do *Programa do Chacrinha*, o filme entrou para a história do cinema brasileiro. “*Aluga-se moças*” é um dos títulos máximos da pornochanchada. Ronny estima que tenha sido produzido com algo em torno do que seriam hoje cinquenta mil reais e que rendeu, na estreia, valores próximos a um milhão. Lucro digno de livro de recordes. Nem em seus melhores sonhos o produtor iniciante poderia prever algo dessa monta. Foi o maior estouro de bilheteria de 1982, vencendo os candidatos ao Oscar e o longa-metragem dos Trapalhões, grupo humorístico de maior sucesso da TV brasileira, que todo ano lançava um filme de aventura. “*Aluga-se moças*”, dizem os cinéfilos, continua sua carreira hoje em dia como relíquia trash. Segundo eles, o erro de concordância verbal no título torna o filme ainda mais cult.

RICOS E APAIXONADOS

Começando pelo sucesso, a dupla, agora riquíssima, se uniu na vida e nos negócios. Ronny, além de marido, se tornou o empresário de Gretchen. E,

justamente por saber que a esposa tinha absoluta noção do valor de sua imagem, ele não entendeu nada quando, numa noite romântica, Gretchen disse:

— Quero ter um filho teu. E agora.

Ronny achou que fosse coisa de momento. Mas Gretchen voltou ao assunto dias depois, avisando que já tinha parado de tomar pílula. O marido tentou demovê-la da ideia:

— *Sex symbol* de barriga? Isso não existe!

Era certo que Gretchen sairia prejudicada profissionalmente. Mas, voltando ao ponto-chave, Gretchen era quem tomava as decisões de sua carreira. Ronny, empresário com o coração amolecido pelo iminente amor de pai, entregou os pontos.

A gravadora não gostou da situação, mas acabou por negociar. O que a princípio parecia impensável tornou-se possível. Ninguém era louco de perder a Rainha do Bumbum; dava-se um jeito. E deram. A combinação foi simples, e até hoje se percebe sua eficiência: não se tem notícia, nem mesmo na família, de uma foto sequer de Gretchen barriguda.

Mesmo nas fotos de recém-nascida, Thammy aparece no colo do pai, jamais no colo da mãe. Gretchen agiu como uma profissional do *show business*: empenhou sua palavra e cumpriu. Se era esse o preço para realizar o desejo de ser mãe, mesmo que aos 24 anos e no auge da carreira, estava bem pago.

Mesmo depois que o bebê nasceu, Gretchen e ele ainda pareciam ainda grudados. Ela o levava para todos os lados. Amamentava no camarim dos programas de TV, deixava o carrinho na coxia do auditório. Entrava em cena, cantava, saía, dava de mamar, voltava ao palco, cantava de novo, saía, dava de mamar... Se o leite materno significa saúde, Thammy tinha garantias para toda a vida.

Ronny e Gretchen ficaram mais um ano juntos e se separaram meio que como na música da Blitz: “eu dizia que era ela, ela dizia que era eu”. Gretchen

diz que Ronny era mulherengo e tinha uma amante. Ronny diz que Gretchen acreditou em fofocas. Ela diz que deixou a casa e foi embora com a filha. Ele diz que deixou a casa para a mulher e a filha, fez as malas e bateu a porta. Numa coisa, ambos concordam: foi um grande amor. E os dois sofreram muito com a separação. Ronny viajou para o Taiti e voltou um fiapo, com vinte quilos a menos. Sofreu como um cão por uma eternidade que durou quatro meses. Implorou para voltar, mas Gretchen — coisas da vida — só reconsiderou tarde demais, seis meses depois, quando Ronny já tinha curado a ferida e recuperado a alegria de viver. Gretchen lamenta, mas reconhece que não sabe perdoar uma traição. Ronny suspeita que tenha sido vítima do “prazo de validade” da cantora, que, segundo a lenda, não passa mais de seis anos com o mesmo marido.

FILHA DE PAIS SEPARADOS

Num momento de mágoa, Gretchen proibiu Ronny de ver a menina. Ronny, cheio de saudade, foi até a escola onde Thammy fazia o jardim de infância. Thammy tinha apenas 2 anos, mas reconheceu o pai quando ele passava por um dos corredores e correu para o colo dele.

Depois disso, mesmo com as intempéries do amor doido, os pais de Thammy deixaram de lado os clássicos problemas de casais separados. Ronny pegava a filha para passear frequentemente. Passavam férias juntos, viajavam; Thammy sempre teve seu quarto na casa do pai.

Houve também um momento em que Gretchen decidiu que os dois tinham que resolver a guarda da menina na justiça. Não havia nenhum motivo especial para isso, mas foi o que Gretchen decidiu. Diante do juiz, uma situação incomum: na hora da regulamentação da visita, Gretchen disse que não precisavam fazer isso, pois Ronny poderia ver a filha sempre que quisesse. Na hora da pensão alimentícia, veio o problema maior: Ronny

fazia questão de pagar, e Gretchen fazia questão de sustentar a filha sozinha. No fim das contas, ficou decidido que Ronny abriria uma caderneta de poupança em nome de Thammy e nela depositaria uma quantia mensal, no valor da pensão. Até hoje ninguém sabe muito bem o que a família foi fazer no tribunal naquela ocasião.

DE RAINHA DO BUMBUM A RAINHA DO LAR

Gretchen, a Rainha do Bumbum, era protagonista de incontáveis fantasias sexuais. Já Maria Odete, nome de batismo de Gretchen, era uma rígida mãe de família, uma verdadeira matriarca.

Na TV e nos palcos Brasil afora, sua onomatopeia indecente e faceira alucinava os homens, dando a impressão de uma devassidão completa. O que não se poderia entrever era a disciplina militar, muito típica de uma bailarina. Dentro de casa, havia hora para acordar, para comer e para dormir. E ai de quem não cumprisse.

Quando Thammy tinha 4 anos, sua mãe se casou de novo e lhe deu um irmão. Gretchen passava quase a semana inteira fora de casa, fazendo shows pelo Brasil. Chegou ao ponto de fazer sessenta shows por mês. Só no Rio, eram quatro na sexta, quatro no sábado e quatro no domingo. Não tinha moleza. Ainda assim, a pop star não abria mão de manter o controle da família. Deixava a rotina da casa toda anotada para ser executada pelas empregadas. As anotações continham o cardápio da semana e a hora das refeições. Todas elas, absolutamente todas, eram feitas à mesa, em conjunto. Gretchen chegava de viagem e a primeira coisa que fazia era abrir os armários de roupas. Se estivessem bagunçados, ela jogava tudo no chão. Thammy não podia descer para o playground enquanto não arrumasse tudo. E quando Maria Odete não estava em casa e Thammy não obedecia, ela punha a filha de castigo pelo telefone. Até hoje Thammy não entende por

que realmente permanecia no castigo! A mãe chegava ao ponto de ligar de manhã para saber se Thammy tinha feito a cama. Se não tivesse, a empregada a mandava subir do play para cumprir sua tarefa. A garota ficava uma fera, mas fazia.

Maria Odete não estava, mas estava. Não era do tipo de mulher que abria mão dos seus desejos, tampouco de suas obrigações. Era tão mãe quanto pop star, numa época em que muitas mulheres abriram mão de uma coisa ou de outra, enquanto as duas eram importantes. Ela não era dada a frustrações. Gretchen tem seus defeitos, mas reclamar da vida não está entre eles. Se ela quer, ela faz. E ponto.

A casa era seu verdadeiro reino — e não o queijo das boates, como todos nós imaginávamos. No seu reino, imperavam a sensatez, a segurança, os bons hábitos. Nada de drogas, de bebida, de noitadas. Enquanto Gretchen embalava os sonhos dos marmanjos, Maria Odete criava os filhos no cabresto. Ali, nada daria errado, porque ela cuidaria de tudo, controlaria tudo. Ela se separou do segundo marido. Do terceiro. Passou aperto, ficou sem grana, sem casa. Mas não largava as crianças jamais. Acontecesse o que acontecesse, eram Maria Odete e seus filhos. Os maridos podiam até ficar pela estrada. Os filhos, nunca.

Thammy era cercada dos mimos de primeira filha. Linda, com seus fartos cabelos pretos e grandes olhos verdes, era a realização mais perfeita do que sonhou Maria Odete quando decidiu ser mãe. Mas não era simples ser filha da Gretchen. Porque ela sempre, sempre e sempre partia. Muitas vezes chegava em casa, trocava a mala e partia novamente. Os fãs a esperavam ansiosos pelo Brasil afora. Criança doce e sensível, Thammy não entendia aquilo tudo e enfrentava essas partidas da mãe com muita dor.

A cada vez que Maria Odete ia embora, a sensação que Thammy enfrentava era a de que nunca mais voltaria a ver a mãe. Aí ela voltava, e a felicidade era plena. Plena e fugidia, pois rapidamente ela ia embora de novo. Toda a alegria na chegada, toda a tristeza na partida. Uma montanha-

rusa emocional que durou anos e anos. A angústia acompanhou Thammy durante todo esse período. Ela tinha a sensação clara de que numa dessas viagens a mãe morreria e ela ficaria sozinha. Gretchen também sofria, mas se pensasse, se titubeasse, não iria. Nesse caso, quem sustentaria seus filhos e sua vida?

A MÃE DA TV

Thammy não entendia o que era o trabalho da mãe. Quando a via na TV, dizia: “Olha lá a minha outra mãe!” E Maria Odete se comovia. Thammy achava que tinha a mãe que estava ao lado dela, em casa, assistindo TV e a outra que morava dentro da TV. Tinha certeza de que eram diferentes. E não estava tão errada assim. Mesmo quando a acompanhava nos estúdios e via a mãe cantar e dançar, não conseguia imaginar que ela estivesse gravando um programa que passaria mais tarde na sua casa. Eram duas mães, nada poderia tirar isso da sua cabeça. Quando uma viajava, ela via a outra pela TV. Prêmio de consolação.

Quando estava por perto, Maria Odete procurava se doar integralmente para a filha. Fazia questão de comprar suas roupas: muitos babados, muita florzinha, muito vestido, como faz toda mãe de menina. Antes de ir embora, entre as regras que deixava para os empregados estava a seleção de roupas que Thammy deveria usar. Mesmo ausente, ela gostava de exercer o seu lado vaidosa também como mãe. O que Maria Odete não poderia imaginar é que, aos 4 anos, vestir as roupas que a mãe comprava já era um suplício para Thammy.

ROUPA DE MENINO, BRINCADEIRA DE MENINO

Aos 5 anos, numa foto no sítio onde viviam os avós, Thammy aparece como realmente se sentia bem: calça comprida — uma calça que ela amava, lembra dela até hoje —, camisa larga e tênis, montada numa bicicleta. A garota era fera no cavaleiro de pau. Vinha a mil pelo alpendre que cercava a casa e freava em cima da parede. O garoto dentro da menina exigia queima de energia. Nada das brincadeiras frugais de menina. O negócio era agitar. Ela adorava cavar buracos para plantar coisas; chegou mesmo a ter sua própria enxadinha. Pediu um presente inusitado para a avó: um kichute — famosa chuteira preta com travas no solado, privilégio dos meninos da época. A avó estranhou, mas não negava nada para sua princesa. Thammy nunca mais tirou o kichute dos pés. Amava os carrinhos e os campinhos de futebol. Simples assim.

Foi mais ou menos nessa época que resolveu fazer xixi em pé. Como a mãe estava grávida, achou que a filha estivesse fazendo cena para chamar sua atenção.

DESCABELADA

Thammy não pensava se era certo ou errado, se era coisa de menina ou de menino. Apenas fazia as coisas da maneira que lhe parecia mais confortável. Mesmo sendo assim, digamos, agitada, não deixava de ser doce, carinhosa e encantadora. Brincava com todo mundo, era bem-humorada, uma simpatia. Sempre com um sorriso lindo no rosto todo sujo de terra. E, como se diz das meninas e nunca dos meninos, descabelada.

Para a escola, a primogênita de Gretchen tinha que ir impecável. A mãe recomendava às empregadas que penteassem seu cabelo com esmero e o prendessem, usando um elástico para fazer durar o serviço. E assim era feito. Mas quando Thammy chegava à escola, a primeira coisa que fazia era soltar o cabelo e se descabelar. Saía uma princesa, mas voltava no fim do dia

totalmente descomposta. O problema é que Gretchen não fazia vista grossa para nada e, mesmo emendando um show no outro, ligava todo dia para receber da empregada um relatório detalhado de tudo o que havia acontecido. Logo percebeu o problema e — de pequenino é que se torce o pepino — o resolveu por telefone mesmo:

— Thammy, a partir de agora você tem que voltar pra casa exatamente do jeito que foi pra escola!

Tal mãe, tal filha. Thammy mudou a estratégia também. Antes de entrar em casa, penteava o cabelo e o prendia com o mesmo elástico. A empregada não tinha mais nada a dizer para a patroa.

Os mesmos cabelos por cuja posse mãe e filha lutaram durante a infância de Thammy voltariam à arena alguns anos depois, quando esta usaria a tesoura para dar seu primeiro, ainda que tímido, grito de independência.

Por ora, sem saber, o que Thammy estava fazendo era estabelecer um limite para o poder de Maria Odete: da porta para dentro.

NÔMADES POR AMOR

Durante a infância, era comum que a família mudasse de cidade sempre que a mãe encontrava um novo amor e surgia a oportunidade de um “felizes para sempre”. Então, Thammy acabava sempre mudando de escola. E de amigos.

Uma das amigas, no entanto, ficou em sua memória. Embora não tivesse consciência do incipiente desejo sexual, hoje Thammy vê que ali talvez tenha nascido seu primeiro amor. As duas estudavam na mesma sala, e era frequente irem para a casa uma da outra depois da escola. Algumas vezes uma acabava ficando para dormir. As duas meninas, cada uma em sua cama, dormiam de mãos dadas, conversando até onde o sono deixava. Numa noite, a amiga perguntou se podia passar para a cama de Thammy. Elas dormiram

abraçadas, o cheiro dos cabelos da amiga nunca tão próximos do seu rosto, a ternura e um momento de absoluta tranquilidade. Evidente que não houve sexo, mas talvez uma réstia de amor, passando por debaixo da porta do preconceito.

Os casamentos de Gretchen acabavam rápido, mas os irmãos ficaram para sempre. Mulher de muitos amores, Gretchen teve filhos de diferentes maridos, e num momento de insegurança fez um pedido que pesou sobre as costas de Thammy durante todos estes anos:

— Se acontecer algo comigo, se eu sair e não voltar mais, você fica com seus irmãos. A única coisa que eu não quero é que vocês se separem.

O primeiro irmão era Decinho, quatro anos mais novo que Thammy, que foi morar com o pai depois da separação. Com este havia uma relação mais de igual para igual: batiam de frente, saíam na porrada — como irmãos, claro. Nada que os impedisse de serem amigos no futuro. Durante a adolescência, era comum Thammy ir pegar Decinho de carro para passarem o fim de semana juntos. O segundo foi Serginho, nove anos mais novo. Thammy se orgulha de ter cuidado efetivamente dele. Trocava fralda, dava mamadeira. Achava que podia compensar um pouco a ausência da mãe. Por fim, fazer o menino se sentir protegido acabou por se tornar um prazer para ela.

Entre uma viagem e outra, havia alguns momentos de folga, quando Gretchen levava os filhos para passear. Thammy saía de casa empolgada, mas, não demorava muito, queria voltar. É que a menina não suportava que as pessoas quisessem tirar fotos justamente com a sua mãe. Os passeios eram interrompidos o tempo todo por fãs que Gretchen não tinha como evitar. Eles brotavam de todo lado. Thammy empurrava as pessoas, chegava mesmo a chutar suas canelas, com a honestidade típica dos que têm dentes de leite. E ficava pensando, indignada: “por que, com tanta gente no mundo, tinham que cismar justo com a minha mãe?”

Não se tratava de mero ciúme de filha mimada. Era ciúme do raro tempo que a mãe tão amada tinha para ela. O precioso tempo que não era nem de imposição de regras nem de ausência. Um tempo com a mãe linda e engraçada, poderosa e encantadora, que não era Gretchen, a mãe da TV, mas sim Maria Odete, a mulher que enfrentou tudo e todos para lhe dar a vida. Thammy queria o tempo. Sim, o tempo mínimo, mas que ainda assim era seu de direito.

MINHA MÃE É UM SEX SYMBOL

Nos pequenos detalhes, Thammy já se comportava como o menino que sentia ser. Mas Gretchen não percebia os indícios. Ninguém percebia. Em sua solidão, Thammy detestava a imensa casa de bonecas que ganhara de aniversário e que seria o delírio de toda menina. O delírio só aconteceu quando ela ganhou o Castelo de Greyskull, do guerreiro He-Man.

Existia um isolamento cada vez mais intenso. Ao mesmo tempo em que Thammy era uma criança doce e simpática, algo estava ocorrendo à sombra e à sua própria revelia. O desconforto de ser menina crescia na escuridão, sem que ninguém notasse. Era como se o chão sob seus pés estivesse se partindo bem devagar, e cada uma de suas pernas estivesse indo para um lado, criando uma distância que aos poucos deixaria de ser imperceptível. Thammy não sabia o que estava acontecendo, mas se angustiava. Precisava de meios para lidar com sua singularidade, mas, na falta deles, o melhor caminho era não dar muita importância ao que nela era diferente. Era preciso sobreviver, era preciso chegar a um lugar seguro que só o tempo traria.

Na escola, Thammy se sentia muito ligada aos colegas mais frágeis, aos excluídos. Gostava de usar sua liderança de filha de pop star para incluir as meninas gorduchas, os garotos franzinos e todo tipo de rejeitado nos seus

times de vôlei e futebol, nos trabalhos em grupo das aulas de ciências e de artes.

Thammy nasceu filha de um símbolo sexual, mas levou muito tempo para compreender isso. Foi na escola, quando os meninos chegaram à idade de distinguir os atributos do sexo feminino. As piadinhas começaram a infernizar Thammy, e a reação era simples e direta: porrada. Não que fosse uma alegria agredir os colegas abusados. Era uma pragmática necessidade. Thammy sentia-se na obrigação de defender a mãe dos insultos. Fazia isso com vigor, mas depois sentia remorso por ter machucado o amiguinho. Durante anos, Gretchen recebeu reclamações da escola porque Thammy batia em outras crianças. E a mãe não se fazia de rogada:

— Minha filha está certa. Tem que defender a família dela mesmo!

BRAVA GENTE BRASILEIRA

Se na escola era defesa, na favela era pura alegria. A empregada, Dona Edna, passava a semana com as crianças de Maria Odete e no fim de semana voltava para casa para cuidar das suas —realidade de milhares de domésticas brasileiras: criar os filhos da patroa e não poder criar os seus. Thammy implorava para ir junto e não sossegava enquanto não conseguia. Chegou mesmo a subir o morro escondida e aparecer na porta da casa de Dona Edna.

A menina deixava a mansão onde morava e partia, feliz, para a Favela da Granja Vianna. Depois de uma rua de chão batido, vinham os labirintos de barracos. A casa de Dona Edna ficava nos fundos de outro barraco. Era um quadrado com um banheiro dentro. O beliche onde ela dormia com os filhos ficava na cozinha mesmo, e lá sempre tinha cheiro de comida. Mas o negócio não era ficar dentro de casa; era ficar na rua. No meio da criançada toda, Thammy brincava de pega-pega, de carrinho, soltava pipa e reinava no

futebol no campinho de terra. Com muito custo, voltava para o barraco para comer feijão com arroz sem mistura. Passava o dia por lá e voltava à noite, com a cabeça cheia de alegria e um pouquinho de piolho, somente para atender a mãe ao telefone e não deixá-la perceber suas fugas.

Dona Edna tratava Thammy da mesma maneira que tratava os próprios filhos, sem mimos e sem excesso de responsabilização. Isso dava à garota a sensação rara de estar protegida. Ali, na favela, por mais que as pessoas soubessem que ela era a filha da Gretchen, o que valia mesmo é que ela era da Dona Edna, e ninguém mexia com aquela senhora nascida e criada no morro.

Um dia, Thammy levou os irmãos para o passeio, e o pai de um dos meninos descobriu. O homem armou uma confusão que culminou com a mudança do filho para a casa do pai. Thammy sabia que não podia fugir de casa, mas jamais poderia imaginar que fosse tão grave brincar na favela.

Anos depois, o que Thammy aprendeu ali se tornaria uma característica marcante na sua personalidade, citada por todas as pessoas que a amam. Thammy é simples. Entre um restaurante de luxo e um churrasco na laje, o churrasco na laje. Apesar de ter crescido em berço de ouro, sabe conversar com os “mano”. Devota de São Jorge, se identifica com os guerreiros, com quem luta pela sobrevivência num mundo hostil. Não que não goste de um fim de semana num hotel de luxo, de bons pratos, da vida cara. Mas não se importa em dormir num colchonete, se precisar. Come de tudo, sem frescura. E é incapaz de ver alguém passar necessidade sem tentar ajudar. Se por um lado tem dificuldade de pedir ajuda, por outro, tem um imenso prazer em ajudar. Já chegou ao ponto de pagar a pensão alimentícia devida por um amigo para que ele não fosse preso. Mas isso foi muito tempo depois.

SÓ QUE NÃO

Certa vez, enquanto brincava de pega-pega no play, um vizinho amigo da família, afetuoso, mas um pouco invasivo (todo mundo conhece um desses, quem é gay mais ainda), comentou:

— Thammy, você está muito moleque! Está parecendo um sapatãozinho!

Quem reagiu foi Maria Odete:

— Parece nada! Só porque está de bermuda e camiseta?! Ela está brincando! Queria o quê?

Maria Odete defendeu a filha com certa inocência, julgando por si mesma. Ela mesma nunca gostara de brincar de casinha, panelinha. Nada que fosse pequeno, delicadinho, chamava sua atenção quando criança. Gostava de vestir short e camiseta, prender os cabelos e ir para o campinho jogar futebol com os meninos. Mas nunca, em nenhum momento de sua vida, Maria Odete se sentiu um menino ou teve qualquer desconforto em relação ao seu corpo de mulher. Muito pelo contrário. Estar com os meninos era agradável até pelo fato de se sentir ainda mais feminina diante deles. Portanto, agora como mãe, não achava a situação especialmente reveladora. Thammy era só um tipo de criança, o tipo “moleca”. Embora a situação fosse realmente parecida, na essência, o que realmente se passava com Thammy era algo diverso: ela já estava começando a experimentar sua verdadeira identidade de gênero.

Até os seis anos, Gretchen produziu e estrelou todas as festas de aniversário da filha. Depois, com menos grana e muito mais compromissos, caiu na estrada e Thammy passou a ter que comemorar sem ela. Ela passou a ter certa inveja das crianças que chegavam à escola ou voltavam para casa acompanhadas de suas mães. Maria Odete também sumiu das festas de Natal e Ano-Novo. Só bem mais tarde, já adulta, Thammy voltaria a ter esse privilégio. Mas a vida é justa e não por acaso lhe deu um pai que mais parece uma mãe. Tanto que é com ele que até hoje Thammy passa o segundo domingo de maio.

FILHA DE PAI RICO

Thammy tinha nove anos quando aconteceu o incidente que a levaria a morar com o pai.

Era uma noite de chuva, e Thammy custou a entender o que estava acontecendo. A empregada designada para ficar com as crianças estava estranha, começou com uns berros. Dali a pouco estava quebrando coisas dentro de casa. Thammy percebeu que a mulher estava bêbada. O instinto de proteção a mandou enrolar o irmão menor numa manta, colocá-lo no colo e sair de fininho. Ela ganhou a rua, mas não soube o que fazer. Resolveu ligar para o pai de um orelhão. Quando Ronny ouviu a filha chorando, nem tentou entender o que exatamente estava acontecendo; não dava tempo. Perguntou onde ela estava e pediu que ficasse ali. E que não falasse com ninguém. A chuva aumentou, e Thammy sentou-se embaixo de uma árvore para que Serginho não se molhasse demais; ele era apenas um bebezinho. Ronny atravessou São Paulo o mais rápido que pôde e levou as duas crianças para sua casa. Thammy não queria deixar o irmão de jeito nenhum. Naquele momento Ronny decidiu que seria melhor que a filha morasse com ele.

A mãe apareceu, dias depois, para pegar os filhos de volta. Dispensou a empregada, contratou outra. Tentou reverter a decisão de Ronny, mas Thammy já tinha idade para escolher e preferiu ficar com o pai. Como ela sempre transitara entre as duas casas, não faria tanta diferença assim. A tristeza foi se separar de Serginho. Thammy tinha certeza de que sem ela o irmão estaria mais vulnerável, desprotegido. Era como se, através do irmão, Thammy pudesse salvar a si mesma da angustiante espera pela mãe.

Se existe alguma força capaz de prever o futuro, Ronny tem o dom de ouvi-la. Quando garoto, ainda com 17 anos, teve uma forte intuição: ele teria apenas um filho, e esse filho seria homossexual. Ronny nunca pensou muito nisso, e a vida acabou por lhe trazer Thammy.

Ronny sempre foi ao mesmo tempo durão e sensível. Durante toda a gestação de Gretchen, tinha certeza de que teriam um menino. Tanta certeza que não chegaram a escolher um nome de menina. O bebê se chamaria Pedro Henrique. Ronny estava filmando o parto da esposa quando viu com seus próprios olhos que era uma menina. Nesse momento, teve uma inspiração, e um nome surgiu para ele na tela da filmadora: Thammy.

Não era nenhuma homenagem; ele não se lembrava de ter ouvido esse nome em nenhum outro lugar. Havia o Sammy Davis Jr., mas Thammy ele não conhecia ninguém. Curiosamente, um nome que não é nem de mulher, nem de homem. Dizem que é derivado de Tamires, nome de origem árabe, mas Ronny não pensou nisso na época.

Thammy nasceu com os olhos verdes do pai, e isso foi demais para ele. Nunca soube dizer não a ela. Se a criança encontrasse alguma resistência, bastavam algumas lágrimas. Ronny diz que os olhos de Thammy quando ela chora ficam ainda mais lindos. Brilham como a água do rio ao sol. Sem muita habilidade para o carinho e a conversa, Ronny expressava seu amor com presentes. O que quer que Thammy quisesse, o pai lhe daria. Mal sabia ele que, na vida adulta, seria justamente essa a única queixa de sua filha.

Ronny, durante os anos 1980, foi empresário das mais famosas bandas de rock: RPM, Rádio Táxi, Metrô. Pai rico e apaixonado é um perigo, e ele cometeu o erro inevitável de fazer todas as vontades da filha. Chegava ao ponto de dizer:

— Você pode tudo. Você tem pai rico.

SEM BRONCA, NEM CASTIGO

Thammy viajava para os Estados Unidos com os primos todo ano. O pretexto era estudar inglês através de programas de intercâmbio, mas na

prática não era bem assim. Ela matava aula dentro do campus mesmo, simplesmente para ficar à toa, para lá e para cá. Hoje se arrepende, principalmente quando viaja e não sabe falar inglês. Generosa, era capaz de dormir no chão do avião para os primos se acomodarem melhor. Na hora de aprontar, era a primeira. Em Las Vegas, deu um jeito inexplicável de entrar numa máquina de brinquedos para conseguir mais bolas de graça. Gostava, tinha prazer em fazer traquinagens, mas jamais deixava alguém na roubada. Muito pelo contrário: gostava de proteger os primos.

Se na infância Thammy foi boa aluna, na adolescência o tempo virou. Ela não tinha interesse, não prestava atenção, não tinha a menor paciência para estudar. Estava sempre com a cabeça em outro lugar. Se tivesse que fazer algo, um trabalho manual, uma maquete, por exemplo, estava ótimo. Ela era boa nisso. Mas parar tudo e abrir um livro — estudar, de fato — não era com ela. Thammy era inteligente e tinha raciocínio rápido, mas só se interessava por coisas práticas. Depois que foi morar com o pai, chegava a matar aula dentro de casa.

Ronny conta que acordava de manhã, passava pelo quarto da filha e ela já tinha saído para a escola. Ele ia embora para o trabalho sem notar nada. No entanto, vivia recebendo reclamações sobre suas faltas. Um dia, Ronny chegou ao elevador e viu que esquecera a chave do carro. Ao voltar para buscá-la, pegou Thammy no flagra, escondida atrás do sofá. A garota acabou confessando que, depois que o pai saía, voltava para o quarto para dormir. O pai não se conteve: achou graça.

Ronny ficava dividido entre fazer a coisa certa, aplicar o castigo, e comemorar com orgulho o fato de sua garota ser tão esperta. O orgulho acabava vencendo. Essas coisas que acontecem com um pai quando a filha nasce com a sua cara. O fato é que, nessas, Thammy repetiu a sexta série. E repetiu de novo e de novo... Acabou abandonando a escola. E nunca mais voltou a estudar.

Se Gretchen era a mãe-pai, Ronny era o pai-mãe. Maria Odete nunca batia nos filhos, mas estes sentiam medo só de olhar para ela. Com sua voz imponente e seu temperamento forte, Gretchen mandava e quem tinha juízo obedecia. O limite da sua piedade era a mentira. E foi justamente quando Thammy mentiu para a mãe que levou a única surra da sua infância. Maria Odete pode tolerar muitas coisas, porém a mentira nunca foi uma delas. E esse problema voltaria, ainda com mais gravidade, a decidir os rumos da relação entre mãe e filha.

AMAR E DEFENDER

Ter duas casas acaba por ser um benefício para a maioria dos filhos de pais separados. E sempre funciona da mesma maneira: quando a coisa aperta com a mãe, o filho corre para o pai; quando aperta com o pai, corre para mãe.

Thammy, mimada que só, aprendeu rapidinho a pegar a mochila e correr para a outra casa sempre que se enchia de uma. E quem segurava a garota?

Numa dessas, acabou numa cidadezinha no sertão de Pernambuco chamada Salgueiro.

Gretchen havia se apaixonado por um homem brejeiro, do campo, e resolveu realizar seu sonho da casinha branca, com um quintal e uma janela para ver o sol nascer. Largou a carreira e abriu uma loja de jeans na cidadezinha. Lá, finalmente pôde se dedicar à família. As crianças comiam fruta do pé, tinham animais de estimação, brincavam na terra. Mas logo a felicidade se mostrou passageira. O marido bebia, a esposa não gostava e começaram as brigas. A irmã dele intervinha e protegia as crianças. Na verdade, o que se revelou com o tempo é que o marido morria de ciúmes e proibiu a esposa de trabalhar, fazer shows, viajar. Gretchen não podia mais ser Gretchen. A loja era um jeito de não ser dependente financeiramente,

coisa que nunca foi do seu feitio. Com o tempo, a situação se agravou. Vieram as agressões físicas, as lágrimas e o desespero das crianças. Uma noite, o marido chegou mesmo a sacar uma arma contra a esposa. Quando viu isso, Thammy partiu para cima dele, agarrou-se à mão que segurava a arma, implorou que os dois parassem. Se a mãe tivesse que morrer, ela morreria junto. O marido parou. Mas, àquela altura, a relação não tinha mais conserto.

Gretchen estava grávida de gêmeos, com um filho de colo e sem dinheiro, no sertão de Pernambuco. Thammy, que estava de férias na casa da mãe, já tinha a passagem aérea de volta, mas, quando Gretchen decidiu voltar para São Paulo de ônibus, não teve a menor dúvida: deixou a passagem de avião na mochila e voltou com a mãe. Foram três dias, uma mulher grávida, duas crianças, apenas duas poltronas e vinte reais no bolso. Durante três dias, as três refeições foram um pão com manteiga e um copo de café com leite, divididos igualmente por três. Uma conta impossível.

Quando chegaram à rodoviária de São Paulo, completamente exaustos, Maria Odete colocou as crianças num táxi e seguiu para a casa de sua mãe, onde a corrida seria paga. Thammy voltou para o conforto da casa do pai, certa de que agora a mãe estava protegida. Quem dera.

TRAGÉDIA

Pouco tempo depois, o marido da mãe de Gretchen começou a hostilizá-la abertamente. Houve o enfrentamento e ele a expulsou de casa. A mãe da cantora simplesmente acatou.

Thammy entrou em ação. Sorrateiramente, pegou a chave de um dos apartamentos do pai, que estava fechado. Sem que ele soubesse, levou para lá a mãe e as crianças. Teto ela já tinha. Faltava o pão.

Todo dia, o pai deixava para Thammy um dinheirinho para o lanche da escola. Thammy bolou a estratégia: reforçou o café da manhã e o almoço depois da aula; em vez de tomar o lanche, saía da escola, passava no mercado ou na padaria e comprava comida para a mãe e o irmão. Dispensava o motorista, ia até o apartamento a pé, para o pai não desconfiar, e só então voltava para casa.

O posto de gasolina onde o pai tinha conta também era um recurso. Thammy podia pegar o carro para fazer pequenas coisas e Ronny liberou para que ela assinasse as contas que fizesse para que ele pagasse depois. Doce e simpática, Thammy fez amizade com todos os frentistas e ali conseguiu estabelecer uma estratégia, até que Ronny começou a notar que a conta do posto estava ficando alta demais sem nenhuma justificativa aparente. Thammy chegou a encher o tanque duas vezes no mesmo dia. Ronny foi verificar e descobriu: Thammy explicou a situação da mãe para os rapazes do posto e conseguiu a cumplicidade deles. Ela colocava os valores na conta do pai e os levava em dinheiro para a mãe. Mais uma vez orgulhoso da filha, Ronny acabou por fazer vista grossa.

Thammy sabia que seus truques não representavam uma solução definitiva, mas era tempo suficiente para Maria Odete dar seu jeito. Ela sempre dava seu jeito.

No entanto, o sofrimento de uma separação violenta, a viagem de ônibus, a decepção na casa da mãe... tudo se somou de maneira fatal. Um dos gêmeos morreria dias depois de nascido.

Thammy estava dormindo quando sua mãe ligou, já perto da meia-noite. Chorando, Maria Odete pediu à filha que rezasse muito, pois seu irmãozinho recém-nascido estava morrendo. Thammy não achou que isso pudesse acontecer. Procurou acalmar a mãe e lhe passar um pouco de segurança. Às duas da manhã, o telefone voltou a tocar. Maria Odete estava em desespero. Gritava:

— Seu irmão morreu! Não sei o que fazer! Me ajuda!

Thammy ficou em estado de choque: não tinha ação. Desligou o telefone e começou a gritar pelo pai. A empregada acordou e viu que ele não estava em casa. Procurou acalmar Thammy e ligou para o pai dela. Bêbado, Ronny não deu a menor importância. Certamente só conseguiu ver o problema da ex-esposa, não percebeu o problema da filha.

Thammy recorreu então a Sandra, amiga da família, por muitos anos sócia de Ronny. Sandra correu para a casa de Ronny, onde tratou de acalmar a menina. Ele mesmo só apareceu já com o dia claro.

A pequena estrutura de Thammy não suportou a tragédia. Sua orientação interior sempre lhe dizia para cuidar, cuidar e cuidar. Foi cuidando que Thammy aprendeu a amar. Foi amando que Thammy aprendeu a cuidar. Diante da impotência de ver seu pequeno irmão morto, a menina enfrentou pela primeira vez, aos 12 anos, uma crise de síndrome do pânico.

Sempre que o telefone tocava, Thammy paralisava. Tinha medo de que outra coisa ruim acontecesse. Ela não teve a menor condição de ir ao enterro do recém-nascido. Demorou dias para conseguir sequer sair do quarto. Quando juntou um mínimo de forças, foi para perto da mãe e a ajudou a cuidar do gêmeo que havia ficado, também bastante doente. Até o menino sair do hospital, Thammy permaneceu ao lado da mãe.

Durante algum tempo sob forte angústia, Thammy passou a sentir medo de sentir medo. O pai, preocupado, procurou um psicólogo. Thammy foi a algumas sessões, mas ela, que nunca teve facilidade com as palavras, não suportou a ideia de se abrir para um desconhecido.

A solução? Nenhuma. A não ser a passagem do tempo, que acabou por fechar a ferida. Ou escondê-la no fundo, onde as palavras não alcançam.

SEGUNDA PARTE

ROUPA, CABELO E MUITO DESCONFORTO

MENINOS DIRIGEM

De volta a São Paulo, aos 12 anos, Thammy começou, como todo mundo, a testar a barreira entre o certo e o errado. Com seu temperamento aventureiro, rapidamente descobriu a graça de dirigir. Coisa muito comum para os meninos, aprender a dirigir cedo era um privilégio quase sempre negado às meninas. Mulher aprende a dirigir aos 18, na autoescola. Homem, entre 12 e 14, com o próprio pai ou sozinho mesmo. A coisa normalmente é tratada como iniciação: “Meu filho, já está na hora de aprender a ser homem.” Para muitos brasileiros, a frase é seguida de um carro novo e de uma visita a um prostíbulo. Dirigir ainda é símbolo de masculinidade, de autonomia. É coisa de macho. E isso combinava com Thammy.

Se tivesse feito o pedido para Ronny, talvez ele não resistisse e ensinasse, embevecido. Mas quem disse que Thammy queria ter lições? No trajeto para a escola, ela convenceu o motorista da família a deixá-la experimentar o volante. Sentou e ligou o carro. Alegria total, mas não suficiente: Thammy deu a partida. O velho motorista quase enfartou. E não é que a garota conduziu perfeitamente, logo de cara, de primeira? Do tipo que não dá ponto sem nó, Thammy já vinha observando os procedimentos do motorista

havia muito tempo. E ele, coitado, depois que sentou no banco do carona pela primeira vez, nunca mais conseguiu voltar ao seu lugar de direito. Teve que se contentar em ficar do lado para minimizar qualquer problema. A situação perdurou até que o pobre homem, completamente estressado sob a clara noção de ser ele o responsável caso acontecesse um acidente, pediu demissão.

Quando soube de tudo, o pai não devia, mas achou graça — era um vício. Que danada a menina! Aprendeu a dirigir sozinha com apenas 12 anos! Ronny acertou as contas com o motorista e contratou outro. Thammy, que, a propósito, sabia traçar suas rotas e chegar aos seus destinos, rapidamente percebeu que o novo motorista bebia e negociou o segredo com ele em troca de certas liberdades. Nada de escola; ela pegava os colegas e partia para a casa de praia do pai, no Guarujá. Lá a turma passava o dia, jogando, se divertindo, brincando. Não havia nada de mais além do imenso prazer de ter um dia na praia em vez de um dia dentro da sala de aula.

Mais adiante, aos 14 anos, Thammy começou a pegar o carro efetivamente. Ronny tinha dois, e costumava sair à noite. Era Ronny sair da garagem com um dos carros e Thammy sair logo atrás com o outro. Só que um dia ele voltou para casa cedo. Quando o porteiro deu de cara com Ronny, ficou pálido. Foi logo se explicando, antes que a coisa estourasse para o lado mais fraco:

— Seu Ronny, eu só queria avisar pro senhor que, sempre que o senhor sai, a Thammy pega o outro carro.

Ronny ficou uma fera. Pegou o celular e mandou a filha voltar para casa.

Quando Thammy chegou, o pai estava na sala esperando. Ele só teve tempo de dizer “Thammy” e a garota veio com a chave na mão, devolveu para o pai, sem reclamar. Tomou uma bronca, mas, esperta, ficou de cabeça baixa. Resultado alcançado: a fúria do pai arrefeceu rápido. Somente dias depois Ronny soube que a garota já tinha mandado fazer duas cópias da chave. Genial.

MENINAS SÃO MAIS LEGAIS

Quando chegou a primeira menstruação, Thammy estava na casa da mãe. Acordou de madrugada e sentiu o sangue escorrendo. Como a mãe detestava que a acordassem, ainda tentou evitar, mas a coisa não parava. Thammy resolveu enfrentar o medo de a mãe brigar e bateu na porta. Gretchen ficou tão entusiasmada com a puberdade da primeira filha que ligou para a família inteira para contar a novidade. Um por um. Quando a menina voltou da escola, recebeu várias ligações de parabéns, como se fosse seu aniversário. Thammy teve vontade de morrer.

A menstruação chegou trazendo a sensação de má notícia, de uma pequena tragédia. Simplesmente não combinava. Expunha o corpo de Thammy a uma condição de fragilidade e de incômodo que nada tinha a ver com a sensação de força e virilidade que a idade trazia para ela.

Todos comemoravam o que, para ela, mais parecia um funeral. Era a morte do corpo de criança, que havia sido tão gentil com Thammy em sua ambiguidade. Agora chegariam as curvas, os peitos, a voz aguda e uma crescente e furiosa ansiedade.

Se durante a infância a questão de Thammy era que fazer coisas de menino era mais legal do que fazer coisas de menina, na adolescência a questão passou a ser outra: ser menino era mais legal do que ser menina! Principalmente porque ela se sentia um menino e não uma menina. E não se tratava mais só de preferir jogar futebol e soltar pipa...

O interesse pelas meninas ganhou outras dimensões. Thammy não curtia mais os assuntos de meninos. Era mais legal ficar perto das meninas. Não percebia em si mesma o desejo sexual por elas, mas um afeto diferente e poderoso. Sua virilidade ganhava sentido com elas. A vontade era proteger as meninas, fazer suas vontades. Thammy ficava na fila para comprar o lanche da melhor amiga, se ela pedisse. A mãe havia ensinado os irmãos a serem cavalheiros desde cedo. Teria ela aprendido a lição? Justo ela? Os

gestos de delicadeza do pai também sempre lhe pareceram inspiradores. Quando roubava o carro, imitava o pai e abria a porta para as meninas entrarem.

Thammy já estava começando a viver sua verdadeira identidade de gênero. Com toda aquela fleuma de galã de filme romântico em franca evolução, as roupas de mulher lhe caíam cada vez pior. Olhar-se no espelho passou a ser motivo de vergonha, era uma agressão. Em vez de esclarecer, o espelho confundia. Mesmo sendo uma menina linda, se sentia horrível. Parecia simples ser menino; era só ser. Mas como, se o corpo dizia, em letras carnudas: me-ni-na? E ainda havia outra coisa: as pessoas...

A avó dizia: “Modos!” quando ela se sentava. Thammy não entendia. Custou a sacar que o problema eram as pernas, sempre abertas. Diante de seus veementes protestos contra as saias e os vestidos, os adultos começaram a fazer mais perguntas e interjeições. Por que uma roupa incomoda tanto? Qual o problema com a roupa?

A roupa era, sim, um problema imenso. Tanto que Thammy parou de comprar. A seção feminina, com suas cores e decotes, era impossível. Nada ficava bem. Nada! Fosse a roupa que fosse, quando Thammy se olhava nos olhos via um homem com roupas de mulher, uma piada, um palhaço. A sensação agonizante fez Thammy parar de ir ao shopping com a mãe. Ao contrário de toda adolescente, fugia de comprar roupa como o diabo da cruz. Entregou a tarefa; a mãe podia trazer o que quisesse, não fazia a menor diferença. Para Thammy era tudo igual; ela não gostava de nada.

POR QUE UMA ROUPA INCOMODA TANTO?

Essa pergunta começou na infância e durou longos 15 anos.

Thammy não queria agredir nem chamar atenção de ninguém. Mas estava tomando aversão pelas roupas de mulher. Toda vez que se arrumava

como menina, se sentia um travesti. O pai achava que ela gostava de se maquiar. Olhar de pai, porque, enquanto as primas e amigas gastavam tempo, pó de arroz, sombra e delineador na frente do espelho, Thammy passava um batom e, no máximo, quando muito, um lápis de olho.

Ela adorava ver as amigas se vestirem, mas esse prazer de fato só foi sentido quando ela tomou coragem e se trancou no quarto com algumas roupas do pai. Passou gel no cabelo para ficar bem curto e aí sim conseguiu se ver no espelho. Finalmente conseguiu se sentir bem, se gostar. Era a primeira vez que aquela pessoa tinha o privilégio de ter vaidade. Thammy entendeu que se vestir era algo que vinha de dentro para fora. Mas, então, o que ela era por dentro que ainda não era por fora?

Thammy tentou bravamente explicar-se a si mesma. Mas nada parecia suficiente. Ela não conhecia ninguém que tivesse os mesmos sentimentos que ela, a mesma dúvida. Não sabia nem se aquilo existia mesmo ou se era ela que estava pirando. A princípio, o que estava sentindo era errado, era algo a ser superado. Estava sozinha no mundo. Sentia cada vez mais afinidade com o sexo masculino: nas roupas, no comportamento e, mais do que tudo, na maneira de viver a vida. Mas ela era uma mulher, seu corpo era o de uma mulher. Como uma coisa dessas pode acontecer com uma pessoa?

Tratava-se de um mistério, o mistério de ser. Restava a Thammy aprender as lições dos seus próprios sofrimentos.

Um dia, num futuro próximo, ela conseguiria ter a clareza que descreveu em um caderno:

Ainda vou viver como homem, e, se aqui no Brasil eu sofrer preconceito, me mudo pra fora, onde ninguém me conhece, e começo do zero! Uma coisa que eu não tenho medo é de ser feliz!

TERCEIRA PARTE

O MEDO E O DESEJO

VENTOS DO NORTE

Pernambuco tem seus encantos; dizem que desperta desejos adormecidos. A brisa salgada do mar, as moças morenas. Talvez tenha sido isso. Aquela leveza nordestina talvez tenha feito bem a quem viveu sob o peso de São Paulo. Ou não. Eram só as coisas chegando ao seu tempo, nada mais.

Tudo começou quando uma amiga de Gretchen, produtora de shows, fez a ela um convite para trabalharem juntas na ilha de Itamaracá. As coisas em São Paulo tinham se fechado, mas o interessante de viver num país tão grande é que, mesmo quando a capital se esgota, ainda tem muita gente, em muitos lugares, falando o mesmo idioma. Ainda que sem glamour, a fama estava firme e forte a ponto de lhe render o pão. E Gretchen nunca teve medo de recomeçar. Ela enfiou a mudança num carro, passou a mão nos filhos e tocou em direção à capital de Pernambuco.

Passaram dois dias viajando. Maria Odete e três filhos, Thammy, Serginho e Gabriel, ainda pequeno. No bolso, o dinheiro do adiantamento dos shows que ela fazia na ilha de Itamaracá. Quando chegaram, pararam o carro em frente a uma placa onde se podia ler BEM-VINDOS A RECIFE. Maria Odete fez todo mundo descer e iluminou os filhos com uma ideia:

— Olhem bem para esta placa e façam um pedido. A partir do momento em que entrarmos nessa cidade, todos os nossos sonhos vão se realizar!

Thammy apertou os olhos e fez o seu.

A mãe não podia imaginar que o sonho da filha seria para ela, por algum tempo, um verdadeiro pesadelo.

MÃE CORAGEM

Gretchen tinha hotel para dois dias, garantido pela produção do show. Era o tempo necessário para organizar sua vida. Ela pegou o carro e disse para Thammy:

— Hoje eu vou arrumar uma casa para nós.

As afirmativas de Gretchen eram de assustar, porque se concretizavam. Thammy entrou no carro da mãe e as duas saíram juntas pela ilha de Itamaracá. Gretchen fez as contas e decidiu que alugar seria jogar dinheiro fora; ela iria comprar uma casa. Restava saber com que dinheiro.

Encontraram um condomínio ainda em construção. Gretchen mandou chamar o proprietário. A fama da cantora é a de ser curta e grossa, e com Seu Rogério não foi diferente:

— Quero uma das suas casas e vou entrar hoje com os meus filhos. A única coisa que eu tenho é a minha palavra. Te prometo que em seis meses te pago. O senhor aceita?

O homem aceitou na hora, disse que confiava na palavra dela. Além do mais, não é todo dia que a Rainha do Bumbum aparece na sua porta querendo comprar a sua casa. Vendeu a casa e ganhou uma história para contar pelo resto da vida.

Thammy voltou ao hotel com a mãe, pegaram tudo o que tinham, enfiaram no carro e foram para a casa nova. A construção ainda não tinha reboco. Paredes no tijolo, por dentro e por fora. Os buracos do ar-

condicionado. E mais nada. Não havia uma panela sequer. Na primeira noite, ficaram todos no mesmo cômodo. Mãe e filhos tiraram todas as roupas das malas e as amontoaram, formando estreitos colchonetes. Dormiram o sono dos anjos. Estar juntos era o mais importante.

O problema da casa estava resolvido, mas a família acordou no dia seguinte com um novo: o dinheiro para pagar a casa.

Gretchen chamou a amiga produtora e bolou um plano com ela. O carnaval de Itamaracá precisava de uma rainha, e a rainha precisava de dinheiro. Foi um pelo outro. Gretchen aprendeu o frevo e subiu no trio elétrico. Em menos de seis meses, a casa estava paga. E montada.

THAMMY, A BAILARINA

Quem vê de fora pode imaginar que Thammy foi obrigada, de alguma forma, a dançar, tamanho o desconforto que sentia em ser mulher. Mas foi uma escolha sua. Uma escolha que surpreendeu Gretchen.

Uma das bailarinas havia faltado, o que atrapalharia bastante o show. Thammy se ofereceu para substituí-la:

— Mãe, deixa eu dançar com você!

— Que dançar comigo o quê! Você nem gosta! Você não sabe nem dançar... Você tem vergonha!

— Vou fazer. Confia em mim que eu vou fazer.

— Mas você não curte...

— Vou fazer.

Thammy estava com 14 anos. Não ia bem nos estudos, não tinha um caminho ou um sonho profissional a ser realizado. Queria ficar perto da mãe, e era isso o que fazia sentido naquele momento. Ficar na ilha de Itamaracá com a mãe e os irmãos. E dançar era o jeito de fazer isso e ainda ganhar algum dinheiro. A mãe acabou topando.

— Está bem. Você ensaia com as bailarinas e dança comigo no carnaval.

Era um voto de confiança e também a chance de acabar com aquela sensação de que a mãe, sempre que partia, partia para sempre. Agora, Thammy partiria junto. Acabou o sofrimento da infância. Mesmo que só tivesse feito balé na escola, Thammy sabia aprender; era só ensaiar bastante. Fazer um esforço. E disso ela não tinha medo.

Na verdade, Thammy não gostava de dançar, muito menos de aparecer. Quando ia aos shows ou programas de TV, ficava na coxia, morria de vergonha da câmera. Quando pensava em uma profissão, pensava em ser médica. Mas daí a cursar Medicina tinha uma diferença muito grande: a diferença de sentar e estudar... Enfim, naquele momento, dançar era um caminho, era uma opção e parecia a melhor. Parecia.

Thammy deixou de lado a falta de vocação e se dedicou aos ensaios. Foi firme até aprender a dançar ou, pelo menos, a não atrapalhar as bailarinas. Fez de tudo pensando em se sair bem no palco, mas não considerou que todo palco tem uma plateia. E aí começaram os problemas.

Thammy virou um sucesso imediatamente. Não era uma bailarina como as outras, era a herdeira da Rainha do Bumbum, especialmente nas medidas e no ritmo. Além do mais, apesar de se achar feia, Thammy era linda, com seus longos cabelos pretos e olhos cor de esmeralda. Ela simplesmente destruía a plateia. A plateia também destruía o coração da ninfeta, só que de outra maneira. Os olhares lascivos dos homens, suas cantadas, suas piadas, causavam-lhe ora nojo, ora piedade. Diante daquilo, dançar ganhou outro significado, passou a incomodar. Ela pensou em se transferir para a produção do show, mas aí já tinha virado estrela, e sua presença no palco ajudava a vender. Vender era importante para sustentar a família. E o tempo foi passando.

ESTRANHO DESEJO

O desejo de Thammy pelas mulheres era para ela mesma algo surreal. Não dava para ter certeza se ela gostava mesmo ou se era só impressão, coisa de mulher. As mulheres são sempre meio tontas e um pouco lésbicas, diz uma personagem de Almodóvar quando é inquirida por uma amiga a respeito de seu casamento com um travesti no filme *Tudo sobre minha mãe*. Talvez fosse parte do universo feminino se encantar com as amigas, até para se defender dos meninos, socialmente ensinados a serem predadores. Além do mais, a adolescência faz as coisas ficarem mais perigosas e confusas do que elas realmente são. Então, Thammy tentava lidar com seus ímpetos da maneira que achava certa: controlando-os.

A diferença entre um ímpeto e um desejo, porém, é que o primeiro passa. Já o segundo... E Thammy começou a suspeitar que um dia ficaria com uma mulher. Não sabia quando nem como isso seria possível. Naquele momento, era algo muito distante. Praticamente impossível. Mas sabia que aconteceria.

Ela estava certa. A hora estava chegando.

UMA MULHER ESTÁ ME PAQUERANDO

Uma produtora, já conhecida de Gretchen, contratou um show dela no interior de Pernambuco. E lá foi Thammy com a equipe da mãe. Foram recebidas por essa produtora no hotel e muito bem-tratadas. Depois do almoço, todos se encontraram com a moça na piscina e, entre um mergulho e outro, Thammy sentiu sua pele queimar com outro tipo de sol. Eram os olhares da moça. Tudo muito discreto, mas também muito abrasivo. A cada olhar mais demorado, mais fixo, um arrepio — mistura de medo e atração — corria o corpo de Thammy. E sempre surgia assunto entre as duas. Numa das conversas, essa moça, Carla, pegou o celular de Thammy e salvou o número dela.

Thammy fez o show inteiro olhando para Carla. Quinze anos mais velha, Carla era lésbica, dava pinta e não tinha o menor problema com isso. A coragem de Carla fascinou Thammy. Era a coragem que ela não tinha, a certeza que ela não sentia. E, como não sentia, não podia sequer se imaginar enfrentando o mundo.

Depois das apresentações, Thammy voltou para a ilha de Itamaracá. E as duas começaram a se falar todos os dias pelo telefone. Thammy, a essa altura, já sabia o que queria. Mas não tinha coragem. Queria, mas não podia. Ou podia, mas não devia. Na verdade, preferia não estar sentindo o que sentia. Porém, quanto mais evitava, mais sentia. Quando via, estava ligando para Carla de novo, era vital ligar para ela. Podia até morrer se não ligasse para ela. Tinha até febre.

Apesar da intensidade do seu desejo, ele não lhe parecia normal, não parecia certo. É o que se aprende, e é difícil conquistar a tranquilidade em relação ao próprio desejo quando ele indica a homossexualidade. Thammy ainda sentia necessidade de se manter dentro do comportamento que entendia como normal. Não queria ser a vergonha da família. No desespero de remediar o irremediável, arrumou um namorado, um garoto gentil, Nelson. Para controlar a situação, era só fazer o que fazia qualquer menina da sua idade: não dar.

NO MOTEL COM O ZORRO

Thammy conheceu Nelson numa balada. Um cara bonitão e alegre, também de cerca de 17 anos. Começaram a bater um papinho e ele, hábil, já foi beijando. Nada que fizesse o coração de Thammy bater mais forte, mas não chegava a incomodar.

Nelson gostava de ver Thammy, embora tivesse algumas complicações para sair à noite. Sua família tinha uma briga com outra família da região.

Briga de cachorro grande. Nelson nunca saía sem segurança. Tinha outro amigo que ficava com uma amiga de Thammy, então as saídas acabavam sendo divertidas. O cara saía de Recife e aparecia em Itamaracá de barco para levar as meninas para passear. Era romântico. Do tipo que manda flores. O sonho de nove entre dez meninas. Foi se interessar justo por ela, a décima.

Um dia, Thammy saiu do show e foi encontrá-lo numa festa à fantasia. Tarde da noite, o Zorro já estava pra lá de Marrakesh e saiu arrastando Thammy para um motel. Thammy se muniu de todo o discurso da firme correção feminina — ao menos uma vez na vida a caretice do mundo lhe seria útil. Papéis distribuídos, se desenrolava a cena: a moça dizia não, o rapaz insistia. Chegaram a um consenso: iam para o motel, mas não fariam nada. Era só para dormirem juntinhos. Quem nunca?

Cidade pequena em sábado de madrugada, claro, o motel melhorzinho estava bombando. O único quarto disponível ainda estava sendo preparado e o casal teve que aguardar na antessala. Quando a camareira viu que a cliente era uma celebridade, chamou as colegas e foi meia hora de fotos com todos os funcionários do motel.

Finalmente, entraram no quarto, Thammy e o Zorro. Pena: as fotos estavam mais divertidas. O Zorro tirou a roupa e Thammy viu um homem pelado pela primeira vez na vida. Nem o pai ela tinha visto antes. Esclarecidas as questões anatômicas, visualmente esclarecidas, claro, a moça correu para o banho. E fechou a porta. Demorou o quanto pôde, na esperança de o Zorro ter dormido. Na dúvida, saiu do banheiro vestida. Lá estava o Zorro, supermega-acordado. Entrou no banho prometendo ser rápido. Thammy suspirou. Pensou, pensou. Precisava de uma saída. Boa ideia: estava cansada do show, era só fingir que estava dormindo. Mas o Zorro saiu do banho mais animado do que nunca. Acordou a beldade e começou a peleja. Negociações sem fim, Thammy topou dar uma ajudinha

manual, digamos assim. Mas sem tirar a roupa. Quem poderia negar que aquela era simplesmente uma moça de família?

APAIXONADA POR UMA MULHER

Ela ficou mais algum tempo com Nelson, saíam para passear, iam às lanchonetes, mas Thammy voltava pra casa o quanto antes. Para quê? Telefonar para Carla, lógico. Antes de ligar, sentia frio, ficava trêmula. Conversando com uma amiga, contou o milagre sem dizer o nome do santo e teve que ouvir a verdade na cara: Thammy, isso é paixão!

Finalmente estava acontecendo: Thammy havia se apaixonado por uma mulher. Era a primeira vez que aquilo acontecia, e era como se ela tivesse vivido aqueles seus 16 anos somente para chegar até ali. O amor havia lhe pegado pelo pé, mostrado para Thammy que ela não podia, como sua amada mãe, controlar tudo. E, se por um lado a fez sentir frio no calor, febre sem dor, também lhe deu alegria e sentido. Thammy começou a sonhar, a querer, a pensar em como fazer. Ela, que até ali tinha somente levado os dias, sem saber a que vinham, um dia bom, outro nem tanto, mas nada que brilhasse, agora tinha um porquê, tinha algo realmente importante acontecendo. Agora, sim, a orquestra começava a tocar a grande sinfonia da vida!

Como o universo conspira, e como nada é por acaso, foi justamente aí que Carla decidiu tirar a história a limpo. Marcaram de se encontrar em Recife. Os telefonemas infinitos já aconteciam havia mais de um ano, sem um beijo sequer. Um verdadeiro amor platônico. Mas estava na hora de acabar.

Thammy foi pegar Carla, que estava hospedada na casa de uma amiga. Ela se lembra de ter enchido o tanque antes de ir, como se quisesse pegar a estrada e sumir por aí. E foi mais ou menos o que aconteceu. Quando a moça entrou no carro, Thammy não conseguia olhar nos olhos dela. E

também não conseguia parar de dirigir. Diadorim às avessas, gastou um tanque de gasolina para não ter que decidir o que fazer quando tirasse as mãos do volante. Rodou Recife inteira seis vezes para não ter que abrir os lábios e beijar pela primeira vez uma boca doce e macia de mulher. Porque, depois que fizesse isso, sabia: seria ela contra o mundo.

Quando a situação se tornou insustentável, Thammy deixou Carla na porta da casa da amiga. Claro que Carla ficou furiosa. Saiu batendo a porta, e Thammy respirou aliviada. Mas por poucas horas. Não conseguiu dormir sem ligar para Carla e se desculpar. Mais velha e mais experiente, Carla entendeu. Mas pediu que Thammy fosse à sua cidade encontrá-la. Thammy prometeu que ia. E não foi.

Thammy não conseguia decidir, não conseguia bancar. Achou melhor esquecer. Os telefonemas foram esfriando, esfriando, até não rolarem mais. Thammy ficou com Nelson, mas nunca sentiu por ele nada sequer parecido com o que sentiu por aquela mulher que não teve coragem de beijar.

UMA PERSONAL PARA CHAMAR DE SUA

Amor traz amor. E às vezes o caminho mais curto entre duas pessoas é uma terceira. Com Thammy, pelo menos, foi assim.

Depois do fracasso com Carla, ela continuou namorando o rapaz de família. Assim, todo mundo ficava feliz. A mãe, o pai, os irmãos, os amigos, os vizinhos, os fãs. Todos. Menos Thammy. Até que um dia apareceu na academia uma personal trainer tão rigorosa quanto gata. Olhou para Thammy e disse que ela estava fazendo tudo errado. Malandra e um pouco menos assustada com o próprio desejo, Thammy resolveu arriscar:

— Em vez de ficar me criticando, por que você não vem me ajudar?

Deu certo. Todo dia as duas passavam quatro horas malhando. Era muita vontade de malhar. Treino, aula, depois treino, depois aula... Até que a

personal teve uma ideia. Thammy estava se alimentando muito mal; era melhor passar a comer na casa dela.

A cada vez que Thammy entrava na casa da professora de ginástica, o clima era tão intenso que o ar podia ser cortado à faca. Thammy chegava, sentava na frente da televisão e mal conseguia se mexer. A professora fazia a comida. Os vapores, os cheiros e o coração que não parava de pular no peito. Vai acontecer, hoje vai. Ai, meu Deus. Quase acontecia. E nesse quase estava a receita da paixão.

Um dia, Thammy passou para buscar a professora para a aula. Nada pode ser mais excitante que uma simples carona quando se está paquerando. Pode, sim. A professora não estava pronta, pediu pra Thammy subir. Thammy subiu e a personal, haja coração, ainda estava trocando de roupa. Thammy sentou-se na frente da televisão e não conseguiu se mexer sequer para tirar os óculos escuros.

— Você vai ficar de óculos?

— Vou.

Uma vergonha dos diabos, o corpo já formigando.

— Você ainda demora? — balbuciou Thammy.

A professora respondeu sentando-se no seu colo:

— Sim, muito.

E veio o beijo. A boca macia, uma língua esperta e tranquila passeando por seus lábios, sua língua, saliva doce de mulher, uma explosão de desejo. Se apertaram, se pegaram. De onde saía aquela força suave, aquela precisão no gesto, aquele calor perfumado? Thammy já sabia que uma mulher poderia ser uma delícia, mas não imaginava que fosse tanto. Os seios da professora em suas mãos, redondos e quentes, sua maciez volumosa, ela os levou à boca e sentiu que o prazer podia enlouquecer. Mas havia a aula. E as duas saíram correndo.

Thammy passou o dia nas nuvens. Um tesão louco, uma coisa que não acabava mais. Finalmente Thammy descobria do que de fato gostava. E não

gostava pouco.

POLIAMOR DE OCASIÃO

E aí aconteceu o que acontece desde que o mundo é mundo. Depois de tanto tempo sem saber o que era o romance, Thammy passou a viver para ele. Mantinha o namorado que a família adorava, a namorada que ela adorava e a história com Carla não tinha acabado.

Estava vencida uma fase: Thammy não tinha mais medo de ficar com uma mulher. Chegou a hora de procurar Carla novamente. Avisou que seria só um abraço, coisa rápida. Carla disse não quinhentas vezes. Mas Thammy estava determinada. Agora, de posse do seu próprio corpo, do seu próprio prazer, não aceitou um não como resposta. E perturbou Carla até ela ceder.

Como havia acontecido quase três anos antes, Carla entrou no seu carro. Mas dessa vez Thammy pegou a primeira esquina mais discreta, parou e lhe tascou um beijo.

Se o beijo da professora tinha acabado com a curiosidade e confirmado o quanto era melhor o beijo de uma mulher, o de Carla era outra coisa. Era um beijo de amor, que se beija com força nos lábios, em que o coração quase para, que dá falta de ar. Os corpos das amantes ferviam de desejo, embaçando os vidros do carro. Não era um beijo, era um delírio. Acordado por um telefone que não parava de tocar.

Durante um tempo, Thammy equilibrou-se entre três amantes. Quando o namorado pediu Thammy em noivado, Gretchen aceitou. Foi uma festa na família. Mas a situação não era sustentável e Thammy não tardou a terminar com a farsa.

Restavam Carla e a professora. Mas ainda era muita gente. Na verdade, não havia muito o que decidir. A professora era linda e muito gentil, mas o

amor era Carla. E elas passaram três anos juntas, um deles em completo segredo.

DENTRO DO ARMÁRIO

Manter uma vida secreta com Carla era uma resolução temporária. Thammy falava com a namorada às escondidas, e ficava triste por mentir para as pessoas que amava. Tinha vergonha da família, medo da reação das pessoas quando entendessem o que estava acontecendo. O lugar seguro era a casa de Carla. Entre quatro paredes, as duas encontravam a paz tão desejada. E com isso Thammy se afastou do mundo, dos amigos, dos irmãos. E da mãe.

Gretchen começou a estranhar o fato de Thammy não dormir mais em casa. E também notou que o comportamento da filha tinha mudado. Vivia pelos cantos, falando baixo no celular. A cara sempre meio triste, aquilo não combinava com Thammy. Não conversava mais, não aparecia para jantar. Intuição de mãe não falha: Maria Odete tratou de confirmar suas suspeitas. E não foi difícil.

Thammy e Carla trocavam mensagens o dia inteiro, então a operação de espionagem de Gretchen consistiu apenas em pegar o celular da filha e mexer um pouquinho nele. Estavam na estrada, em direção a mais um show, quando Gretchen pediu o celular de Thammy. A filha entregou e esperou. Como Thammy não tinha coragem de resolver a situação, deixou o acaso entrar para dar uma forcinha. Ele deu. Foi Gretchen pegar o aparelho e chegar uma mensagem de Carla: “Te amo, minha flor.”

Thammy percebeu que a mãe tinha visto alguma coisa, esperou pela bomba, mas não aconteceu nada. Quando o ônibus parou na estrada, desceram em frente a uma lanchonete. Gretchen chamou Thammy num canto e perguntou, laconicamente:

— É verdade?

Thammy respondeu da mesma maneira:

— É.

É. Do verbo “ser”. Uma palavra de uma letra, imensa em seu sentido. Aquele “É” estava preso na garganta havia anos. Estava esperando o momento e significava o primeiro encontro da verdadeira personalidade de Thammy com a de sua mãe, já tão profundamente imposta. Uma frase de uma letra e tudo por mudar.

Para Gretchen, era um castelo desmoronando. Um sonho se tornando pesadelo. “Onde foi que eu errei?” A pergunta das mães chegava pela primeira vez para ela que tinha cuidado de tudo, controlado tudo. Que não tinha tido folga, que tinha sido mãe quando seria impossível ser mãe. Que tinha lutado por aquela garotinha com todas as suas forças. Por que sua filha, sua primeira filha, tão linda, tão boa filha, estava fazendo isso contra ela?

É comovente o esforço que uma pessoa pode fazer para evitar o inevitável. Gretchen fez todo tipo de esforço. Sua decepção era profunda e fundamentava todos os seus gestos desesperados. Se, num só golpe, seu mundo desmoronava, da mesma forma o de Thammy começava a nascer. Era o fim dos namoros falsos, das roupas insuportáveis, das mentiras. Thammy se sentiu forte o suficiente para enfrentar o que viesse. E vinha mesmo, com tudo.

Gretchen desatou a chorar. Carla era mulher feita e estava seduzindo sua filha de 16 anos! Ela determinou que Thammy nunca mais veria Carla, fez um pequeno escândalo. Quem olhasse de fora podia imaginar que a mãe estava revoltada porque a filha havia perdido a virgindade. Muito pelo contrário. Esse problema Gretchen não teria nunca.

A decepção de Gretchen não era somente quanto à homossexualidade da filha, mas quanto ao fato de ela nunca ter lhe contado nada. Gretchen já havia desconfiado de que o envolvimento de Thammy com a produtora

pernambucana não era apenas amizade. Num momento anterior, ao ver Thammy falando com Carla ao telefone, chegou a perguntar:

— A Carla ligou pra mim?

— Não, pra mim — Thammy respondeu.

— Que história é essa de você e a Carla ficarem se ligando? Vai dizer que ela está te cantando?!

Thammy, ainda muito confusa e com medo da reação da mãe, encenou. Fingiu o que gostaria muito que fosse verdade:

— Que que é? Você está desconfiando de mim? Eu não sou sapatão, não!

Era, sim. Mas, se mal conseguia admitir para si mesma, como conseguiria admitir para a mãe? A autoridade máxima na sua vida, aquela mãe tão forte e temperamental, tão dona da verdade?

Trapaças da vida. O que Thammy nunca tinha imaginado é que aquela mulher tão forte queria somente a verdade. Queria a oportunidade de ouvir essa verdade da boca da sua própria filha e assumir com ela a responsabilidade sobre o que fazer. Queria poder proteger sua filha. Em plenos anos 1990, quando raríssimas mulheres se assumiam gays publicamente, fazia todo o sentido Gretchen tentar evitar a exposição da filha ao preconceito social.

O fato é que o problema principal era — quase sempre é — a falta de comunicação.

Thammy via em Carla uma mulher inteligente e gentil, encantadoramente livre para viver sua homossexualidade. Gretchen via uma amiga traiçoeira que estava tendo a cara de pau de seduzir sua filha na sua cara.

Mãe e filha em posições radicalmente opostas, sem conseguir dialogar. O cenário estava armado. A ruptura seria inevitável.

Quando chegaram ao hotel, Gretchen tirou o celular de Thammy, o que era perigoso, já que Carla não sabia de nada. Para Gretchen começar a receber mensagens indecentes não custava. Ou melhor, custaria, e caro.

Thammy desceu em busca de um orelhão, avisou Carla e voltou. O tormento estava só começando. Quando voltou ao hotel, Gretchen perguntou aonde ela tinha ido. Thammy, ressabiada, mentiu. E Gretchen viu nos olhos da filha que ela estava mentindo. Mais uma mentira. Foi a gota d'água.

Triste cena. Mãe e filha, agora, rompiam em violento desacordo. Gretchen deixou descer pelas mãos toda a sua decepção, sua revolta. Sua mente estava turva, encharcada de decepção. Não tinha recursos, não tinha mais palavra que desse conta do que sentia. Restava o gesto bruto. Pegou Thammy pelos cabelos e a atirou violentamente contra o chão. A raiva era tanta que ela poderia ter feito pior; com dificuldade, conseguiu se segurar.

O desespero realmente faz essas coisas com uma mãe, com um pai. São as ilusões de controle e de posse que se pode infelizmente ter sobre um filho. Isso Thammy poderia até compreender. Mas nenhum tipo de agressão física poderia doer mais do que a única frase inteira que Maria Odete conseguiu dizer:

— Eu preferia ter uma filha morta a ter uma filha sapatão.

A frase caiu como veneno nos ouvidos de Thammy. Tudo o que ela precisava era viver, sentir-se viva, plena em sua existência. Quando começava a sentir-se assim, sua mãe a preferia morta?

Gretchen tem uma lembrança diferente. Ela se lembra de ter falado que preferia uma filha drogada a uma filha sapatão, já que para a filha drogada a solução seria um tratamento, uma clínica de desintoxicação. Já a homossexualidade não tinha tratamento.

De toda forma, o tempo deixou claro que não era verdade o que Gretchen dizia; era puro sofrimento. Não era fácil para uma mulher que decide e que controla tudo à sua volta estar impotente. No fundo, Gretchen sabia, desde as primeiras desconfiças, que nada poderia fazer para controlar o desejo da filha. Porque ele simplesmente não lhe pertencia. O desejo de alguém pertence a essa pessoa.

A situação era delicada. Uma torrente de emoções fortes por tanto tempo represadas enfim desaguava em ondas altas, incontornáveis. Ninguém sabia lidar com aquilo, não naquele momento. Thammy queria o direito à sua intimidade sexual. Gretchen se sentia traída pelas mentiras de Thammy. Mas nem toda mentira é uma traição. Às vezes é a incapacidade total e paralisante de lidar com a verdade.

— Você acha que é fácil pra mim me aceitar gostando de mulher? Você acha que eu escolhi isso pra mim? — perguntou a filha, entre lágrimas.

Thammy não tinha feito uma escolha, simplesmente porque ela não tinha escolha, gostar ou não gostar de mulheres. Não era algo que ela pudesse optar, tirar de si, como uma camisa.

Ela tentou esconder o quanto pôde. Tentou silenciar o desejo em si mesma; não era confortável ser diferente. Não era uma alegria decepcionar sua mãe. Saber que, assim como a mãe, agora o mundo estaria contra ela. Seria alvo de curiosidade e preconceito, teria que enfrentar situações sociais ultrajantes. Mas não era uma escolha, era uma condição existencial. Não se tratava só do amor que sentia por Carla. Tratava-se de toda uma vida vivida pela metade e que agora estava sendo vivida inteira.

E não tinha sido essa a educação que a mãe tinha dado à filha? Fosse de Gretchen, fosse de Maria Odete, Thammy tinha tido lições de liberdade durante toda a sua vida. Lições de autonomia, lições de autoempoderamento. Sua mãe nunca abriu mão de um desejo sequer. Viveu tudo o que quis viver. Foi símbolo sexual e foi mãe. Casou-se e se mudou tantas vezes quantas se apaixonou. E se apaixonou muitas vezes. Nunca aceitou ser humilhada por homem nenhum. Nunca aceitou críticas à sua forma de viver. No entanto, em sua reação violenta e imperiosa, ela estava agindo como se fosse outra pessoa. Como se fosse uma rainha do lar, uma freira, uma Amélia puritana que nunca, nem em sonho, conheceu o desejo.

Gretchen e Thammy, tão parecidas. Tão fortes e tão frágeis.

UM DESCANSO NA LOUCURA

No meio do tumulto, Maria Odete pegou o telefone e ligou para Ronny. Gretchen chorava e gritava. Ronny parou o carro, com o coração disparado.

— O que houve com a Thammy? — gritou ele.

— A tua filha está transando com mulher!

— Como é que é?

— Fala com ela!

Thammy pegou o telefone.

— Filha, é verdade o que a tua mãe está dizendo?

Silêncio. O chão, aquele mesmo chão sob os seus pés, definitivamente rachado, cada borda se afastando para um lado. O abismo lá, embaixo. *Dizer a verdade para o meu pai? Dizer a verdade, sim, claro, sempre. Custe o que custar. Quem ama aceita. Cruzar os dedos.*

— É, sim, pai.

— E qual é o problema? Mulher é muito bom mesmo!

Sim, foi o que o pai disse. As partes do chão se colaram rapidamente. Em algum momento havia mesmo existido um abismo? Ou era um exagero da sua mãe? Thammy não pôde se controlar, caiu na gargalhada.

Era divertido aquele contraste. Ronny, um machão, policial civil, um tremendo linha-dura, entendeu na hora e apoiou a filha. Gretchen, a artista descolada, *sex symbol*, ícone gay, entrou num terremoto emocional.

Ronny disse para Thammy ficar tranquila. Ele não via problema nenhum nisso, desde que a filha estivesse feliz. Por mais que fosse difícil esse momento, ficou mais fácil. O simples fato de não precisar mais mentir tornava tudo muito mais suave. Pai herói. Soprou a nuvem de tempestade para longe com seu amor, sua alegria. Ali estava o homem que Thammy queria ser. Mas isso ela só descobriria tempos depois.

CURA GAY

Certa de que Thammy estava entregue às más companhias, vítima de vampirismo e forças demoníacas, Gretchen encontrou uma nova solução. Se ela sozinha não tinha conseguido resolver, a igreja resolveria. Afinal, demônios e igrejas estão sempre muito próximos. Thammy insistiu que não se tratava de um problema espiritual amar uma pessoa do mesmo sexo, mas Gretchen foi irredutível. Negociou a liberdade da filha por sessões de exorcismo.

Lá se foi Thammy para o culto, não sem antes Gretchen explicar tudo muito direitinho ao pastor.

A igreja estava lotada como um circo e a atração da noite era Thammy, a filha de Gretchen. Uma atração e tanto porque a desgraça é mais desgraça quando recai sobre gente famosa. Thammy estava humilhada e ofendida como uma personagem pobre de livro russo no inverno. Mas levantou a cabeça e foi em frente.

O pastor chamou Thammy. Era a hora de exorcizar o espírito da homossexualidade que invadia aquela pobre menina. Maria Odete segurava a mão da filha, como se ela realmente precisasse de ajuda para andar até o centro da igreja, onde ficou mais visível aos olhares dos curiosos.

E o pastor começou a falar. A falar alto. Logo em seguida, passou a gritar. Para piorar a situação, sem muita técnica vocal, o homem cuspiu loucamente enquanto gritava seus versos de exorcismo:

— Sai, demônio! Sai!

Falava cada vez mais alto e cuspiu cada vez mais longe. Virou uma chuva de perdigotos em cima da cabeça de Thammy. Se aquilo tirasse mesmo a má energia, ela estaria imunizada por cem anos.

Sem nenhuma reação enfática de Thammy ou de qualquer espírito que a fizesse desmaiar, falar coisas desconexas ou dar risadas satânicas, a situação começava a ficar cômica. O pastor sacudindo a garota, que, frouxa em suas

mãos, olhava para ele sem entender muito bem. Foi quando a cena chegou ao clímax. O pastor perguntou, aos gritos:

— Qual o seu nome?

A garota respondeu, indignada diante do fato de aquele homem não saber nem o nome de quem estava exorcizando:

— Thammy!

Fez-se um silêncio geral. Todos esperavam ouvir o nome de um demônio. Só Thammy não entendeu que ele estava perguntando o nome do espírito. Mas que espírito? Ficou claro para a audiência que não havia espírito algum ali. Com cara de tacho, o pastor precisava de uma justificativa rápida. Ele se recompôs e, com voz macia, se dirigiu à mãe desolada, seguido atentamente pelos fiéis:

— O espírito está escondido. Ela tem que vir aqui sete terças-feiras seguidas para ele aparecer!

Nessa, nem Maria Odete caiu.

A igreja estava mais interessada em promover o diálogo do pastor com o demônio do que o diálogo da mãe com a filha. Com sua promessa de resolução rápida a partir de uma situação bizarra e extrema, a igreja serviu para cindir de vez a relação das duas. Maria Odete tentava acreditar que, para seu pesadelo acabar e ela ter sua filha de volta, só faltavam mais seis terças-feiras. Thammy se negou a retornar àquele lugar horrendo e levar outra chuva de cuspe do pastor.

Depois de muito discutirem, exausta porém mais lúcida do que nunca, Thammy olhou nos olhos da mãe e perguntou:

— Você acha sinceramente que eu estou fazendo tudo isso só para chamar a sua atenção? Você acha que, se eu pudesse escolher, escolheria sofrer preconceito? Você não está vendo o quanto isso tudo está sendo difícil pra mim?

Era para as duas se abraçarem e se prometerem amor eterno e incondicional. Mas Gretchen ainda não estava pronta. Só tinha ouvidos para

seus medos e preconceitos. Friedrich Nietzsche, o filósofo alemão, dizia que o que enlouquece não é a dúvida, mas a certeza. E Gretchen estava certa de que a filha era vítima de más influências.

— Você escolhe, Thammy: ou eu, ou ela.

Thammy pensou em quantos maridos Gretchen já tinha tido, independente de Thammy gostar ou não deles. Resolveu não responder para a mãe. Mas respondeu para si mesma. A mãe, bem ou mal, nunca deixaria de ser mãe. Sendo assim, a namorada era a única opção. Além do mais, Thammy tinha demorado muito para chegar até ali; não era mais hora de desistir.

INDEPENDÊNCIA SEXY

Tomada a decisão pela namorada, o novo problema era se sustentar. Se teria que romper com Maria Odete, não tinha mais como trabalhar com Gretchen. Com 17 anos e a cabeça a mil, Thammy tomou uma decisão da qual se arrependeria para sempre. O fato é que o desespero faz coisas idiotas parecerem aceitáveis. E Thammy estava desesperada. Estava esgotada a relação com a mãe e voltar para a casa do pai não era uma opção. A única coisa que ela queria era viver com a mulher amada, sob o mesmo teto, dividir o pão. Esse seria o oásis em meio a tanto sofrimento. O perigo era a pressa para que isso acontecesse.

Existia, ainda existe, sempre vai existir, todo um mercado voltado para o desejo sexual. Há o mercado legalizado e o ilegal; estamos falando do primeiro. Os shows que Thammy fazia com Gretchen eram uma ponta desse mercado. Os programas de auditório, com suas chacretes e bailarinas, outra. As revistas pornográficas, gentilmente chamadas de revistas masculinas, outra. Os dois primeiros haviam sido francamente explorados e já não rendiam os dividendos que Thammy pensava ideais para sua independência

financeira. Ela resolveu explorar o terceiro, vendendo um ensaio fotográfico para a revista *Sexy*. Seria tiro certo. Uma tarde no estúdio e grana no bolso para três meses de confortável vida conjugal. E o que seria vendido? Claro, não só a Thammy, mas a filha da Gretchen.

Thammy conversou com a mãe sobre o assunto. Gretchen ficou feliz porque viu no projeto da filha um sinal de que a homossexualidade era uma fase, desagradável mas passageira. Se ela se interessava em posar para uma revista masculina, havia esperança.

Gretchen negociou um percentual sobre o cachê pelo fato de a filha estar usando seu nome, Thammy Gretchen. Thammy topou. Na verdade, ficou magoada, mas escondeu. Não discutiu o assunto, não fez caso. Quando Thammy quer alguma coisa, quer para ontem e não pensa nas consequências. Não consegue calcular o esforço nem esperar pelo benefício. Foi esse o método que ela usou para se salvar várias vezes e em muitas deu certo. Tornou-se um vício de comportamento.

UMA ARTISTA A MENOS NO MUNDO

Quando chegou para o ensaio, Thammy não tinha feito as unhas, não tinha se depilado, não tinha sequer um batom na boca. Não tomou os cuidados que uma profissional deveria tomar. Gretchen já se aborrecia com esse desleixo desde os primeiros shows, quando Thammy aparecia para dançar sem maquiagem e de cabelo molhado.

O caso é que não havia nenhuma vocação na garota para a vida de *sex symbol*, de pop star. Havia somente um rol de necessidades práticas que ela precisava resolver: se a mãe viajava e ela queria ficar perto da mãe, virava bailarina; se queria morar com a namorada e não tinha dinheiro, fazia um ensaio sensual. Thammy ia levando a vida de incêndio em incêndio. E Gretchen, vendo a garota chegar daquele jeito para fotografar, teve que agir.

Uma hora depois, Thammy estava divina e maravilhosa, como devem estar as fêmeas para despertar o desejo dos machos.

A revista *Sexy* da filha da Gretchen vendeu como água no deserto. Por que foi um erro se foi um sucesso? Thammy até hoje sente o estômago revirar quando vê uma dessas fotos. A ingênua necessidade de resultado imediato a levava para o extremo oposto do que queria. Agora ela não era mais apenas uma das bailarinas do show da Gretchen. Ela assumia definitivamente o lugar de símbolo sexual herdado pela mãe. Enquanto sua autopercepção seguia veloz em direção a uma identidade masculina, seu corpo era exposto como exemplo de beleza feminina. E quem poderia imaginar que tamanho conflito estava acontecendo dentro daquela pessoa? Nem a própria namorada. Na verdade, nem mesmo Thammy sabia direito o que estava vivendo. Estava guardado tão fundo que até hoje as fotos lhe causam náuseas. O corpo registrou o sofrimento que a mente escondeu.

Ficou também a mágoa dos pais. Thammy, como todo adolescente, precisava de limite e se ressentia de que eles não tivessem dado. Imagina até hoje a frase que queria ter ouvido:

— Não, você não vai trabalhar aos 15 anos. Você vai estudar, vai se formar, você vai ser alguém. Depois, se quiser ser bailarina de show sensual, é problema seu.

Thammy tem certeza de que teria tomado outro rumo na vida. Jamais teria sido artista. Mas isso também pode ser apenas uma forma de jogar o problema no colo dos pais. Quem nunca?

QUEM CASA QUER CASA

Revista nas bancas, dinheiro na conta. Thammy fez o sacrifício e recebeu a recompensa. Agora era juntar suas coisas e finalmente responder à pergunta de Maria Odete:

— Ela ou eu?

— Ela.

Thammy alugou um apartamento para morar com Carla, e lá as duas fizeram um paraíso particular. Dentro de casa, de sua própria casa, Thammy passou a se vestir como se sentia bem. Sapato e calça social com camisa de botão. Como ainda tinha cabelos longos e uma bunda bem pronunciada, digamos assim, ficava uma figura meio bagunçada, mas já era alguma coisa. Podia assumir os trejeitos que na rua e diante da família tinha que esconder, o que lhe causava um enorme desconforto e a sensação de estar mentindo.

Carla agora era namorada e agente de Thammy. Produtora e mulher experiente, conhecedora dos preconceitos sociais, cuidava para que Thammy jamais confundisse a liberdade que tinham em casa com o comportamento em público. Depois dos shows, quando saíam para jantar, tinham o cuidado de levar um amigo, que sempre se sentava ao lado de Thammy. Valia até um selinho para que os curiosos que não tiravam o olho de cima da moça pudessem ser facilmente enganados — não era o que eles queriam? Thammy tinha roupas de sair e roupas de ficar em casa, como todo mundo. Não é que as primeiras fossem melhores e mais novas que as segundas. As de sair eram “de menina”. As de ficar em casa, “de menino”. E Thammy amava as de ficar em casa com a mesma intensidade com que odiava as de sair.

Agora Thammy tinha seu próprio espetáculo e vivia confortavelmente dele. Carla tratava de protegê-la do assédio de homens e mulheres que viam no show a porta aberta para a prostituição. Barrou inúmeras propostas indecentes e uma ficaria para a história. Um homem ofereceu um Alfa Romeo, carro de luxo na época, e mais o que seria hoje algo em torno de vinte mil reais para passar uma hora com Thammy. Carla teve vontade de enfiar a mão na cara dele, mas, como produtora, tinha que manter a postura; como namorada, não podia dar pinta. Thammy chegou a brincar com Carla:

— Umazinha só, o que tem de mais?

A verdade é que ela jamais conseguiria.

ENGANANDO GRETCHEN

Numa de suas explosões de raiva, Gretchen proibiu Thammy de ver os irmãos. Thammy podia aceitar que a mãe se negasse a falar com ela. Apesar de tudo, sempre teve muita certeza do amor, bruto amor de Maria Odete. Sabia que essa situação não se sustentaria por muito tempo, afinal elas sempre tiveram suas brigas, que nunca foram definitivas. Agora, não ver os irmãos... era inaceitável. Thammy resolveu não bater de frente; resolveu agir na malandragem.

Pegou o telefone e negociou com a babá das crianças. Assim que Gretchen saía para viajar, Thammy pegava o irmão menor. Parava o carro na calçada em frente ao prédio e o menino estava lá, de mochilinha, esperando pela irmã. Passavam o fim de semana se divertindo e no domingo Thammy o devolvia, antes de a mãe chegar.

O AMOR E SEUS FIOS

Como sempre aconteceria a partir dali, Thammy alternaria momentos de penúria com momentos de opulência. Ganhava muito e gastava tudo. Não tinha a mentalidade de guardar ou investir o dinheiro para garantir certa folga no futuro. Isso lhe parecia uma bobagem. Ganhar bem significava gastar bem. Ela também gostava de exercer sua generosidade com os amigos. Do lado de Thammy, ninguém passava aperto. Por outro lado, quando chegava a pindaíba — e ela sempre chegava —, Thammy não dava um pio, não gemia. Só ficava sabendo que ela estava em apuros quem observava detidamente. Uma amiga, certa vez, chegou em sua casa e percebeu que Thammy não tinha água para beber porque não tinha dinheiro para comprar. Mas nem isso a fez pedir um centavo que fosse.

A vida das duas namoradas tinha seus encantos, mas, como diz o ditado, depois do primeiro quilo de sal, os problemas começaram a aparecer. Carla, aos poucos e de maneira terrivelmente natural, acabou por se tornar a segunda mãe de Thammy — a tal da maternagem, muito fácil de acontecer com qualquer tipo de casal. Além disso, surgiu um problema que só poderia aparecer numa relação gay. Carla era ativa e estava casada com a gata da capa. Mas a gata da capa estava cada dia menos interessada em ser passiva.

Como o amor forma um laço feito de muitos fios, o fio do sexo se rompeu, mas elas continuavam muito ligadas. Carla era forte, poderosa. Estruturava e protegia Thammy. Ensinou-a a deixar de ser uma criancinha mimada, dependurada no dinheiro do pai e da mãe, para aprender a lutar como adulta pela própria sobrevivência. Justamente porque tinha aprendido, Thammy estava bombando na capa da revista. Com uma agenda cheia na região metropolitana, acharam por bem passar uma temporada em São Paulo. Seria ótimo para os negócios. Já para o amor...

TODO MUNDO AQUI É GAY?

Ronny estava morto de saudade da filha que havia ido para o Recife viver com a mãe e nunca mais voltara. Quando Thammy ligou avisando — ela sabia que jamais precisaria pedir uma coisa dessas ao pai — que estava indo para a casa dele com Carla, ele adorou. Recebeu as duas com total naturalidade, com o carinho com o qual se recebe pela primeira vez um genro ou uma nora. E, quando ficou sozinho com Carla, falou, bem sério:

— Olha, você não magoa minha filha, viu? Eu sou policial!

Carla deu risada na cara de Ronny e ali eles passaram a ser bons amigos. Nunca, nem por um momento, Carla foi destratada por Ronny. Os dois colaboraram entre si e se cuidaram, convivendo com tranquilidade sob o mesmo teto.

Quando Carla e Thammy deixaram o apartamento em Recife, a ideia era fazer alguns trabalhos em São Paulo, aproveitando o sucesso da revista, e voltar para casa com um bom dinheiro. Mas as coisas em São Paulo começaram a funcionar bem, e a estadia foi se estendendo. Uma noite, depois do trabalho, Carla teve a ideia de levar Thammy para conhecer a noite gay de São Paulo. Já que era inevitável, que Carla fosse com ela. Escolheram a famosa boate Angel, na Vila Madalena. Quando Thammy entrou no lugar e viu aquele mundaréu de gente dançando techno e se esfregando na pista, homem com homem, mulher com mulher, teve a sensação de que havia chegado a outro planeta:

— Todo mundo aqui é gay? — perguntou ela a Carla, gritando sobre o som altíssimo.

— Claro!

— E todo mundo sabe que todo mundo aqui é gay?

— Claro, né, Thammy?!

— Uhuuuuuuu!

Se não era outro planeta, o paraíso, com certeza, era. Thammy ficou deslumbrada. Caiu na pista e se viciou na balada. Quem nunca comeu melado quando come se lambuza. Rapidamente correu a notícia: a filha gostosa da Gretchen estava frequentando o *bass fond* — ou, como dizem as bichas, o bafão. Logo a oferta despertou a procura. E vieram as traições.

Carla não gosta muito de se lembrar desse momento. Depois de anos de amor e proteção, sua amada simplesmente começou a dar os famosos “perdidos”. Não aparecia, não ligava, não dava a menor explicação. Carla não era idiota e percebeu rapidamente que Thammy estava deslumbrada com a mulherada que se jogava em cima não só da gata, mas da celebridade, de olho nas oportunidades que dali poderiam advir.

Como estavam pretendendo ficar por mais tempo em São Paulo, Carla foi até Pernambuco visitar seus pais. Acabou ficando por lá uns 15 dias. Thammy não resistiu: foi tempo demais para ela, que, em bom português,

enfiou o pé na jaca. Beijou tanto quanto podia. E logo descobriu os prazeres de outro tipo de mulher: a popozuda.

A famosa popozuda, a gostosona, a sexy turbinada. Experimentou todas, tão rápido quanto pôde, enquanto Carla não voltava. Mas aí aconteceu... a caçadora virou caça. Uma das gostosonas, Flávia, roubou seu coração. Thammy se apaixonou por Flávia e, numa demonstração de que realmente tem coração de homem, fez aquilo que não se faz nem num namoro de seis meses, que dirá numa relação de três anos: terminou com Carla pelo telefone.

Carla ficou arrasada, mas já sabia que aquilo podia acontecer mais cedo ou mais tarde. Escreveu uma carta de despedida que Thammy guarda até hoje:

Eu não posso te ensinar, menina, a respeitar o próximo. Posso e devo pedir que me respeite. Você não fez isso por falta de amor, mas por não ter experiência. Por não saber. Por ser imatura. Só que eu não tenho 19 anos, como você (...) Termino por aqui a minha passagem pela sua vida. Ou pelo menos até você saber o que quer da vida, a me valorizar.

Thammy não tinha condições de levar aquilo a sério. Estava vivendo sua sexualidade de uma maneira nunca antes sequer imaginada. Não tinha a menor vontade de voltar para Recife. Estava de novo em São Paulo, onde tinha casa e família, além de estar apaixonada pela nova namorada. Egoísta, como só é perdoável ser aos 19 anos, se deu ao luxo de não aparecer sequer para desmontar o apartamento onde viveu com Carla. Não queria sair de sua plena felicidade de apaixonamento para se incomodar com a tristeza do fim de uma relação de amor.

Num ato inconsciente de covardia, pediu para Gretchen ir buscar suas coisas. Thammy não sabia que isso não iria dar certo? Ela não quis saber. O

fato é que Gretchen esvaziou o apartamento, tirando inclusive as coisas de Carla. Colocou tudo num depósito e se negou a entregar os pertences daquela que considerava a responsável pela homossexualidade da sua filha. Era a hora da vingança. Carla perdeu todos os seus pertences. Da televisão às roupas. Dos objetos pessoais aos seus diários. Gretchen se negou a entregar o seu computador, onde estavam seus arquivos de trabalho e seus poemas. A cantora disse que só entregaria a chave do depósito para Thammy. Esta disse para Carla que ia para Recife resolver isso e nunca o fez.

Se, por um lado, Carla pôde perdoar os arroubos da adolescente deslumbrada com o sexo e o mundo gay, a falta de respeito e de consideração nessa hora causaram uma indignação que jamais deixaria de dar o tom da relação. Anos depois, Thammy imploraria pela amizade de Carla. Mas, para Carla, isso não fez o menor sentido. Ficou o carinho pela menina linda que ela amou e protegeu. Um carinho que vai sempre precisar de um pouco de distância.

TUDO POR THAMMY GRETCHEN

Sem Carla para gerenciar sua carreira, Thammy agora tinha que lidar com todo tipo de agentes e de produtores. Todo tipo de palco. Todo tipo de plateia. Passou a fazer shows em casas de prostituição, com a condição de que não faria programas; ela seria somente uma atração. Mas quem entendia isso? Sem Carla para filtrar, Thammy teve que ouvir ela mesma as propostas que surgiam antes, durante e depois das apresentações. As ofertas eram bizarras: um homem jogou a chave do carro em cima dela, no palco. Outro ofereceu um apartamento mobiliado com escritura. Até mesmo uma mala de dinheiro apareceu no camarim. Que homens eram aqueles? Como se livrar deles? Novamente, Thammy fez a única coisa que era normal fazer na idade dela: não dar.

Thammy fez muitas coisas por dinheiro. No seu imediatismo, muitas vezes perdeu a noção. Mas foi só a noção mesmo.

NO GINECOLOGISTA

Um dia, Thammy foi com a mãe ao ginecologista. Consulta de rotina. Gretchen pegou seus resultados, tudo bem. Chegou a vez de Thammy e Gretchen entrou junto com ela na sala de exames. Thammy deitou-se naquela posição conhecida das mulheres. Mal o médico começou, parou:

— Eu não posso continuar o exame da sua filha.

Gretchen se espantou. Achou que se tratasse de alguma doença grave. O médico logo a tranquilizou:

— Não, não tem nada de mais — disse ele, já tirando o jaleco. — Não posso fazer o exame porque ela é virgem.

Cinco segundos de silêncio e Gretchen caiu no choro. O médico ficou absolutamente sem graça. Aquela reação normalmente acontecia pelo motivo contrário.

— Desculpem, eu não sabia que era um segredo.

E não era mesmo. Thammy já havia falado para a mãe que era virgem, mas Gretchen não acreditava. Achava que era pudor da filha. Doce ilusão.

— Eu sempre te disse que não ia transar com homem — Thammy respondeu para a mãe.

O médico estava passado. Gretchen, em lágrimas e já irritada, devolveu:

— Thammy, pelo menos experimenta! Se nunca experimentar, como vai saber se gosta ou não?

Thammy manteve a calma. Sempre foi seu forte conseguir pensar rápido:

— Mãe, me diz uma coisa. Pra você saber que não gosta de mulher, precisou experimentar?

— Claro que não! Que absurdo!

— É a mesma coisa. Não sinto vontade, não tenho desejo, não preciso experimentar pra saber que não gosto!

A cena certamente ainda está na memória do médico.

UM NOVO MUNDO, UMA NOVA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

A balada deu a Thammy muitas namoradas e uma grande amiga, Lara. Amiga de Flávia, Lara começou a sair com o casal e logo se reconheceu como boa companheira de Thammy. As duas podem divergir em muitos assuntos, mas têm dois pontos em comum. Primeiro, o humor. Elas sabem rir juntas, se entendem por tiradas e uma sabe qual a piada em que a outra está pensando só pelo olhar. Depois, a lealdade. São pessoas que sabem valorizar um bom amigo e manter essa lealdade mesmo em condições adversas. Lara é organizada, crítica, tem bom senso e raciocínio amplo. Profissional da área esportiva, foi atleta e é locutora. Mas fechou com Thammy também no trabalho. Agente, assistente, braço direito e confidente, Lara sabe tudo de Thammy e Thammy sabe tudo de Lara. Quem olha de longe acha que são um casal, tamanha a afinidade e cumplicidade. Mas são apenas “melhores amigos”, conforme elas brincam.

Lara viu Thammy passar pelas primeiras mudanças de visual. Quanto mais curtia a balada, mais livre ela se sentia para se vestir como “menino” — é o termo que elas usam. Thammy passou a chegar à boate de calça larga, camiseta, boné virado para trás. Na pista de dança, tirava a camiseta e ficava só de top para exibir a barriguinha sarada. Choviam mulheres. Desde Recife, Thammy já se permitia uns modos diferentes. Mesmo maquiada e de vestido, andava com o braço para fora do carro, por exemplo. Mas ninguém duvidava que fosse uma mulher. Agora, era justamente essa fronteira que Thammy começava a experimentar. Apesar de seus 20 anos, parecia um

garoto de 16. E o mais interessante: fazia o maior sucesso. Quanto mais masculina, mais mulher aparecia.

Várias vezes foi assim que aconteceu: as duas saíam da balada já dia claro, Lara levava Thammy até sua casa para trocar de roupa e seguir para uma sessão de fotos. Thammy subia um garoto, de boné virado para trás, e vinte minutos depois descia uma mulher, cabelo escovado, maquiagem, salto e vestido. Quando chegava à portaria, levantava o vestido e mostrava a cueca para Lara. As duas quase morriam de rir.

Na primeira vez que Lara entrou no quarto de Thammy, ficou de boca aberta. O closet era dividido em dois. De um lado, só roupas femininas, dúzias de saltos, dezenas de vestidos brilhantes e decotados para os shows. Do outro, tênis, muitos tênis, camisetas, bermudas, calças cargo e uma parede de bonés.

Thammy nunca tinha sido tão feliz. Aos poucos, ia encontrando em si não só o prazer de viver a homossexualidade, mas o prazer de viver sua identidade masculina. Ali, na boate, ela era um menino, era desejada como o menino que sempre se sentiu. E pelas mulheres mais lindas e gostosas. Nunca, nem nos melhores sonhos, ela imaginou que isso seria possível. A menininha angustiada dentro do vestido estava morrendo, finalmente. E cedia espaço a uma alegria de viver que se traduzia em sexo. Sexo, muito sexo.

SEXO, SEXO, SEXO

Thammy passou seis meses com Flávia e não foi fiel um único dia. Quando não estava pulando a cerca, estava considerando a hipótese. A coisa estava tão boa que Thammy começou a dar pinta. Só não sacava quem não queria.

Quando Lara viu Thammy num programa de TV, um pouco antes de conhecê-la pessoalmente, percebeu: “Essa filha da Gretchen é sapatão, hein?”

Tá na cara!” Estava, mas só para iniciados. O telespectador brasileiro careta nem sonhava com a possibilidade. Por enquanto.

Thammy não estava mais se importando tanto em esconder seu jeito verdadeiro. Em uma matéria que gravou para um programa de TV junto com a mãe, depois de dançar esbanjando sensualidade, Thammy aparece sentada de pernas abertas, com a mão caída entre os joelhos, a coluna relaxada. Era um cara, só que vestido de mulher. Já cometia o grande pecado de usar a carteira no bolso de trás. O caso é que, quando ela se virava de costas, ninguém olhava para a carteira, mas sim para a bunda, que continuava gretcheniana, digamos assim.

Flávia começou a se incomodar com as traições cada vez mais descaradas e teve a paciência de alertar a namorada:

— Cuidado com a sua imagem. Quando as pessoas sacarem qual é a sua, nunca mais você consegue trabalho como modelo.

Era um alerta que procedia completamente, mas Thammy nunca foi de abrir mão dos seus prazeres e seguiu em frente, rumo à bancarrota, mas cheia de mulheres.

Thammy ainda estava com Flávia quando foi com um primo até Recife visitar a mãe. Tentou encontrar Carla para obter algum nível de perdão que permitisse ao menos a amizade. Não conseguiu. Então, fazer o quê? Arrumar outra pernambucana.

Como o primo também era gay, os dois caíram na balada. Convidados VIP, descolaram um lugar no camarote, parte mais alta e mais disputada da boate, de onde se tem a visão panorâmica do que acontece na ferveção. De lá os VIP escolhem suas paqueras. O primo encontrou a sua e, no grupo dele, Thammy conheceu uma gata. Gabriela.

Começaram a trocar olhares discretos, já que Gabriela estava acompanhada. Quando sua namorada foi embora, a pernambucana esperta mandou seu telefone para Thammy, que, gentil, convidou a moça para usufruir dos privilégios do camarote. Ficaram juntas, mas isso não era nada

de mais. Thammy sempre conseguia. O diferente foi que no dia seguinte as duas se ligaram e se encontraram num bar para conversar. Mais alguns dias e começaram a namorar. O problema é que Thammy já tinha namorada. Inábil para lidar com os impulsos, deixou o problema de São Paulo para ser resolvido em São Paulo. E foi ficando em Recife. Alguém já viu esse filme?

Thammy pegou o dinheiro de uma sessão de fotos e resolveu dar como entrada num flat. Pediu o restante para a mãe e o pai. A mãe topou entrar com uma parte; o pai pediu o telefone do corretor e arrematou o imóvel para a filha, de presente. Mais um dos mimos de Ronny.

Thammy foi a São Paulo, terminou com Flávia, pegou umas roupas e voltou para Recife. O namoro esquentou e Gabriela foi levando suas roupas, suas coisas... E quem queria saber de trabalho naquela beleza? Thammy não queria mais viajar para fazer seus shows. Mesmo com a agenda cheia, furou tudo. Thammy queria viver de amor. Pegou o dinheiro que usaria para comprar o apartamento e comprou uma van. Alugou o veículo para um motorista e as duas ficaram vivendo da diária que ele pagava pelo carro. Somavam a essa quantia mais um dinheiro que ainda restava dos shows feitos em São Paulo e foram levando a vida na flauta.

Até que o motorista da van atropelou uma pessoa e Thammy teve que vender o carro para pagar o hospital da vítima.

Agora, as duas não tinham dinheiro para pagar nem a conta de luz do flat. Thammy arrumou um fio e fez um gato no corredor do prédio, para poderem acender umas luminárias pelo menos. Só que o ar-condicionado era 220v, e este ela não conseguiu ligar. No calor do verão de Recife, restava às duas tomar banho e dormir encharcadas, abraçadíssimas... Coisas da paixão.

Thammy conseguiu agendar uns shows em circos espalhados pelo interior de Pernambuco. Os shows em circos — mercado que sua mãe também havia explorado nos momentos mais críticos — eram um excelente negócio. Fechavam meio a meio com o artista e as lonas lotavam.

Costumavam ser a salvação da lavoura. Thammy fez alguns e outros furou deliberadamente.

Gretchen já estava irritada com a situação de a filha estar morando com uma mulher. Quando soube dos vacilos profissionais de Thammy, começou a perturbar.

Ligava cedo para colocar as duas para fora da cama, mas Gabriela reclamava; a beldade tinha horror a acordar cedo. Seu desejo era uma ordem, então Thammy passou a manter o telefone desligado.

Um dia, acordaram com dona Maria Odete esmurrando a porta do flat. Thammy não teve saída senão abrir a porta. A mãe falou para as duas o que queria e o que não queria, deu uma senhora lição de moral nelas. Nervosa, Gabriela acendeu um cigarro. Pra quê? Maria Odete odeia cheiro de cigarro, ninguém fuma perto dela. Rapidamente se formou a desavença, as duas começaram a bater boca, faltava pouco para se pegarem. Thammy no meio da situação.

— Vocês estão loucas?

Thammy tirou a mãe de lá e começou a fazer exatamente tudo o que ela queria. Era o único jeito de acalmar a fera.

O que não tem remédio, remediado está. Thammy voltou a fazer os shows no circo, Gabriela virou a bilheteira do espetáculo. Com a cabeça no lugar, a moça voltou a viajar e a cumprir a agenda de compromissos.

ACONTECE NAS MELHORES FAMÍLIAS

Diz uma piada divertida dos anos 1990 que chifre é igual carro a álcool: um dia você vai ter um.

Depois de uma série de shows, Thammy resolveu antecipar a volta para Recife. Em vez de chegar em casa na parte da tarde, chegou de manhã, para fazer uma surpresa. Ideia de jerico. O amor não se arrisca com essas coisas.

Abriu a porta do flat e deu de cara com Gabriela nua na cama ao lado de outra moça mais ou menos de roupa, num delicioso beijo de despedida.

Nessas horas é que uma pessoa sabe se tem ou não tem um cérebro rápido. Thammy tem. Entrou em casa, cumprimentou a moça, a namorada, sentou-se e bateu um papinho normal, como se nada estivesse acontecendo. A moça tratou de ir embora o mais rápido possível. Thammy chamou Gabriela para um banho de mar; o flat ficava em frente à praia. Desceram, tomaram sol, voltaram para casa. Thammy esperando que Gabriela contasse o que deveria contar. Tomou seu banho primeiro e, quando Gabriela terminou o dela, suas malas já estavam prontas no meio da sala. Gabriela ficou estática. Sem se dar ao trabalho de explicar, Thammy apenas indagou:

— Vai levar agora ou prefere que eu deixe na calçada em frente à casa da sua mãe?

Gabriela caiu no choro e mandou o clichê:

— Não é nada disso que você está pensando!

A moça se negou a deixar a casa. Resumo da ópera: Thammy pegou a mala, enfiou no carro e a levou até a casa da mãe de Gabriela. Deixou-a na calçada, exatamente como disse que faria, e ligou para sua bandida de estimação:

— Acho que você devia vir logo pegar sua mala, porque, se demorar, quando chegar aqui não vai ter mais nada.

Gabriela não desistiu enquanto não conseguiu que Thammy reatasse o namoro. Mas teria sido melhor não ter feito isso. Thammy foi a São Paulo fazer um show e conheceu outro amor, Manuela.

Dessa vez não por inabilidade, mas por ego ferido mesmo, terminou com Gabriela pelo telefone e disse que estava ficando com Manuela. Como fez com Carla, quando conheceu Flávia. Era a própria ilha de Lesbos.

Se Carla mandou uma carta, Gabriela foi pessoalmente a São Paulo. Se Thammy já não tinha muito bom senso nessas horas, debaixo da mágoa e se dando ao direito de uma boa dose de revanche, desfilou na frente de

Gabriela com a namorada nova. Tripudiou. Gabriela, sem ter mais o que fazer, voltou para Recife. Mas ela perdoou Thammy e hoje dão risadas disso tudo.

FREUD

Manuela dançando não era uma coisa normal. Uma sensualidade capaz de tocar mesmo os corações mais frios. Ela incendiava a pista de dança das boates por onde passava. Se Freud quiser explicar, que explique. Pode ser que as pessoas aprendam a amar em casa, pode ser que passem a vida procurando a segurança de algo que conheceram na infância. Mas não importa tanto assim se a vida é ou não é psicanálise. Se Manuela é ou não uma versão da Gretchen. Desejo é desejo. E com desejo não se discute. O fato é que quando Thammy viu aquele escândalo em forma de mulher quis que ela fosse sua. E, como não costumava ouvir não, partiu para cima. Mas eis que aconteceu o que pode mudar a vida de uma pessoa como Thammy, acostumada a ter tudo o que quer na hora em que quer: Manuela a esnobou.

Thammy não entendeu; achou que a menina estivesse fazendo doce. Continuou em cima, nada mudou. Mandou flores, nada. Quando achou que realmente não tinha a menor chance, Manuela cedeu.

Depois de tanta espera, o sexo deixa de ser uma festa e vira um megaevento. E geralmente deflagra uma paixão sem limites. Foi o que aconteceu. A safadeza de Thammy não dava conta do charme e do poder feminino de Manuela. Mesmo quando Thammy entendeu que aquela mulher nunca seria somente sua, não se abalou. Topou dividir a mulher amada, porque dividir era muito melhor do que não ter.

Dizem que não existe bar gay feminino que dure porque mulher não fica, namora. E não namora, casa. Depois que casa, nunca mais volta ao bar gay, quer ficar no conforto do lar transando e cozinhando por pelo menos dois

anos, quando se separa. Nessa ocasião, volta ao bar gay, encontra uma nova garota e a história se repete, dando razão à máxima: não há bar gay que dure.

Na terceira ficada com Manuela, Thammy foi ficando. Não chegou a tirar suas coisas da casa do pai; deixou foi de voltar pra casa.

COMETENDO LOUCURAS

A relação amorosa entre as duas era uma gangorra emocional. Num dos baixos, Manuela resolveu ir embora do Brasil. Thammy ficou louca. Se arrependeu de todas as escapadas — que nunca eram poucas —, de todos os seus erros. Implorou para Manuela não ir. Mas Manuela não fazia nada que não quisesse, o que deixava Thammy ainda mais apaixonada.

Quando viu a namorada embarcar, entrou em parafuso. Decidiu que ia atrás dela de qualquer maneira. O problema era: com que dinheiro? Tentou vender o carro, mas o dinheiro era pouco; não queria chegar no exterior com uma mão na frente e outra atrás. Pensou em pedir ao pai, mas não achou correto. Aprendera com ele a máxima: tem mulher quem pode. Então, tinha que mostrar que podia. Teve mais uma de suas ideias geniais: chamou um cara que agenciava moças, um cafetão (não era raro conhecer um no seu meio), e abriu a negociação:

— Me arruma um programa. Eu preciso de dinheiro.

— Você tá maluca? Você não faz programa!

— Eu vou fazer só esse. Tem que ser caro. Me arruma que eu faço.

— Se eu conseguir um programa pra senhora e a senhora furar, eu mato a senhora! — disse ele.

— Não vou furar, juro!

O cara batalhou e conseguiu um cliente. Caro. Um sujeito do interior topou pagar cerca de 15 mil reais para passar uma noite com Thammy

Gretchen. E agora?

Assim que marcou a viagem, Thammy ficou apavorada. Nunca tinha transado com um homem. O que faria? Como suportaria aquela situação? Os dias se passavam e ela não via saída. Não queria ir ao encontro do cara, mas, se não fosse, não teria dinheiro para viajar. Um dia, a solução veio do céu. Literalmente. Caiu uma chuva torrencial em São Paulo. Daquelas que inundam as ruas e inutilizam os carros. Quando viu seu carro debaixo d'água, entendeu tudo. Àquela altura, importava encontrar Manuela, mesmo que com uma mão na frente e outra atrás. Ligou para um ferro-velho e explicou a situação:

— Tenho aqui um carro que se acabou na enchente, não serve pra mais nada. Quanto você paga nele?

O cara ofereceu módicos três mil reais. Thammy enfiou o orgulho no bolso e fechou negócio. Pegou o dinheiro e foi direto para o aeroporto. Só avisou aos pais quando chegou na casa de Manuela.

O cara? Ficou a ver navios.

UM SANSÃO ÀS AVESSAS

Thammy e Manuela voltaram ao Brasil ainda mais apaixonadas. Com ela, Thammy começou a se sentir cada vez mais homem. Manuela percebia a masculinidade de Thammy e a valorizava como nenhuma outra mulher jamais tinha feito. Não se tratava apenas das roupas e dos gestos; Manuela sentia sua alma masculina, e era com essa alma que se relacionava.

Manuela lhe deu a mão e Thammy resolveu fazer a primeira travessia entre as identidades masculina e feminina. Uma coisa simples, mas muito significativa: cortar o cabelo.

Não era qualquer cabelo. Ele sustentou sua persona pública, seu lugar de *sex symbol*, durante anos. Preto, longo, liso, brilhoso, de fios grossos e

macios. O sonho de dez entre dez mulheres. Caía até a cintura com a leveza da água de uma cachoeira. Sobre as ancas, durante o bailado, no palco, dava a sensação de coroar seu rebolado magnético. O cabelo de uma *sex symbol* a define como tal. Daí a gravidade do conflito de Thammy. Ela detestava aquele cabelo, que julgava excessivo, mas era ele que garantia o pão na sua mesa. Era sua carteira de trabalho. Quem contrataria uma dançarina com um corte joãozinho? Não estamos falando das passarelas da alta-costura. Estamos falando de circos e cabarés pelo interior do Brasil... A resposta é: ninguém.

Thammy Gretchen era o cabelo de Thammy Gretchen. E ela sabia disso. Já havia pensado em cortar antes, mas as namoradas anteriores não deram força, ambas pelo mesmo motivo: não seria bom para os negócios. Elas sabiam que, se fizesse isso, Thammy entraria em apuros com sua carreira. Manuela, porém, não tinha limites. E, junto com ela, Thammy, que não era muito diferente, pegava fogo.

Ela se sentou na cadeira da decisão, empunhou a tesoura da liberdade e cortou. Bem curto e de uma vez por todas.

Thammy curtiu lavar o cabelo curto e depois ficou horas no espelho, testando penteados, passando gel, tirando gel, fazendo diferentes combinações de roupa e cabelo. Felicidade pura. Estava feliz simplesmente por se reconhecer no espelho — alegria tão cotidiana para as pessoas que nem chega a ser alegria.

De cabelo curto e alma lavada, Thammy foi buscar Manuela no trabalho. Quando Thammy tirou o boné, Manuela a beijou e disse:

— Ficou lindo, meu amor!

Era o sonho da liberdade de identidade começando a se concretizar. Com o cabelo, tombaram no chão, com o peso de um prédio de quinze andares, os abomináveis rituais femininos de beleza. Se adornar para se ofertar ao macho? Ela? Todos nós queremos o direito e o prazer de nos vestirmos para sermos e de sermos para vestirmos. Por que não para ela, que

se percebia ele? Com o cabelo caíram o vestido, a saia, os saltos altos, os brincos, o batom, o esmalte e o sutiã. Principalmente, caiu a imagem de um ser que Thammy nunca foi. E, de quebra, para seu máximo alívio, o assédio dos homens. Agora, esse lugar era dela. Ou melhor, dele. Porque era nessa direção que Thammy estava indo. Só que ainda não tinha certeza.

QUARTA PARTE

SAINDO DO ARMÁRIO

ORKUT: ASCENSÃO E QUEDA DE UM AVATAR

Vivendo um amor louco e completamente deslumbrada com a realização do seu sonho familiar, Thammy estava cada vez menos cuidadosa com sua imagem pública. Cada vez menos preocupada em se esconder. Era a época do Orkut, extinta rede social pré-Facebook, que recebeu uma divertida fama: o que o amor constrói, o Orkut destrói.

Empolgada com a rede, Thammy criou um perfil falso, usando nome masculino, certa de que ali poderia ser quem realmente se sentia. Até aí, tudo bem. Só que logo Thammy não resistiu a postar fotos suas com uma namorada, achando que ninguém perceberia que aquele cara de boné e cabelo curto pintado de louro era a Thammy Gretchen. Ledo engano.

Era o ano de 2006, e nenhuma celebridade feminina tinha de fato saído do armário. Conclusão: as fotos de Thammy no Orkut foram parar num site de fofocas e em questão de horas a manchete estava espalhada pela web:

FILHA DE GRETCHEN SAI DO ARMÁRIO E ASSUME NAMORADA

IRREVERSÍVEL

Thammy estava na casa do pai, tomando banho, quando Ronny bateu na porta, dizendo que a mãe estava uma fera ao telefone:

— Você viu a merda que você fez? Tua carreira acabou!

Gretchen não chegava a estar errada. A carreira de Thammy estava em apuros, mas, sendo aquela uma carreira que a própria Thammy detestava, não era tão ruim assim.

Horas depois, toda a sua agenda de shows estava cancelada, convites para programas de TV, desfeitos. Mas Thammy pensou primeiro nos avós, no sofrimento deles, na vergonha. Depois, pensou nas pessoas nas ruas, apontando para ela, rindo dela, insultando-a. A carreira que se lixasse. Ela só precisava de trabalho, não da carreira de modelo. O que pesava era a opinião das pessoas, as queridas, mas também as que, embora ela nunca viesse a conhecer, a usariam como saco de pancadas.

Gretchen chegou a falar com a imprensa e a negar a homossexualidade de Thammy. Mas, diante daquelas fotos, ninguém acreditaria. Thammy não sabia o que fazer. Chamou os pais para uma conversa.

— O que a gente faz?

Discutiram por horas. Até que entraram em um consenso.

— Se não sabemos o que fazer, não vamos fazer nada. Não vamos reagir. Eles vão esquecer, vai passar — ponderou Ronny.

Seria muito sábio e realmente o melhor a fazer, não fosse o batalhão de paparazzi que se colocou na porta da casa de Thammy e de lá não saía. O telefone tocava 24 horas por dia, sete dias por semana. A situação começou a ficar insustentável. A síndrome do pânico, que havia se manifestado na adolescência, quando o irmão morreu, voltou com força total. Thammy não conseguia reagir. Sentia muito medo, medo de tudo e, principalmente, medo do medo.

Foi quando surgiu uma amiga.

UM AMOR NA DOR

Mila era uma garota linda e sofrida. Abandonada por sua mãe biológica, foi criada por uma mulher difícil, violenta, a quem sustenta até hoje, por gratidão. Se apaixonou loucamente por Thammy e esperava uma oportunidade de estar com seu amor.

Quando Mila viu o estado psicológico de Thammy, se colocou ao seu lado e de lá não saiu enquanto ela não melhorou. Durante quatro meses Mila parou sua vida para cuidar de Thammy. Largou o emprego, fez uma mala e se mudou para a casa de Ronny, onde ela estava morando.

A situação se agravou. As duas ficavam de mãos dadas o tempo todo. Thammy chorava do nada, não tinha coragem sequer para ir ao banheiro sozinha. Não podia cogitar a hipótese de sair de casa. Na verdade, mal saía do seu quarto. Ondas de medo iam e vinham sem motivos concretos, e eram lancinantes.

Um dia, Mila a convenceu a tentar sair de casa. Thammy conseguiu chegar até a portaria do prédio, mas, quando viu a rua, se escondeu, apavorada, certa de que alguém queria matá-la, que estavam apenas esperando que ela chegasse ao portão do prédio. Mila se abraçou ao seu amor e chorou junto com ela. Tua dor, minha dor.

Nessa época, Ronny estava namorando Teresa, hoje sua esposa. Médica, Teresa tratou de mostrar para Thammy a necessidade de um tratamento psiquiátrico. Teresa acompanhou Thammy na consulta, na qual ela foi diagnosticada vítima do mal do nosso século, a síndrome do pânico.

Thammy passou a tomar remédios controlados e aos poucos foi retomando o equilíbrio. Tão logo sentiu-se melhor, chamou a família para uma nova conversa. Pediu ao pai que preparasse os avós, porque estava decidida a assumir-se publicamente.

O LIMÃO E A LIMONADA

Logo a notícia correu na família. O lado da mãe reagiu com preconceito e indignação. O do pai, com dificuldade, mas com compreensão e ousadia. A irmã de Ronny chegou a ficar preocupada com a avó de Thammy, que tinha nela seu maior xodó. Realmente, quando ouviu a notícia, a mãe de Ronny chorou bastante. Mas logo decidiu que não sairia do lado da neta, acontecesse o que acontecesse. O avô, machista e, como Ronny, policial linha dura, teve uma reação reveladora. Mandou um recado para Thammy:

— Que a Thammy goste de mulher, não tem problema nenhum. Mas, se o meu único neto der o cu, eu me mato!

Quando recebeu o recado, Thammy não sabia se ria ou chorava.

Resolvido o seu principal problema, o coração dos avós, Thammy tratou de pensar no que faria da sua vida. Era hora de transformar o limão em limonada.

Thammy chamou Mila para uma conversa. Sabia que devia muito a ela, mas não podia mentir. Mila sabia que aquilo aconteceria. Sempre soube que Thammy não a amava. Mas não se arrependeu do que fez, e, se pudesse voltar no tempo, teria feito tudo novamente. Mila tinha em seu coração a graciosidade de um raro amor incondicional.

Por obra do destino, anos depois, Thammy teria a oportunidade de retribuir. Mila sofreu um grave acidente de carro. Sem memória devido a um traumatismo craniano, Mila não lembrava nem o próprio nome. Ao chegar ao hospital, a única coisa que conseguiu dizer foi o nome de Thammy e o telefone da sua casa. Depois da cirurgia, Mila permaneceu em coma por uma semana e acordou durante uma visita de Thammy, ao sentir o cheiro do seu antigo amor.

Tão logo despertou, Mila recebeu a alta apressada e irresponsável de um hospital abandonado pelo poder público. Estava ainda muito machucada, precisando de cuidados. Ao visitá-la, Thammy percebeu que se a amiga

ficasse em casa no estado em que se encontrava corria sério risco de vida. E estava certa. Através de um amigo de Lara, conseguiram uma vaga para Mila em outro hospital público, este, sim, muito bem-cuidado e dirigido, numa cidade do interior. Mila precisou ficar internada por cerca de um mês até se recuperar totalmente. Mas se recuperou. Até hoje, um forte laço de amor e gratidão as une numa amizade sincera e sem mágoas.

TUDO SOBRE ELAS

Thammy explicou a situação que estava vivendo ao produtor de um programa de auditório e disse que estava disposta a sair do armário oficialmente, na TV. O cara ficou louco. Era um tiro certo, a audiência chegaria às alturas. Era a hora de enfrentar o mundo e ganhar alguma coisa com aquele inferno.

O programa correu como combinado até certo momento. Thammy apareceu com uma namorada. Elas falaram pública e abertamente sobre a relação e pareciam as pessoas mais felizes do mundo. Foi quando o apresentador chamou Gretchen ao palco para dar seu depoimento de mãe. Gretchen, num discurso direto e reto, disse que aceitava a filha como ela é, porém não aceitava as mulheres com quem ela escolhia andar. Armou a artilharia contra a namorada e atirou tudo o que podia. Thammy não acreditou no que estava acontecendo. Morria uma polêmica e nascia outra: Gretchen aceita a filha gay, mas não aceita a nora!

Thammy saiu do armário em 2006. Foi a primeira mulher da TV brasileira a realizar o feito e abriu caminho para muitas outras. Recebeu elogios pela coragem e também muitas críticas. Como eram críticas hipócritas, elas importaram menos.

DE SEX SYMBOL A ÍCONE GAY

Se por um lado Thammy perdeu os fãs que vinham das revistas masculinas, por outro, agora ganhava um público não tão grande, mas igualmente fiel: o público LGBT.

Milhares de pessoas, a maioria jovens, mas não só eles, passam diariamente pela mesma saga que Thammy passou. Perceber-se diferente, descobrir a natureza dessa diferença, aceitar-se, permitir-se viver o próprio desejo. Depois, abrir mão de manter uma vida dupla, cheia de mentiras e conveniências desconfortáveis, e superar o medo das represálias e dos preconceitos. Aí, então, e somente então, conseguir olhar de frente para os familiares, amigos, vizinhos, colegas de estudo ou trabalho de posse do seu conquistado orgulho gay.

Parece fácil, uma travessia curta cuja descrição se resume a quatro ou cinco linhas. Mas são muitos os que nela se afogam. A hipocrisia faz com que milhares de homossexuais mantenham vidas paralelas, relegando seus amores e desejos a um certo submundo ora de matrimônios secretos, ora de boates escuras. Outros milhares de homossexuais se entregam a relacionamentos heterossexuais, abrindo mão do prazer sexual por toda uma vida — muitos dos nossos pais, avós e bisavós viveram isso. Muito nos custa, mas é necessário admitir. A homossexualidade não é um fenômeno contemporâneo. Sua revelação pública pode até ser, pelo menos no mundo ocidental. Ao longo dos séculos, suicídios e tratamentos psiquiátricos deram cabo de pessoas que simplesmente não sentiam prazer ou não viam sentido em se relacionar com o sexo oposto. Mas estamos no século XXI. A modernidade chegou para a ciência e as artes. Chegou para a urbanização e os processos de produção industrial. Por que, em termos de sexualidade e subjetividade, ainda nos é exigido viver num mundo semelhante ao do século XVIII?

Thammy havia sido vítima de uma coação digna da Idade Média, quando foi levada a um pastor e submetida a uma sessão de exorcismo. E quem fez isso fez por amor, por achar que estava fazendo o bem para ela. Mas que tipo de religião é essa que exige que o fiel renegue a si mesmo? Jesus não disse “ame ao próximo como a si mesmo”?

Quando o assunto é sexo, estamos, ainda hoje, vivendo numa floresta de enganos. E sempre se coloca a religião no meio. A religião de cada um não deveria ser apresentada ou representada por alguém. Conhecer Deus e se conectar com ele é uma experiência única, pessoal e intransferível. A fé, ela mesma, acontece em silêncio.

No entanto, há uma gigantesca rede de negócios que lucra com o sofrimento dos homossexuais e de suas famílias. Quanto maior a ignorância em torno da sexualidade, quanto maior a intolerância à sexualidade do outro, mais essa rede lucra. A sorte e a esperança é que essa confusão tão cuidadosamente mantida é uma ilusão de fácil dissolução.

Confunde-se sexo com sexualidade. Sexos existem dois no reino animal, do qual fazemos parte, o masculino e o feminino. Sexualidades, existem sete bilhões. Cada vez que uma criança nasce, nasce uma nova sexualidade. É o mesmo que confundir as orelhas com a audição. Orelhas, todos têm; a maneira como cada um ouve é única.

Quando Thammy revelou sua sexualidade em público, estava falando de algo muito particular, de uma sexualidade complexa e cheia de meandros. Mas a sociedade é tão carente de honestidade existencial que o depoimento de Thammy despertou milhares de manifestações.

Sem querer, sem nunca ter tencionado isso, Thammy virou a tábua de salvação de muitos jovens que passavam pela mesma situação. Foram centenas de e-mails, cartas e telefonemas pedindo conselhos, pedindo força, pedindo um caminho. Justamente para ela, uma jovem que mal entendia o que estava acontecendo consigo mesma. O desespero de algumas dessas pessoas a deixava absolutamente confusa e sobrecarregada. Tudo o que

Thammy se sentia realmente à vontade para dizer era: “Siga o seu caminho, encontre sua forma de ser feliz. Não desista.” Para muitos, a frase sincera não bastava. Thammy, com sua personalidade doce e naturalmente solidária, se abalava diante do sofrimento com que agora tinha que lidar diariamente. Com a pressão, o nível de angústia subiu, as crises de pânico voltaram e o tratamento psiquiátrico foi prolongado.

Ainda havia um agravante. Embora naquele momento Thammy estivesse se revelando publicamente homossexual, a questão não era mais essa. A identidade transgênero já se apresentava, trazendo um novo rol de questões e dúvidas.

AOS GAYS, A PENÚRIA. E O GUETO

A linda mulher de cabelos negros que ganhava seu dinheiro no reboledo, literalmente, já não existia mais. Com os cabelos curtos, roupas largas e notoriamente homossexual, Thammy sentiu o peso do preconceito social. Estamos falando do ano de 2006, nem tão longínquo assim. Mesmo assim, num mundo supostamente moderno, na capital cultural do país, gays não eram contratados. Ou eram para fazer coisas de gay. É como se a sociedade estivesse reeditando uma antiga frase preconceituosa, numa nova versão: é gay, mas é limpinho.

Thammy se culpou por não ter uma profissão formal. Por ter parado de estudar aos 14 anos para fazer shows. Sentiu o peso da sua impulsividade jogar contra o seu sonho antigo de fazer medicina. Culpou os pais por não terem lhe dado freio — mas não foi mais do que um blá-blá-blá autopiedoso que agora, aos 24 anos, não aliviava o fardo, muito menos resolvia o problema.

Thammy agenciou bandas, promoveu casas noturnas, vendeu sua presença, considerada VIP, em festinhas gays pra lá e pra cá, entrou de sócia

em um bar gay numa cidade do interior de São Paulo, fez o que pôde. Sempre saía sem dinheiro e refazia o mesmo caminho. Vender erotismo acabava por ser o único recurso que Thammy encontrava.

Depois de vender sua imagem para dezenas de revistas pornográficas, decidiu fazer a sua própria, agora vendendo não mais a sua beleza feminina, mas a sua própria homossexualidade. Contratou um jornalista e um diagramador e produziu um ensaio fotográfico com a namorada. Até aí, não parecia difícil. Mandou o arquivo para a gráfica e somente quando se viu diante de uma parede de pilhas e mais pilhas de revistas impressas é que se deu conta: não tinha distribuidor. Quem quer faz, quem não quer, manda. Thammy meteu as revistas no carro e saiu vendendo de banca em banca, de posto de gasolina em posto de gasolina... Até desistir. Admitir o fracasso e partir para outra.

FANTASIAS EM SÉRIE

Se como produtora editorial Thammy tinha sido um fracasso, como idealizadora tinha sido brilhante. Um símbolo sexual que tem uma filha linda é uma fantasia sexual. Uma garota linda, filha de símbolo sexual, que namora garotas era uma fantasia sexual maior ainda! A revista *Sexy* sacou o bom negócio e propôs um novo ensaio fotográfico. Dessa vez, Thammy só entraria como modelo. E com a namorada.

A revista bombou. Os homens estavam de fato loucos para ver como as duas meninas se resolviam. Logo pintou um convite para um filme pornô na mesma linha. Thammy faria o papel de um diretor de cinema — ou de uma diretora gay, isso nunca ficou muito claro nem para ela mesma — que começava a dirigir a atriz e acabava transando com ela.

O mercado pornô funciona de maneira diferente do resto do mercado audiovisual. Os atores não são contratados por obra, mas por cena. Geralmente por um conjunto de oito cenas. Uma cena é a ação que culmina com o sexo, por exemplo: o casal se encontra, começam a tirar umas fotos, rola uma paquera e ali se inicia uma transa. Esse movimento inteiro é uma cena. E essas cenas podem estar quatro em cada filme, por exemplo. Sendo assim, Thammy vendeu oito cenas e elas foram divididas em dois filmes diferentes.

Os filmes pornôs de Thammy foram mais comentados do que vistos. Os que viram não gostaram. Sem nu frontal ou cenas de sexo explícito, somente suaves insinuações, o filme foi considerado frustrante pelos fãs. Para Thammy foi ótimo, o mais confortável possível.

O THAMMY

Pode acontecer com todo mundo, mas entre mulheres é mais comum. Se apaixonar por uma amiga ou se apaixonar por uma única mulher e não se interessar por outras. É mais comum que uma mulher se dê essa liberdade do que um homem. Ter uma sexualidade livre de rótulos, amar alguém sem se preocupar se esse amor te faz hétero, homo, bi ou poli realmente é para poucos. Thammy conheceu uma mulher assim. Mariana.

Mariana não se sentia bissexual, muito menos homossexual. As mulheres, por mais bonitas ou gostosas que fossem, não chamavam sua atenção. Namorava homens. Mas, quando conheceu Thammy, se encantou. E, o que é mais incomum: se encantou com O Thammy e não com A Thammy.

Mariana entendeu que Thammy era um homem, embora num corpo de mulher. Percebeu com facilidade e, mais importante, com naturalidade o que Thammy renegou em si mesmo durante anos, durante a vida quase

inteira. O jeito de ela amar fez com que Thammy entendesse várias coisas que estavam em aberto. Por exemplo: a questão da roupa. Por que para Thammy era necessário vestir roupas de homem? Nenhuma mulher precisa vestir trajes masculinos para transar com outra mulher! Thammy realmente precisava vestir-se como homem; isso chegava a independe de estar transando com uma mulher. Desde que tinha começado a se vestir assim, o seu conforto e sua sensação de bem-estar tinham aumentado consideravelmente. Antes, era como se suas roupas pesassem sobre a pele. Como se fossem um fardo, uma cruz. Quando passou a se vestir como homem, sentiu que sempre deveria ter sido assim. Leve. Elegância é leveza.

Mariana começou a chamar Thammy pelo artigo masculino. Não só na cama, como uma fantasia sexual. Na vida. Ela viu em Thammy tanto o amante quanto o companheiro.

Daí por diante, Thammy seria progressivamente chamado pelo artigo definido masculino, “O”. A Thammy ficava para trás, encerrando uma vida de desconforto, um olho com um cisco que durou mais de vinte anos.

Isso seria muito difícil para seus pais. Mas Thammy foi capaz de compreender e não se importou que os pais continuassem lhe chamando pelo artigo definido feminino, “A”.

— Ela nasceu mulher e pra mim vai continuar sendo mulher pra sempre, não importa o quanto pareça um homem — disse Gretchen numa de nossas entrevistas.

Para Ronny é a mesma coisa, só que de maneira diferente.

— Eu quero que minha filha seja feliz. Enquanto ela estiver feliz, eu estou feliz. Mas não consigo chamar de ele, não consigo! — confessou Ronny, emocionado.

Para Thammy, tudo bem.

— Eu entendo meus pais. Até eu, que estou dentro de mim, demorei mais de vinte anos para entender isso! Deixa eles no tempo deles. O que importa é que eles me amam e nós vivemos bem!

Lara, a melhor amiga de Thammy, também ainda não consegue chamá-lo pelo gênero masculino. E nem por isso deixam de ser unha e carne.

— É tudo muito recente — disse ela.

Aqui, a partir de agora, vamos chamar Thammy como ele realmente se sente, marcando nestas páginas a mudança que ocorreu em sua vida.

QUINTA PARTE

DA HOMOSSEXUALIDADE À TRANSEXUALIDADE

DRAUZIO EXPLICA: A REDEFINIÇÃO DO SEXO

O renomado médico Drauzio Varella, por aliar seu imenso talento clínico a uma extraordinária capacidade de comunicação, é responsável por esclarecer e mesmo democratizar o conhecimento científico através de seu blog, de sua ampla participação nos debates populares. O Dr. Drauzio recentemente nos fez mais um grande favor, dando impulso à democratização do saber relativo aos estudos científicos sobre os gêneros.

Numa palestra na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em abril de 2015, intitulada “A redefinição do sexo”, Varella expôs em trinta minutos a evolução no estudo das células nos últimos anos e mostra à plateia que o velho paradigma de definição dos gêneros plantado sobre o sistema binário XX e XY é hoje o que foi a teoria do geocentrismo no século XVIII, um grande engano.

O Dr. Drauzio explica a diversidade celular que se dá através de uma rede complexa de interações moleculares e cria tantas áreas de intersecção entre os sexos masculino e feminino que se pode dizer que a diferença entre um e outro, em certos casos, é quase nula.

Para os mais interessados, a palestra é facilmente encontrada no YouTube. Mas, aqui e agora, fica a frase de Eric Vilain, diretor do Center for Gender Based-Biology, da Universidade da Califórnia, que ilustra a conclusão de Drauzio Varella e cai como uma luva para abrir a última parte da história de Thammy:

Uma vez que não há parâmetros biológicos predominantes, a identidade de gênero parece ser o mais razoável. Em outras palavras, se você quer saber se alguém é homem ou mulher, é melhor apenas perguntar.

Na pequena cartografia da mudança de sexo de Thammy — proposta deste livro —, o que vemos é o processo de encorajamento que permite a uma pessoa fazer a si mesma a simples pergunta à qual se refere Eric Vilain. Para algumas pessoas, desconfortos lancinantes com coisas usualmente simples como decidir qual a roupa lhes cai bem abrem um terremoto de conflitos internos que só começam a se resolver com esta pergunta: qual é o meu sexo?

Normalmente dirigida ao outro, a pergunta do Dr. Vilain constitui o grande desafio de muitas vidas. Durante séculos renegada pela ideologia, a ciência abre caminho para que ela seja feita com honestidade e clareza, livre das amarras da culpa e do medo, que caracterizam os principais mecanismos de repressão e de aviltamento da singularidade dos indivíduos.

O sofrimento de pais, mães, irmãs, irmãos e amigos, devemos nos lembrar, é imenso, mas não se compara ao sofrimento de quem precisa duvidar daquilo que aprendeu desde o início como o certo, o limpo, o normal: um homem é aquele que tem pênis. Uma mulher é aquela que tem vagina.

No entanto, as pessoas diferentes disso, cobaias de Deus, como diria o poeta Cazuya, tiveram somente que se colocar antes essa pergunta, que

poderá ser a pergunta do século, e todas as pessoas, por um motivo ou por outro, acabarão se colocando diante dela: eu sou um homem ou uma mulher?

Provavelmente para que possamos perceber que as respostas possíveis não são mais apenas duas, não são apenas uma ou outra.

Se o sexo não pode ser definido pelo sistema de determinação, tampouco a sexualidade pode ser definida pela anatomia. A novidade é que não se pode mais usar a ciência para reduzir a questão, como esclarece o Dr. Drauzio Varella.

XX e XY saíram da batalha. Eles não são oponentes. Ser mulher não significa mais a falta de desenvolvimento do cromossomo Y. Tampouco ser homem significa o desenvolvimento linear e vertical em direção a esse mesmo Y. Para pensar o mundo, teremos que abrir mão do pensamento binário e partir para a consciência de que cada indivíduo é um gigantesco, diagonal e infinitamente detalhado mapa genético.

Thammy fez uma longa e por vezes tenebrosa viagem cujo ponto de partida foi o ínfimo momento perdido na memória quando, aos 3 ou 4 anos, se sentiu tremendamente mal num simples vestido de babadinho branco. O que definiu esse mal-estar é um elo perdido que pode ser atribuído tanto aos conhecimentos de Freud, da endocrinologia ou dos recentes conhecimentos do mapa genético. No cotidiano de uma vida comum, não importa. O que importa é viver bem.

Thammy viu ruir seu mundo quando ao mal-estar com as roupas e o comportamento feminino vieram se reunir, a um só tempo, o desejo pelas mulheres e a repulsa pelos homens. Enfrentou o dilema da homossexualidade e saiu vitorioso, de posse da liberdade de viver seu próprio prazer sexual.

Só que, em vez do pódio de chegada, o que Thammy encontrou foi uma nova linha de partida.

Se, até aqui, Thammy teve que nadar contra a pequena corrente das ideologias, dos padrões e das normas de comportamento, contra o macrocosmo que começa a partir da pele, agora ele teria que nadar contra o microcosmo que começa da pele para dentro, a violenta correnteza dos hormônios.

CASANDO DE TERNO BRANCO

Voltando à vida comum de Thammy, agora ele estava realizando um sonho — um sonho normalmente atribuído às mulheres, mas que o homem que ele é, curtido em curvas e minúcias femininas, aprendeu a sonhar também. O sonho do casamento.

Não é que Thammy tivesse mais uma vez se mudado para a casa de uma namorada ou uma namorada para a sua casa, como tantas vezes aconteceu. Dessa vez houve um casamento, literalmente.

De terno branco, Thammy recebeu a noiva — Maria Helena — de véu e grinalda no altar montado para a cerimônia na casa da família dela, na Vila Mariana, em São Paulo. A filhinha de Maria Helena, então com 4 anos, foi dama de honra. Abriu o caminho para a felicidade da mãe com pétalas de rosas brancas. Ronny e Teresa acompanharam a cerimônia com lágrimas nos olhos. Depois, bolo, champanhe e docinhos para um pequeno grupo de amigos. A imprensa, de olho no escândalo que ainda é uma celebridade gay se casar, não deixou de dar malicioso destaque à ausência de Gretchen.

Dessa vez, nada de balada. O casal havia se conhecido no Orkut. Se perceberam através dos amigos em comum e se adicionaram.

Foi a sorte de um amor tranquilo, depois de tantas relações intensas. Vivendo o amor fiel, Thammy deu com Maria Helena mais um passo em direção à sua identidade masculina. Ele estava muito incomodado com os seios, que a cada dia faziam menos sentido. Usava uma cinta elástica para

que não arredondassem sua silhueta, obrigando-o a voltar um passo atrás na relação com seu corpo sempre que se olhava furtivamente nas vitrines de um shopping, por exemplo. Quando Thammy falou sobre isso com Maria Helena, ela lhe deu força, boa esposa que estava disposta a ser:

— Eu acho que você tem que ser feliz, Thammy. Se é isso o que você quer, tem meu apoio.

Foram juntos a um cirurgião conversar sobre a mastectomia. Pela primeira vez, Thammy viu no horizonte a chance de ter seu corpo de verdade, o corpo que condizia com sua autopercepção, seu temperamento, seu desejo. Mas era uma decisão radical demais para uma pessoa que tem medo até de injeção. Tomar a anestesia sob risco de não voltar era um pouco demais para Thammy.

Quando conheceu João Nery, o primeiro transomem brasileiro, contou para ele que havia desistido da mastectomia por medo de morrer. João olhou nos olhos de Thammy e disse:

— Vai ter uma hora que o seu corpo vai precisar tanto disso que a coragem vai ser maior do que o medo.

Era um presságio, mas Thammy duvidou.

VIDA DE CASADO

Maria Helena era artista e tinha uma coisa que Thammy não tinha: a vida criativa. Isso acabou por ser um novo recurso. Quando estavam sem grana, nada de ensaios fotográficos com pouca ou nenhuma roupa, nada de filmes pornô ou presença VIP nas baladas gays. Com Maria Helena, Thammy deu asas à sua imaginação e também ao seu lado prático, fazedor. Criaram uma pequena oficina de objetos customizados. Os clientes entregavam uma série de fotos com momentos marcantes de sua vida e o casal os transformava

num abajur personalizado, por exemplo. Também faziam criados-mudos, bandejas de café da manhã... Era uma vida simples, uma vida boa.

Maria Helena tinha uma questão que não conseguia resolver com a filha pequena. A menina havia aprendido a dormir com a mãe e, agora, sempre que ia para o seu quarto, não conseguia dormir, chorava. A falta de privacidade começou a incomodar Thammy.

Não é à toa que dizem pelas ruas que o casamento é feito submarino: pode até boiar, mas foi feito para afundar. O de Thammy e Maria Helena não pôde fugir do lugar-comum. A vida foi ficando tranquila, tranquila e a cada dia mais tranquila. Tão tranquila que chegou ao tédio. O sexo saiu da programação diária e Thammy não teve como resistir aos seus venenos antimonotonia. Saiu por aí em busca da emoção que não encontrava mais em casa. Há quem diga que isso é coisa de homem.

Maria Helena não gostou. Começaram as idas e voltas típicas dos que se amam e ainda assim não conseguem resolver os problemas dentro de casa. Dali para a frente, foi apenas uma questão de tempo. Thammy conheceu o casamento, mas não o “felizes para sempre”. Durou menos de um ano.

GLÓRIA E OS MILAGRES DA VIDA REAL

Thammy agora estava namorando Ana Cláudia. O casal já estivera feliz e agora estava numa tremenda crise. Thammy andava apático e desestimulado. Mais uma vez, muito sem grana. Sua vida não estava nada legal. Ana Cláudia segurou a barra por um tempo, mas agora já estava de saco cheio. A ideia de Thammy era fazer um bico como DJ, pegar a grana e cair fora.

Gretchen estava morando nos Estados Unidos, e Thammy queria se mudar pra lá. Uma vida nova num lugar onde ninguém o conhecia já era uma fantasia guardada em sua cabeça havia muitos anos. No mínimo,

acabaria com a incômoda repercussão que cada um dos seus gestos acabava tendo na mídia, e que o oprimia mais do que promovia, prova disso a dureza em que se encontrava. Olhando assim, parecia um projeto perfeito.

Mas o acaso entra na vida da gente justamente para mostrar que, se Deus fez a perfeição, guardou junto com ele, na mesma gaveta privativa em que guarda as coisas melhores do que mulher. E jogou a chave no mar. Se Thammy queria o anonimato, a vida lhe daria o estrelato. Um nível de exposição ao qual nunca chegara, nem quando saiu do armário.

Estava dormindo com Ana Cláudia quando o telefone tocou. Thammy, no auge da depressão, sem saber que caminho seguir, preferia se manter o máximo de tempo dormindo, então jogou o telefone para o lado. Só que ele tocou de novo.

— Alô — disse, num tom irritado.

— Oi, Thammy. Aqui é a Glória.

— Que Glória? — perguntou, antes de desligar o telefone.

— Glória Perez. Você deve me conhecer...

Thammy deu um pulo da cama. Que depressão o quê! Os seus instintos de sobrevivência foram todos ativados com um só nome, Glória — não por acaso.

— Você fez um teste pra mim...

— O quê?

— Você mandou muito bem! Eu adorei e queria te convidar pra fazer a minha próxima novela. Você aceita?

Ele sentiu vontade de gritar, chorar e comemorar, mas manteve a calma:

— Claro, com o maior prazer!

— Legal! Uma pessoa da produção vai te ligar. Ok?

— Ok!

— Beijos.

Desligou o telefone e caiu no berreiro. A namorada se apavorou.

— Quem morreu, Thammy? Diz logo, quem foi que morreu? Foi seu pai ou sua mãe?

— A Glória! — ele balbuciou, entre lágrimas,

— Que Glória, porra?!

— A Glória Perez...

— Era ela ao telefone?

— Ela me chamou pra fazer a novela, porra!

Ana Cláudia começou a gritar e o choro virou riso e virou choro e virou riso novamente.

SALVE, JORGE, SALVE!

Tudo havia começado meses antes. As imensas escovas amarelas do lava-rápido sobre o para-brisa davam a impressão de guardar Thammy do mundo. Ali, dentro do carro, ele tinha um minuto de proteção. Os remédios para o pânico tinham entrado na sua vida e nunca mais saído. Eram a sua namorada mais duradoura. De vez em quando Thammy os mandava embora, valentão. Eles iam, passivos. Mas, quando a angústia lhe apertava de novo o peito, a dor só era menos suportável do que o medo dela. Então, como um amante humilhado, Thammy abria uma nova caixinha e as gotas de felicidade artificial vinham lhe conformar. Estava sob a pressão do namoro com Ana Cláudia, que se esvaía entre seus dedos.

Forte e decidida, Ana Cláudia não conseguia aceitar o namorado prostrado no sofá, dormindo o dia inteiro, sem atitude, sem a virilidade que lhe era tão característica na cama e fora dela. Não tinham grana para nada. Se Ana Cláudia quisesse jantar fora, tinha que pagar para os dois. Mulher não gosta de pagar, pensava Thammy, lembrando-se, chateado, de uma das frases-chave de seu pai: “Tem mulher quem pode.”

Dentro do carro, isolado pela máquina do lava-rápido, as soluções não apareciam. Vinham o desespero e as conversas que desde pequeno aprendeu a ter com seu santo de devoção, o guerreiro São Jorge.

De repente, tocou o celular, largado no console do carro. Thammy atendeu. Era o empresário de sua mãe.

— Você viu seus e-mails?

— Não. Por quê?

— Dá uma olhada. Ligaram pra cá avisando que te mandaram um e-mail. Da Globo.

Bendito seja o smartphone. Thammy abriu o e-mail. Era um produtor de elenco da Rede Globo perguntando se ele tinha interesse em fazer um teste. Thammy ligou de volta para o empresário.

— Ah, você acreditou? Isso é palhaçada de alguém. Eu não sou ator, nunca fiz teatro na minha vida!

— Não, Thammy, eu já liguei pra lá, é isso mesmo. Eles querem gravar um teste contigo — explicou o empresário.

Era verdade. Thammy ligou para o produtor de elenco e ele, sem mencionar o glorioso nome, disse que tinha “uma pessoa” querendo saber como Thammy seria atuando. Para quem não tinha nada a perder, por que não?

O produtor de elenco mandou por e-mail o texto a ser decorado para o teste e marcou uma data. Quem disse que Thammy conseguia decorar texto? Sua cabeça já estava nos Estados Unidos, só pensava em como iria conseguir o dinheiro para a passagem. Não via mais caminho no Brasil para ele. Que dirá se tornar ator de novela. Achava que o teste não ia dar em nada. Estava tão deprimido, tão desestimulado, que não via a sorte lhe sorrir. Por pouco não desistiu.

No dia marcado, pediu para Ana Cláudia ir com ele. Enquanto ela dirigia, Thammy decorava o papel que tinha sido interpretado por Murilo Benício em um dos episódios do seriado *Força-tarefa*.

Com o texto do capitão Wilson na ponta da língua, Thammy viu acender a luzinha vermelha do “gravando” na câmera. E isso não disparou o nervosismo que faz qualquer ator iniciante ficar *over* e ser quase que imediatamente banido dos testes. Pelo contrário: nascido na frente das câmeras, Thammy nunca conheceu a vida sem aquela luzinha vermelha direcionada para seus olhos — e seu coração. Não sabe o que é não ter uma câmera apontada em sua direção. Poderia até ficar nervoso, mas nunca por isso.

O resultado foi batata — como diria Nelson Rodrigues. O diretor do teste não pôde disfarçar seu entusiasmo:

— Você fez teatro por quanto tempo?

— Nem um minuto — respondeu Thammy, com sua graciosa honestidade.

— Olha, eu dou aula de teatro há 16 anos. Se metade dos meus alunos fizesse o que você fez aqui, estariam todos na TV.

Apesar dos elogios, Thammy, gato escaldado, não mudou seus planos. Se era para acontecer um milagre, teria que ser um milagre mesmo. Teria que ser a Glória Perez acordando ele ao telefone numa triste e desolada manhã paulistana chamando para uma novela que teria o nome... do seu santo padroeiro.

O PAPEL DO PAI, O PAPEL DA MÃE

A novela *Salve Jorge*, de Glória Perez, foi um grande sucesso da Rede Globo. Thammy foi escalado para fazer um pequeno papel em que, surpreendentemente, seria um policial, como seu pai e seu avô foram na vida real. A arte estava dando a ele a chance de estar onde sempre sonhava. Thammy queria fazer o exame para a Polícia Civil, mas seu pai não permitiu,

valendo-se do fato de que Thammy não teria a altura exigida para evitar, na verdade, que ele tivesse uma vida tão tensa e arriscada.

Ronny conta que um dia estava no carro com Thammy quando os dois viram um assalto no bairro onde moravam. Ronny percebeu o movimento, mas não estava de serviço; queria curtir a filha, saber das novidades. Thammy ficou uma fera:

— Você não vai parar? Não vai pegar o cara?

— Thammy, por favor. Trabalhei doze horas, estou cansado para pegar ladrão de galinha!

— O quê?

— Pelo amor de Deus, filha!

— Você é um policial! Você não pode fazer isso!

— Eu não estou de serviço!

— Pai, você está prevaricando. Vou te denunciar!

Thammy perturbou tanto que Ronny Silva Neto fez a volta. A muvuca já tinha acabado, mas Ronny disse para a filha:

— Agora eu vou prender esse cara.

Com perícia, deu uma olhada na região.

— Já sei o caminho que ele fez.

Entrou por uma ou duas ruelas e lá estava o ladrão, bebendo água da mangueira de uma senhora que lavava a calçada. Ronny foi mais adiante, parou e desceu do carro. O cara vinha subindo a rua. Ronny tirou a arma do coldre, engatilhou e pôs a mão para trás, nas costas. Empolgado, Thammy desceu do carro, participando da ocorrência, parou o trânsito na rua e orientou as pessoas a se protegerem — ele estava se sentindo!

Quando Ronny estava bem perto, enquadrando o ladrão.

— Deita, deita.

O cara nem tentou fugir. Ronny algemou o assaltante sem nenhuma dificuldade. E teve que conter Thammy, que se achou no direito de dar bronca no malandro.

Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar a nossa vã filosofia, disse Shakespeare, dando conta de um sem-número de acontecimentos como esse em que Thammy foi parar na TV fazendo o papel do pai. Já outros acontecimentos ficam por conta do Ibope mesmo.

Glória ligou uma segunda vez para Thammy, já com a novela andando. A ideia inicial era que Thammy fizesse a personagem Jô. Não importava se Jô era uma lésbica com aparência masculina ou não; importava que Jô era uma policial que registrava os passos do processo de investigação de uma rede de tráfico de mulheres. Em certo momento, a investigação passaria da Polícia Civil para a Federal e Jô sumiria. Era para ser assim, mas mudou.

— Thammy, em primeiro lugar, parabéns. Você está indo muito bem na novela. Eu sempre soube que você não decepcionaria. Agora, é o seguinte. O público está me pedindo para você aparecer mais. Então, eu queria te dar um presente: sua personagem vai mudar. Ela vai se disfarçar e participar da investigação, como uma bailarina infiltrada.

— Claro, maravilha. Vamos arrasar! — Thammy respondeu de pronto. E segurou a vontade de chorar.

DÉJÀ VU

A preparação da personagem Lorrana envolveu todos os rituais femininos que Thammy havia abolido de sua vida para sempre. Thammy já havia assumido publicamente um comportamento e uma imagem absolutamente masculinos. E a personagem Jô absorvia esse jeito de Thammy perfeitamente. Mas, quando teve que fazer Lorrana, num passe de mágica os cabelos longos e pretos estavam de novo em sua cabeça. Horas de maquiagem pesada. Cílios, lápis, brilhos, bases, batons... nomes que estavam recolhidos à doce insignificância no interior das bolsas das

namoradas voltaram aos seus dias. *Professional, Thammy, você é profissional*, ele dizia a si mesmo cem vezes por dia, como um mantra.

Nas cenas em que gravava como Lorrana, Thammy precisou do apoio de Lara. A amiga acompanhava todas as gravações, dando-lhe suporte emocional, mas não só o emocional. Lara foi incumbida de barrar os fãs, não permitindo fotos de Thammy vestido de Lorrana. Só de Jô. Foi duro, mas foi um aprendizado.

— O pior de tudo era quando a gente ia gravar na boate. Tinha setenta figurantes, todas gostosas dançando lá e eu vestido de mulher!

Thammy lembra e explode numa gargalhada, que é sua característica. Aconteça o que acontecer, Thammy sempre vai encontrar a hora de dar uma boa risada.

HIPOCRISIA À BRASILEIRA

A novela foi um sucesso e Thammy virou o centro das atenções. Depois de tantos e tantos meses de penúria, era a hora da bonança. E com a bonança sempre chegam os maus amigos, aqueles que haviam sumido na penúria.

As críticas à sua sexualidade e à sua aparência sumiram da boca de pessoas que diziam se preocupar com Thammy, diziam querer o seu bem. Bastou aparecer na novela das oito para arrefecerem os comentários maliciosos. Thammy tem clareza de que o sucesso pode ser traiçoeiro:

— Se você é um transexual que trabalha num programa popular, você é lixo. Se é um transexual que faz a novela das oito, você é luxo. O que mudou em mim? Não mudou nada. O que muda é a hipocrisia das pessoas.

Thammy se descobriu um bom ator. Atuar é um ofício tão profundo e intenso que vira uma espécie de vício. Quem é ator não consegue ficar sem atuar. Um ator de verdade é capaz de passar pelas maiores provações para seguir interpretando papéis. Basta assistir às entrevistas dos seus atores

prediletos para lá encontrar depoimentos sobre fome e outras mazelas superadas em nome da arte.

Ansioso para seguir na carreira tardiamente encontrada, Thammy passou a ter que enfrentar um desafio a mais. A sociedade está habituada a papéis criados para homens e mulheres. Mesmo em fábulas, o bichinho macho tem o comportamento atribuído ao gênero masculino e a fêmea, ao feminino. A dramaturgia que enfrenta essa norma é sistematicamente atacada pelas instituições que lucram com o preconceito, exigindo dos autores constantes explicações públicas — coisas que nunca se pede quando o personagem é ignorante ou mau. Logo, raríssimos são os papéis de transexuais, especialmente na TV.

Depois do sucesso da novela *Salve Jorge*, o caminho deveria estar aberto para outros contratos para atuar. Mas não. Sendo um ator transgênero, Thammy dificilmente é elencado como homem ou como mulher.

Seu nome chegou a ser cogitado para um *talent show* — programa de auditório em que celebridades competem por meio da dança de salão. Mas houve um problema. Como era um programa que dividia os participantes por casais, a produção não soube com quem exatamente colocar Thammy. Com uma moça ou com um rapaz.

O DIVO TRANS DO LEBLON

A produção pode até ficar perdida numa hora dessas, mas o público sempre dá o seu jeito.

Permite o leitor que, numa breve experiência estética, a narradora participe da cena?

Naquela tarde, além do jeitão, Thammy estava confortavelmente vestido de “menino”, como ele mesmo costuma falar. Boné para trás, chinelo de dedo, bermuda de surfista e camiseta larga com os ombros de fora. Nos

braços e nas pernas, dezenas de tatuagens. Estávamos no Leblon, perto da praia, em frente ao prédio onde mora a advogada de direitos autorais que fez o contrato de coautoria deste livro. Estávamos fazendo as últimas combinações a respeito do livro quando uma senhora de uns oitenta anos, muito bonitinha, maquiada e bem-arrumada, se aproximou com um sorriso largo e sincero:

— Mas é ainda mais bonita ao vivo!

Thammy lhe devolveu o sorriso e abriu um abraço.

— Obrigado! — respondeu Thammy, flexionando o adjetivo no masculino.

— Você é muito bonita, minha filha. Eu sou sua fã! Não perdia um capítulo da novela só para te ver! — disse a senhorinha, apertando as bochechas de Thammy.

Ela fazia intermináveis elogios a uma menina, enquanto na frente dela estava um rapaz.

Quando a senhora foi embora, esperei que Thammy reclamasse. Não reclamou.

— Não te incomoda que ela te trate como menina?

Thammy respondeu com um sorriso sincero e uma única palavra:

— Não.

Eu pensei com os meus botões: meu Deus, simples assim...

SEXTA PARTE

TRANSEXUALIZAÇÃO

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI

Pierre-Henri Castel, psicanalista e filósofo francês contemporâneo, professor da Universidade Paris Descartes, escreveu um importante artigo, intitulado “Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual (1919-1995)”.

Segundo Castel, o “fenômeno transexual é um indicador muito seguro das modificações históricas da percepção científica, mas também cultural e política da identidade sexual no século XX”.

Em 1910, o sexólogo alemão Magnus Hirschfeld buscava despenalizar a homossexualidade, considerada crime e punida com sanções penais em diversos países, inclusive na Alemanha. Ele teria usado o termo “transexual-psíquico” para se referir a um caso clínico. Em seu livro *Die Transvestiten*, ele usa pela primeira vez o termo “transexual”. Hirschfeld procurava separar as formas de homossexualidade e estabelecer que o transvestismo não é uma prática especificamente homossexual. Seu objetivo era destruir a homogeneidade aparente da categoria dos então chamados “atos contra a natureza”. Diz Castel que estes eram reprimidos com particular crueldade pelo Código Imperial de 1870, aplicado na Alemanha.

Ainda durante a Primeira Guerra Mundial, Harold Gillies, um dos pais da cirurgia plástica, experimentou a faloplastia — cirurgia de implante de pênis — em soldados mutilados. Procurado por intersexuais, Gillies redigiu um manual de cirurgia urogenital e operou muitos desses pacientes. É atribuída a ele a primeira faloplastia, feita em Laura Dillon, que se tornou Michael, primeiro militante do “direito moral” à mudança de sexo.

Em 1921, um dos alunos de Hirschfeld, o cirurgião Felix Abraham, fez, em relativa clandestinidade, a primeira cirurgia de transexualização propriamente dita, o caso Rudolf.

Nos EUA dos anos 1930, os psicólogos que estudavam os hermafroditas se perguntavam se é a natureza ou a cultura que decide a identidade sexual dos indivíduos ambíguos e procuravam os meios empíricos (estatísticas, questionários etc.) para decidir.

Até os anos 1940, as pesquisas sobre a sexualidade eram eminentemente assunto da psicanálise. O desenvolvimento da endocrinologia e a progressiva descoberta dos hormônios destronaram a psicanálise, e as duas ciências passaram a disputar os saberes. Graças aos hormônios, a anormalidade das condutas e dos sentimentos tornou-se uma questão de dosagem sanguínea, observa Castel. A descoberta da endocrinologia e suas interpretações foram tão contundentes que fizeram Sigmund Freud modificar sucessivas edições da obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, grande tratado sobre a libido.

A partir dessa perspectiva endocrinológica, surgiu uma poderosa questão. Se o estatuto hormonal rege a vivência mental, a prova dos nove passou a estar não mais num diagnóstico psicológico, mas na convicção subjetiva do doente e em sua insistência em se fazer operar.

O termo “transexual-psíquico” foi recuperado em 1949 por David Oliver Caldwell, sexólogo americano, em um estudo de caso que catalogou as principais características que viriam a ser consideradas específicas das pessoas transexuais. Caldwell, clínico-geral, cirurgião e psiquiatra, fez uma

distinção decisiva: o sexo biológico e o sexo psicológico. O gênero, para Caldwell, é plástico, e não existe uma forma masculina ou feminina de ser.

Mais tarde, Harry Benjamin, endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos, primeiro grande defensor das alterações corporais, introduziu o termo “transexual” para designar uma pessoa que deseja viver o gênero oposto ao que nasceu. Benjamin trabalhou sobre a distinção entre transexuais, travestis e homossexuais, denominações usadas até então de forma indistinta. E recomendou as transformações corporais somente para o “verdadeiro transexual”.

Coube a John Money, psicólogo e sexólogo neozelandês radicado nos Estados Unidos, elaborar a separação entre sexo e gênero, abrindo caminho para a teoria da identidade de gênero e a definição do “transexualismo”, que passou a ser entendido como uma síndrome na qual a pessoa se sente psicologicamente pertencente ao sexo oposto ao seu. Um dos desdobramentos práticos dessa elaboração foi a aplicação de diferentes abordagens clínicas e psicológicas para o “transexualismo” e o “homossexualismo”. Money estava certo quando dizia que as crianças têm sua identidade sexual fixada por volta dos três anos.

Nos anos 1960, em inúmeros casos, os psiquiatras foram dispensados. Pensava-se que os “doentes” não eram “loucos”, mas sim “homossexuais infelizes”. No entanto, a raridade do fenômeno acabava por não permitir a avaliação do real risco doentológico.

Em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana retirou a homossexualidade da lista de patologias, e em 1980, o [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 3] *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders*–DSM 3, que lista as categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los e é usado por clínicos, pesquisadores, companhias de seguros, indústria farmacêutica e parlamentos políticos do mundo inteiro, finalmente previu a utilização de cirurgia e de hormônios

para a escolha individual do estilo de vida sexual e emancipação dos costumes.

Ainda nos dias de hoje, a despatologização da transexualidade é uma das lutas da comunidade médica e LGBT.

ANDRESSA E O AMOR MADURO

O último namoro de Thammy havia sido extenuante. Uma mistura perigosa de intensidade e passionalidade empurrava o casal para a agressão física e verbal. Thammy pode ter seus defeitos, mas não está entre eles o gosto por violentar-se, menos ainda por violentar o outro. Era hora de abrir mão e seguir em frente. Dor de amor, ao menos para alguns, se cura pondo a cama na varanda. E foi o que ele fez.

Já conhecia Andressa — este não é um codinome — das rodas de amigos. Nunca haviam se paquerado antes, mas, conversando com uma amiga sobre mulheres interessantes, o nome de Andressa surgiu. A amiga sabia que o nome de Thammy já tinha surgido numa conversa semelhante com Andressa, mas não tinha comentado nada. Naquele momento, coincidentemente, Thammy e Andressa estavam vivendo o mesmo momento amoroso, ambos terminando suas histórias com outras pessoas. Era mais prudente esperar.

O tempo passou, as coisas se resolveram e Thammy decidiu tomar a iniciativa. Pediu o telefone de Andressa para a amiga e mandou um whatsapp: “Oi, estou solteiro e disse para a Ane que estava procurando uma namorada. Ela me passou seu telefone...”

Andressa é assistente de palco de um programa de TV e estava gravando. Quando viu o recado, achou o papo de Thammy bastante direto, até demais para quem havia pouco tempo estava vivendo uma separação. Mas topou um encontro no bar que os seus amigos em comum frequentavam.

Quando Andressa chegou, Thammy quase caiu da cadeira. Sentiu ciúmes:

— Para que tanto decote?

Na verdade, não caiu da cadeira. Caiu de quatro. Andressa lhe pareceu simplesmente uma visão do paraíso. A mulher mais bonita do universo e um perfume inexplicável... Coisas da paixão.

Diante de tantas sensações, Thammy teve um súbito ataque de timidez e não conseguia ter coragem de se aproximar. Algumas cervejas mais tarde, sentou-se perto de Andressa e começaram a conversar. Foram ficando cada vez mais perto, adiando aos pouquinhos o que seria o melhor beijo da sua vida. Thammy esqueceu o bar, esqueceu as pessoas, esqueceu tudo. Para ele, naquele momento, só existiam ele e Andressa. Somente quando ficaram desse jeito se beijaram.

No primeiro beijo se descobriram amantes, se encaixaram, se apreciaram, se disseram silenciosos segredos, se prometeram cuidar um do outro. No primeiro beijo encontraram um lugar longe, silencioso, mágico. Um lugar só deles dois. Aquele beijo não era um beijo. Era “o” beijo.

Do beijo para o amor e do amor para uma vida de casal.

Era final de ano e Thammy convenceu Andressa a viajar com ele para Itamaracá. Seria o presságio de Gretchen de que ali, em Pernambuco, seriam felizes? Teria sido esse o pedido que Thammy, ainda uma garota, teria feito ao entrar na cidade de Recife? A chegada de Thammy com Andressa a Itamaracá seria um belo desfecho para aquela cena antiga.

Passaram dez dias dormindo e acordando juntos, ao sabor do vento morno do Nordeste. Na beira do mar, salgando o mel dos corpos, se amaram sem medo e sem segredo. Se deram tão ampla e sagradamente ao prazer de estar juntos que parecia uma bênção, um casamento natural, no colo de Iemanjá. Toda ilha tem magia.

Quando voltaram para São Paulo, Thammy caiu num vazio. Andressa era uma mulher diferente das outras. Independente e produtiva, não tinha nem

tempo para entrar em fusão. Para ela, cada qual vivia a sua vida e depois se encontravam para celebrar. Mas para Thammy era diferente. Queria estar junto o máximo de tempo possível, todo dia. Se possível, o dia inteiro. E não entendeu as negativas de Andressa, se sentiu desimportante. Resolveu terminar, antes de começar a sofrer.

Andressa, mais nova, porém segura sobre si mesma, entendeu tudo e não aceitou terminar. Por que terminar uma relação que estava tão gostosa? Era só uma questão de adaptação a outro modo de se relacionar. Thammy pescou a mudança e deixou de lado os antigos modos de ser amado. Valia a pena.

Andressa viveu ao lado de Thammy o momento mais decisivo da sua identidade de gênero, melhor dizendo, da sua vida: o processo de transexualização.

Àquela altura do campeonato, abrir um absorvente, destacar os adesivos e colar na cueca não fazia mais sentido. Era o cúmulo do ridículo, e Thammy não tinha por que aguentar aquilo. Fora as cólicas e todos os incômodos da menstruação, que não há mulher que seja capaz de adorar. Suporta-se como parte da condição feminina, mas, para quem não está nem um pouco identificado com ela, é um martírio.

Thammy começou interrompendo a menstruação através de anticoncepcionais. Era uma solução rápida e prática, à altura da ansiedade inerente à sua condição. Sem processos, sem espera. Por isso mesmo, um paliativo. Thammy sabia que precisava pensar a sério em assumir mudanças radicais em seu corpo, em sua vida.

TRANSGÊNERO, ESSE É O NOME

O idioma é um ser vivo e se modifica organicamente de acordo com a evolução da humanidade. Um dos desafios das pessoas diferentes é que

normalmente elas estão na fronteira da linguagem, onde as coisas ainda não têm nome. Temos o vício de achar que o que existe é aquilo que podemos nomear. No entanto, a espécie evolui pelo caminho do inominável, encontrando no mundo aquilo que ainda não tem nome, mas existe.

Transexuais, pessoas que nasceram com um gênero anatomicamente prevalente, mas cuja autopercepção, sensibilidade e desejo são identificados com o gênero oposto, e intersexuais, pessoas que nascem com as características biofísicas dos dois sexos, embora identificadas com apenas um deles, provavelmente existem há centenas de séculos.

No entanto, essas pessoas permaneceram por muito tempo rejeitadas pelos padrões ocidentais de percepção do humano, mediados pela ciência e pela ideologia — a primeira muitas vezes conduzida de modo a reiterar os princípios estabelecidos pela segunda. Era como se elas simplesmente não existissem, e assim o papel da linguagem não pôde ser exercido quanto a elas, não lhes era conferido um nome.

Por outro lado, enquanto o que não tem nome é percebido como inexistente, os enganos persistem. A coisa inominada é chamada pelo nome errado até que se construa uma consciência e uma percepção clara a respeito do que ela seja. A etimologia da palavra “equivoco” explica esse fenômeno: “equi” — igual —, “voco” — palavra. Se diz “equivoco” quando se usa a mesma palavra para coisas diferentes.

O tempo das mudanças no mundo talvez seja o tempo da ampliação da percepção dos seres humanos quanto às complexidades desse mesmo mundo.

Trocando em miúdos, a palavra “transgênero” não existia. Ela é recente. É nascida da percepção de que existe de fato um movimento — trans — entre os gêneros. Da percepção de que os gêneros não estão fixados em duas unidades monolíticas e opostas, o gênero feminino de um lado e o gênero masculino de outro.

A palavra “transgênero” só existe hoje porque finalmente se construiu uma percepção que explica para Thammy e para milhares de pessoas o que eles estão sentindo e vivendo desde a infância, sob muita angústia e, dependendo de suas famílias e sociedades, uma cruel violência. Eles estão vivendo um movimento, um atravessamento entre os gêneros, já que nasceram com uma prevalência que lhes designa um gênero, mas se percebem de outro.

Fica uma nota para a sociedade hindu, que reconheceu a existência dos transgêneros e intersexuais muito antes do Ocidente e tem para eles a palavra “Hijira”.

T

O caminho de um transgênero começa e acaba nele mesmo, ao contrário do caminho de uma lésbica ou de um homossexual. A lésbica deseja uma mulher. O homossexual, um homem. O transgênero deseja viver sua identidade de gênero, independente de ter um parceiro ou parceira. Sua questão é consigo mesmo em primeiro lugar, depois vem a questão do relacionamento afetivo.

Para o transgênero o desafio é se saber membro do sexo oposto e encontrar formas de viver bem assim na família, na sociedade e no próprio corpo. Neste último sentido, do ponto de vista médico, o dispositivo para a adaptação física se dá através do processo de transexualização.

No caso do transgênero feminino para masculino, ou transomem, esse processo envolve uma cuidadosa administração de testosterona, o famoso T.

Não custa lembrar que a testosterona é um hormônio que, embora seja produzido em ambos os sexos, no homem tem uma produção cerca de trinta vezes maior. Por isso, a testosterona dá marcas masculinas mais identificáveis: a massa e o contorno muscular — já que o hormônio aumenta

o metabolismo de gorduras; os pelos no rosto e em todo o corpo; a voz grave. E também as marcas de comportamento, como a agressividade e a libido.

Não seria exagero dizer que, para um transmem, a vida se divide em duas partes: preT e onT.

A nomenclatura em inglês, *pre* e *on*, tem motivo. Tanto a comunidade médica quanto os grupos de ativistas americanos vêm estimulando as pessoas que estão em processo de transexualização FTM — em inglês, *feminin to masculin*, feminino para masculino — ou MTF — *masculin to feminin*, masculino para feminino — a gravar vídeos curtos regularmente e publicá-los nas redes sociais a fim de dar visibilidade ao processo. Este envolve muitos altos e baixos emocionais, medos, fracassos, mas também uma forte sensação de felicidade e de esperança. Os vídeos são um mecanismo de apoio para as pessoas que lidam com o difícil fator tempo, já que a ansiedade é um dos maiores estresses pelo qual o transgênero passa. Esses vídeos são identificados como preT e onT — antes da testosterona e durante a testosterona.

Nas redes sociais existem relatos de anos de processo, como o do transmem americano Aydian Ethan Dowling, que começou a tomar testosterona em 2009 e recentemente foi capa da revista inglesa *Men's Health*, depois de uma vitória esmagadora no concurso de homem saudável do ano. Para termos ideia do quanto a vitória de Aydian é reveladora, o vencedor do concurso no ano passado foi um veterano do Iraque. Trata-se, sem dúvida, da indicação de uma mudança de paradigma quanto ao que seja ser homem.

Vale mencionar também que Aydian se tornou um dos mais expressivos ativistas transgênero dos Estados Unidos e lançou uma marca de roupas, a Point5cc, empresa que mantém um programa de ajuda para pessoas que precisam da cirurgia de transexualização. Procure saber.

A administração de hormônios, ou hormonioterapia, no processo transexualizador, se dá por longos períodos e exige acompanhamento

endocrinológico contínuo, para reduzir danos por efeitos colaterais. No caso do processo de administração de testosterona, diagnósticos precoces são essenciais para prevenir o câncer no fígado, diabetes, artrose, pressão alta e atrofia do útero e ovário, por exemplo.

O papo aqui é de adulto. Não existe felicidade sem sacrifícios. E esse é o seu aspecto mais complicado. Um transgênero precisa saber enfrentar o tempo e ter disciplina. Ou sua vida estará em jogo. Foi o que aconteceu com Thammy.

ANSIEDADE E ERRO

Era dia do seu aniversário, 3 de setembro. Num golpe preciso do acaso, a primeira consulta de Thammy com um endocrinologista havia sido marcada para esse dia. Talvez fosse um presente dos céus. Thammy nutria a esperança de que, mesmo fazendo tudo no improviso, as coisas pudessem dar certo. Mas agora elas começavam a se tornar realmente perigosas.

Thammy havia se informado vagamente sobre as terapias hormonais pela internet. Como na época a maior parte dos vídeos preT e onT era em inglês, não conseguiu entender muito bem — o preço de ter matado as aulas do intercâmbio zanzando pelo campus. Thammy tinha uma ideia fixa: tomar testosterona. O que significava, na verdade, que Thammy estava em busca de um processo de transexualização. Mas ele não sabia direito o que era isso. Sem saber como se informar, delegou a um médico especialista a tarefa, sem ter a dimensão de que estava na verdade colocando a sua vida nas mãos de terceiros.

— Doutor, eu quero virar homem. O senhor tem como me ajudar?

O médico apresentou para Thammy uma novidade da indústria farmacêutica, um gel de testosterona que ostentava a indiscutível vantagem de não ser metabolizado no fígado. Prescreveu a droga e não pediu nenhum

exame. Thammy tinha achado o seu par. Um ansioso sempre encontra um leviano para fazê-lo feliz. Muito feliz. Por pouco tempo.

Thammy, do alto dos seus 32 anos, comunicou a decisão de fazer a hormonioterapia para às pessoas mais importantes de sua vida — Andressa, Gretchen, Teresa (a mulher do seu pai) e Lara — sem dar chance para um eventual debate. Era uma decisão e ponto. Quanto ao pai, preferiu contar com as habilidades de Teresa para fazê-lo saber que grandes mudanças estavam por vir. A família tremeu, claro, mas se pôs ao seu lado. Já haviam passado por muita coisa juntos, já sabiam que Thammy não estava brincando nem vivendo uma fase passageira. Agora era estar junto e acompanhar de perto para que tudo desse certo.

Thammy seguiu em frente. Taca-lhe gel de testosterona diariamente, e logo apareceram os resultados. No primeiro mês, um generoso aumento dos pelos, do clitóris e, nem precisava, da libido. Satisfeito, Thammy? Não. Ligou para o consultório e pediu ao médico que aumentasse a dose; queria resultados mais rápidos. O médico, num pequeno indício de responsabilidade, pediu os exames. Mas não assumiu o risco a que estaria expondo seu paciente.

Passaram-se cinco meses de processo e Thammy não fez nenhum exame. A desculpa era a mais rasa possível: não tinha tempo. Como se fosse permitido a alguém em sua condição não ter tempo para o próprio processo. E seguiu agredindo seu corpo e seu metabolismo. Conseguiu aviar as receitas mesmo sem os exames, durante todo esse tempo, não se sabe como — a malandragem que sempre foi recurso e desgraça do brasileiro. O corpo começou a dar sua opinião. Dores de cabeça lancinantes. O temperamento de Thammy virou do avesso. A pessoa sempre gentil e bem-humorada deu lugar a um cara nervoso, estressado. Quando relatou isso ao médico, ele desconversou e nunca mais atendeu seus telefonemas. A cobaia começava a apresentar defeito; era melhor dispensá-la.

QUANDO TER DINHEIRO É PIOR DO QUE NÃO TER

Thammy entendeu que o problema estava no médico. Ou melhor, no preço da consulta. Perguntou até encontrar o que lhe disseram ser o melhor endocrinologista de São Paulo. Ligou, marcou, assinou o cheque polpudo até com certo orgulho. Para virar homem não se faz economia, certo? Errado.

Começou tudo de novo. Thammy expôs o seu objetivo e o médico explicou que o que Thammy estava querendo era se transexualizar. Foi a primeira vez que ele ouviu o termo. Se esse era o nome para quem nasceu homem num corpo de mulher e precisava resolver o problema, tudo bem. Tudo ótimo.

O médico ponderou que nunca tinha feito esse tipo de tratamento, mas que gostava de “novos desafios”. Ficou de conversar com seu advogado sobre as orientações do Conselho Nacional de Saúde sobre o assunto, mas considerou que Thammy já podia “ir começando” o processo.

Uma injeção de duzentos miligramas de testosterona foi aplicada no corpo de Thammy naquele mesmo dia. Uma unidade de laboratório móvel foi até sua casa e colheu 24 frascos de sangue, para todo tipo de exame. Secou-se a veia do braço direito e se passou para a do esquerdo. Até hoje Thammy não sabe dizer que tipo de testosterona foi injetada nele.

Oito semanas e oito doses depois, com dois litros de testosterona na corrente sanguínea, Thammy se lembrou do fígado. O gel não era incrível por evitar os problemas no fígado? Se não estava usando o gel, não deveria estar protegendo o fígado? Um pouco mais bem-informado sobre o que estava fazendo, ligou para o seu médico a fim de saber se ele não deveria estar prescrevendo algum remédio para essa função, a proteção do seu fígado. O médico não entrou nesse assunto, e lhe deu a triste notícia de que seu advogado havia recomendado expressamente que o processo fosse suspenso. O Conselho Nacional de Saúde teria que dar uma autorização

especial para o tratamento hormonal para transgêneros. Autorização esta que o médico não tinha.

Thammy ficou desesperado. Como assim parar tudo o que havia demorado tanto a conquistar? Negociou com o médico que ao menos ele pudesse deixá-lo forte, que ao menos pudesse “secar” os seus seios, aumentando a sua massa muscular peitoral. O médico respondeu que esta, sim, era a sua especialidade, deixar forte. E continuaram com as injeções semanais de testosterona.

UM BRASIL PARA CHAMAR DE SEU

A experiência com aquele médico foi praticamente trágica, mas deu a Thammy uma informação fundamental: transexualização. Somente agora, de posse dessa palavra, ele começou a melhorar a sua busca por um caminho. Uma palavra pode ser um mapa.

Jogou no Google a coisa certa. Não mais “testosterona como usar”, mas “transexualização”. Dita a palavra mágica, um novo mundo se fez presente.

O primeiro nome de referência em endocrinologistas para o processo de transexualização que apareceu na pesquisa de Thammy foi o da Dra. Elaine, e, junto ao seu nome, uma surpresa. Nada de consultório no Morumbi ou no Itaim Bibi. Nenhum site *hi-tech* bombado. Mas atendimento público. SUS. Sistema Único de Saúde do Governo Federal.

Thammy estranhou, mas ligou. Ligou e — surpresas em série — foi superbem-atendido. Thammy queria saber sobre a cirurgia para retirar os seios. Com a sensibilidade educada para lidar com a diversidade e arrefecer os ânimos exasperados de quem se sente mal por ser diferente, a atendente foi quase uma boa amiga ao telefone. Thammy pediu informações sobre o processo de transexualização e a atendente, Rosely, explicou sobre os procedimentos básicos, a hormonioterapia e o acompanhamento

psicológico e, após o laudo, as cirurgias, começando pela mastectomia masculinizadora, alvo principal de Thammy. Sincera, Rosely não dourou a pílula:

— A fila para a adenomastectomia é gigantesca. Pense em algo em torno de cinco anos de espera.

Lidar com a verdade é sempre um bom começo. Thammy negociou consigo mesmo e solicitou o encaminhamento para a hormonioterapia e o acompanhamento com um médico endocrinologista. A atendente passou o endereço e o horário de atendimento.

Pense na filha gay da Gretchen — era assim que o público via Thammy — entrando numa unidade de atendimento do SUS. Nada de mais para quem é discreto e descolado e está a fim de lidar com as pessoas da maneira mais humana possível, para além da superficialidade da fama. Mas a maioria, infelizmente, não pensa assim. Primeiro, os fãs, que, por mais fofos que sejam, sempre se acham no direito de invadir a privacidade de seus ídolos. Depois, os paparazzi, sempre atrás de um escandalozinho que impulse a venda de seus tabloides. Para Thammy, seria uma pequena tragédia. Ele guardou a humildade no bolso e abriu o jogo com a simpática atendente:

— É que eu sou a Thammy Miranda, filho da Gretchen. Se eu pisar num atendimento público do SUS, acabou-se a minha privacidade, entende? Preciso de sigilo. Rola?

As atendentes do SUS certamente passam muito mais por essa questão do que podemos imaginar. A moça matou no peito e chutou para o gol. Passou para Thammy o contato do psiquiatra responsável. Thammy escreveu um e-mail na hora:

Boa noite, doutor.

Quem me passou seu contato foi a Rosely da secretaria, ela me pediu pra explicar minha situação!

Sou artista, meu nome é Thammy Miranda (sou filha da Gretchen). Eu tô buscando a melhor forma de fazer o tratamento hormonal para trans. Soube q o senhor é o pioneiro nisso e gostaria de saber como posso fazer esse tratamento sem precisar me expor nesse momento. Não tenho problema algum em me assumir, como o senhor já pode ver, mas gostaria que esse momento fosse um momento meu! Então, no caso, não sei se o senhor pode me encaminhar pra algum médico particular, não sei se vc já tem alguém q trabalhe com vc e faça isso. Estou tirando minhas dúvidas... rsrs

Aguardo ansiosamente seu retorno!

Até logo.

Thammy

No dia seguinte, o psiquiatra respondeu. A orientação foi que Thammy procurasse a maior referência no assunto, professora da Universidade de São Paulo, nada menos que justamente... a Dra. Elaine! A mesma que Thammy havia encontrado no Google e que a levava ao telefone do SUS. Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.

Thammy marcou uma consulta particular, pegou Lara, a melhor amiga, e partiu Dra. Elaine. A consulta durou o tempo que todo médico interessado pelo paciente deveria poder gastar. Ficaram cerca de duas horas juntos. Aos poucos Thammy ia entendendo tudo o que por instinto tinha buscado, começava a se ver como parte de um imenso e segregado grupo ao qual o Ministério da Saúde do seu país estava dedicando muitos recursos e muitos profissionais — ele jamais tinha tido essa visão.

A Dra. Elaine pediu uma série detalhada de exames, mas como Thammy tinha realizado alguns deles recentemente, maravilhas da modernidade, era só acessá-los pela internet, ali mesmo, na hora.

Quando a Dra. Elaine viu os números, quase caiu da cadeira. A testosterona de Thammy estava em quase dois mil, quando as taxas normais para um homem saudável podem chegar no máximo a 950. Isso indicava senão risco de morte, risco iminente de efeitos colaterais graves como excesso de células vermelhas no sangue que pode culminar em um entupimento vascular, o que, em última análise, pode levar a morte por AVC. Thammy estava prestes a sofrer as consequências mais graves de sua ansiedade e de sua falta de informação.

QUESTÃO DE CIDADANIA

O programa de processo de transexualização brasileiro é considerado o mais avançado do mundo. Sua implantação corresponde a uma luta que envolveu diversos segmentos da sociedade, a comunidade médica, o movimento LGBT e o Ministério Público.

Inicialmente, quando da primeira ação civil que tinha como objetivo possibilitar aos transexuais a realização, pelo Sistema Único de Saúde, de todos os procedimentos médicos necessários para garantir as cirurgias de transexualização, conforme critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Medicina, a União posicionou-se contra, argumentando que a cirurgia tinha caráter experimental, realizada apenas em hospitais públicos adequados à pesquisa. Alegou também que o procedimento seria polêmico, colocando em dúvida seu aspecto legal. No entanto, assegurou que a posição contrária se devia à impossibilidade de dirigir recursos orçamentários a “demandas individualizadas”.

A ação foi extinta sem julgamento do mérito, em primeira instância, sob argumento de impossibilidade jurídica do pedido. O Ministério Público Federal apelou ao Tribunal Regional Federal.

O relator do caso no Tribunal, o juiz federal Roger Raupp Rios, analisou a questão da seguinte maneira:

A partir de uma perspectiva biomédica, a transexualidade pode ser descrita como um distúrbio de identidade sexual, no qual o indivíduo necessita alterar a designação sexual, sob pena de graves consequências para sua vida, dentre as quais se destacam o intenso sofrimento, a possibilidade de automutilação e de suicídio.

Nenhuma crítica ao Brasil é aceitável se não couber nela uma ponderação sobre os seus grandes momentos de democracia e sobre o uso dos mecanismos democráticos que grandes brasileiros como Raupp Rios têm feito, prenunciando um mundo melhor a partir da nossa capacidade de lidar com a diferença — talvez a maior das contribuições do Brasil à humanidade.

No dia 17 de agosto de 2007, a terceira Turma do Tribunal Regional Federal da Quarta Região, em decisão unânime, deu prazo de trinta dias para que o SUS incluísse na sua lista de procedimentos a cirurgia de transgenitalização ou de mudança de sexo em todo o território nacional. A ação civil movida pelo Ministério Público Federal contra a União viu a cirurgia para transexuais como um direito constitucional, que abrange os princípios do respeito à dignidade humana, à igualdade, à intimidade, à vida privada e à saúde.

FUGINDO DO INCONSCIENTE

A Dra. Elaine fez um trabalho de ourivesaria nos hormônios de Thammy. Parou tudo e começou do zero. Depois, monitorando com exames mensais, manteve doses quinzenais ou até a cada 21 dias, dependendo da absorção e da avaliação dos exames de controle.

Experiente a respeito da ansiedade comum aos seus pacientes, a Dra. Elaine foi muito clara com Thammy:

— Não é simplesmente tomar hormônio, operar e pronto, acabou, virou homem. Nada disso.

A médica explicou o conjunto de procedimentos exigidos pela normativa do Ministério da Saúde que regulamenta o processo transexualizador no SUS, e Thammy entendeu de pronto que deveria passar por um acompanhamento terapêutico. Além disso, como Rosely havia avisado, todas as cirurgias previstas nesse processo dependiam de laudos do psiquiatra, do psicólogo e do endocrinologista. O Governo e os profissionais da saúde envolvidos no processo precisam se cercar ao máximo senão de certezas, de indícios de que o paciente é realmente um transgênero, e que será, portanto, beneficiado com os procedimentos médicos. Em algumas situações raras porém históricas, pacientes chegaram a processar o Governo, por exemplo, no caso de um paciente que tinha características dos dois sexos, ainda criança foi operado para se desenvolver homem, mas quando cresceu se percebeu mulher. Como toda ação pioneira, o processo é delicado e exige muitos cuidados. Tanto a comunidade científica quanto a LGBT zelam para que esses procedimentos sejam realizados com rigor. É uma proteção para todos.

O problema é que Thammy aprendeu muito mais a se arriscar do que a se proteger. O risco passou a ser um recurso, uma salvação. Ele entendeu assim e agora não sabia fazer outro caminho. Começou a fazer a terapia hormonal de maneira correta, e isso bastou para que ele se achasse pronto. Thammy mais uma vez estava sendo um perigo. Para si mesmo.

Seguindo a orientação da Dra. Elaine, marcou uma consulta com uma terapeuta. Durante a conversa, ela perguntou quais as posições que lhe davam prazer na cama. Thammy não gostou da pergunta, sentiu-se invadido ao ter que responder. Poderia ser inadequado? Sim. Mas Thammy preferiu não averiguar. Antes, usou a pergunta da terapeuta para justificar o que ele já queria: se livrar da terapia. Thammy achava que não precisava de terapia, que é importante, mas não para ele. Medo de não ser um transgênero? Nenhum. Medo do que seu discurso subconsciente poderia revelar? Certamente. Como nos versos da música de Chico Buarque: “Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágoa...”

Chegou ao consultório da Dra. Elaine mais ansioso do que nunca:

— Doutora, eu preciso tirar os peitos. Ontem!

A médica respondeu, com sobriedade:

— Nós vamos chegar nisso, com saúde.

Thammy ouviu mais uma vez todo o discurso da prudência, abanou positivamente a cabeça para tudo. E saiu do consultório decidido a, em nome de um profundo desespero de causa, fazer o que queria. Sem pensar que estava traindo a confiança de sua médica.

MINHA NAMORADA É HOMEM

Andressa começou a namorar vendo em Thammy uma mulher com jeito masculino. Uma mulher que gostava de ter um comportamento masculino, como tantas outras, homossexuais ou não. Mas não imaginava que Thammy fosse um homem. Não sabia nem que isso poderia existir. Ser um homem sem ter um corpo de homem. Isso foi ficando claro ao correr da relação.

Quando Thammy disse pela primeira vez que queria começar a tomar hormônios, Andressa não levou muito a sério. Achou que fosse uma onda, uma ideia passageira. E, na convivência, viu que não. Que Thammy não era

uma mulher que queria ser homem, Thammy era de fato um homem, se sentia um homem, essa era sua autopercepção e sua identidade. Na vida, pensava e agia como um homem. No comportamento, vestia-se e tinha gestos de um homem. No sexo, era viril e não gostava de estar em nenhuma posição passiva; ficava extremamente incomodado. Penetração, nem em sonho. De mulher, Thammy só tinha o jeito de amar, a atenção integral à sua amante, o romantismo, as minúcias. Mais nada.

Andressa começou a lidar com aquilo tudo senão assustada, cuidadosa. De repente, se viu namorando um transomem. Já conhecia alguns, mas nunca pensou que poderia namorá-los. Tinha até um certo preconceito em relação a essa ideia.

Por incrível que pareça, o conflito de Andressa era muito mais consigo mesma do que com Thammy. Como ela poderia se entender agora? O que ela era, afinal? Lésbica não era mais. Mas, se gostava de um homem, então, não seria melhor tentar um “convencional”?

Outra pergunta que disparou em sua mente foi em relação aos filhos. Andressa pensava em continuar com Thammy e pensava em ter filhos. Unindo as duas ideias, até cogitava a inseminação artificial. Mas agora tudo mudava de figura. Seu filho, então, teria um pai que é mulher, mas é homem?

Nada disso é simples. Pode ser fácil enquanto é uma hipótese, mas, quando é uma realidade na vida de uma pessoa, as coisas ficam delicadas.

Andressa acompanhou a busca de Thammy pelo tratamento correto. Viu seu sofrimento, viu os riscos que correu com médicos que, mesmo renomados e caros, não sabiam absolutamente o que estavam fazendo. Tentou entrar na cabeça de Thammy e entender o motivo daquilo tudo. Não seria muito mais fácil para Thammy levar a vida adiante como mulher? Não evitaria tantos problemas? Evitaria, mas Thammy não queria evitar problemas. Thammy queria ser.

Quando Thammy falou a sério sobre retirar os seios, Andressa fez de tudo para convencê-lo de que não era necessário. Não por si, mas por ele. Uma cirurgia irreversível que mudaria sua vida para sempre. Para quê? A aparência masculina não ficaria tão alterada, já que Thammy usava a cinta para neutralizar o volume dos seios. Thammy retrucou: era importante se livrar daquele incômodo, no calor era insuportável. Queria ficar sem camisa, ir à praia de sunga. Pequenos prazeres tão imperceptíveis para quem os tem, tão cruciais para quem não pode.

Andressa tentou encontrar uma dúvida, alguma pequena dúvida na cabeça de Thammy. Observou-o atentamente durante meses. Conversou dezenas de vezes com ele sobre o assunto e não encontrou dúvida alguma. A única hesitação que encontrou foi o medo da anestesia. E isso realmente podia ser um presságio.

UMA SÍNTESE

Teresa havia se apaixonado por Ronny ainda na juventude. Viveram um amor, depois se perderam por aí. Ele se casou, ela se casou. Ele se separou, ela se separou. E quando menos esperavam se encontraram de novo. Lembranças aqui e planos para o futuro acolá, quando viram estavam dormindo juntos a semana inteira. Um dia, Teresa acordou e não foi embora, ficou na cama e Ronny no computador, papo mole de uma manhã de amor. Bateram à porta do quarto, era Thammy. A moça linda de longos cabelos pretos que Teresa conhecia das capas de revista. Thammy, sem cerimônia, muito pelo contrário, entrou no quarto, sentou-se na cama.

— É ela a doutora? — perguntou ao pai, que já havia contado que estava namorando uma médica.

— É ela.

Thammy e Teresa se olharam por um momento. Sem desviar os olhos, a garota se dirigiu de novo ao pai:

— Ela sabe?

— Sabe.

Um sorriso se abriu, junto com uma amizade que duraria a vida inteira. Thammy, na época com 16 anos, precisava muito que as pessoas de seu convívio familiar soubessem da sua homossexualidade. Não suportava ter que mentir, ter que esconder. Já bastava o que mentia na rua. Dentro de casa, não.

Thammy tinha o sonho de ser médica, como Teresa, e isso criou um xodó a mais entre os dois. Adoravam conversar sobre saúde, e rapidamente Thammy passou a distinguir os vários tipos de dor de cabeça ou saber a diferença entre uma bronquite e uma alergia.

A garota estava morando em Recife, mas, como já sabemos, não tinha parada fixa. Ia no vento. Chegou para passar uns dias na casa do pai e não foi mais embora. As conversas com Teresa se tornaram cada vez mais frequentes e profundas, logo tinham uma afetuosa intimidade que levou Teresa a uma aventura inédita em sua vida: ter um homossexual na família.

— Mas, Thamm, não tem encaixe... Sexualmente falando, não tem encaixe...

E acabavam rindo às gargalhadas do preconceito, que é tão enraizado que a gente acaba pensando essas coisas engraçadas sem se dar conta.

Teresa percebia o sofrimento de Thammy como o de um passarinho selvagem preso numa gaiola. Na época, pouca gente sabia que Thammy namorava garotas; era um segredo de família. Teresa viu toda a mudança de seu comportamento, de seu corpo. Chegou a ver Thammy usando saia numa festa de Ano-Novo. Depois, os cortes de cabelo, cada vez mais curtos. As calças, cada vez mais largas. Até chegar às cuecas. O sumiço de casa, quando resolveu assumir a namorada. Depois, a namorada que tinha um filho. E o filho que chamava Thammy de pai. Teresa não estava tão longe que não

pudesse ver, nem tão perto que já tivesse se acostumado. Cada um desses pequenos passos dava nós na sua cabeça. Ao mesmo tempo, era impossível não se apaixonar pela enteada. A doçura e o bom humor de Thammy criavam e criam morada no coração de quem quer que se aproxime dele. E Teresa sofria por ver Thammy sofrendo.

Na época em que a homossexualidade de Thammy vazou na mídia, Teresa teve a impressão de que não havia sido um *cracker* que invadira a conta de Thammy no Orkut, mas o próprio Thammy, que num gesto inconsciente tinha deixado a conta aberta, para se livrar do sofrimento. Não importa qual das opções, Teresa tem absoluta clareza de que foi o melhor para Thammy.

Meses antes, Thammy havia pedido que Teresa contasse a verdade para a tia Eliana, irmã de Ronny e madrinha de Thammy, com quem ela passara muitos momentos da infância por causa da idade próxima à dos primos. Eliana já desconfiava, desde que Thammy havia apresentado Carla. Percebeu pelo jeitão da amiga que poderia estar rolando um romance. O único senão de Eliana foi Thammy não ter contado diretamente para a tia.

— Diz pra Thammy que não tem problema nenhum, eu vou conversar com as crianças. Tá tudo bem. Só não vamos contar pros avós, pra eles não fiquem chocados.

Não adiantou muito, porque logo em seguida a notícia estourou na mídia. A avó manteve na parede os pôsteres de Thammy ainda mulher até o fim da vida. Mas o avô comoveu Teresa com sua aceitação. Anos depois, Thammy apareceu num almoço na casa do avô usando cueca boxer. Teresa já sabia que o sogro era moderno, mas ainda se lembra com surpresa de ouvi-lo dizer:

— Thammy, onde é que você arruma essas cuecas? Também quero!

A capacidade do avô de amar Thammy de maneira incondicional foi uma grande lição para toda a família.

Tata, como Thammy chama Teresa, presenciou algumas de suas crises de ansiedade. Eram violentas, com muita taquicardia. Numa delas, Thammy confessou estar muito mal porque a mãe não havia ligado no seu aniversário.

Quando Thammy achou por bem ter duas namoradas ao mesmo tempo, Teresa se viu em várias enrascadas. Era comum uma delas chegar e Teresa ter que esconder o bichinho de pelúcia que Thammy havia ganhado da outra... Teresa implorava que Thammy parasse com essa mania boba, mas Thammy estava feliz da vida. E Teresa acabava ajudando. Tinha sido muito tempo sem viver o próprio prazer, dava para compreender um pouquinho.

Depois que se casou com Ronny, Tata passou a exigir de Thammy algumas pequenas coisas de mãe. Avisar quando fosse viajar, ligar para dizer que chegou bem, dar notícias, enfim. Thammy poderia ter virado para Tata e dito que ela não tinha nada com isso. Nunca aconteceu. Foi só pedir que Thammy desse satisfações e Thammy deu. Tata cuidou de Thammy no que foi possível. Entre o pai que dizia sim para tudo e a mãe que não dizia sim para nada, Tata ocupou um espaço vazio, de serena autoridade sobre Thammy. E assim se passaram 14 anos de um amor que chegou para ficar.

No final de 2014, Tata foi a pessoa que mudou tudo. Talvez não seja exagero pensar que ela salvou a vida de Thammy.

CONHECENDO O LIMITE

A família estava reunida para um jantar de domingo, nada demais, nenhuma comemoração. Apenas a vontade de bater papo, de estar junto, Thammy e Andressa, Ronny e Tata. De repente, como se fosse um assunto trivial, Thammy pediu para Teresa fazer a anestesia de uma cirurgia à qual ele seria submetido. Uma lipo. Que lipo? Lipo para quê?

Thammy estava com dificuldade para emagrecer e prometeu à namorada que, se não conseguisse até o final do ano, faria uma lipoaspiração. Foi atrás de um médico, que aceitou fazer a cirurgia em troca de divulgação.

A sorte é que, se Deus protege as criancinhas, Thammy, com seu coração de criança intacto, continua protegido. Tata, experiente como médica e já esperta com os mecanismos de Thammy, não se fez de rogada.

— Que médico é esse, Thammy? Você pirou? Você vai tirar o peito, né, Thammy? Me fala logo.

Bingo. Thammy havia procurado esse médico sem que a Dra. Elaine soubesse, logo depois daquela última consulta. Na negociação com ele, Thammy havia pedido para aproveitar a lipo e fazer a mastectomia masculinizadora. Tipo como quem pede batata frita para acompanhar um hambúrguer. O médico — isso existe, minha gente — topou. Tata reagiu.

— Não se pode fazer esse tipo de mastectomia sem laudo!

A cirurgia estava marcada para dali a três dias.

Thammy contou todos os detalhes do acerto com o médico. Quando disse que ele tinha pedido a anestesia peridural, Tata fechou o tempo. Qualquer médico residente sabe que a anestesia para esses casos tem que ser a geral.

— E você ainda tem a cara de pau de me pedir pra fazer sua anestesia? Se acontece alguma coisa com você, eu morro!

Tata não teve dúvida: proibiu Thammy de fazer a cirurgia. Proibição? Thammy simplesmente não conhecia esse termo, não sabia se era de comer ou de passar no cabelo. Mas Tata estava tão certa em seu amor por Thammy que foi impossível dizer mais uma vez que sim e fazer o que quisesse. E, quando Thammy não pôde simplesmente fazer o que quisesse, veio um tipo de dor que ele nunca conheceu: a frustração.

Thammy desabou. Estava muito perto de se aliviar de um peso e teve que voltar atrás. Thammy não voltava atrás. Thammy morria, mas não voltava atrás nunca. Ficou muito triste.

A impotência desceu a mão pesada sobre sua cabeça. Thammy sentiu uma profunda desolação, que extravasou em palavras nas notas de seu smartphone:

Por que tem que ser assim? Por que é tão difícil ser como me sinto? Por que tinha que ser comigo? Eu não podia simplesmente ter nascido homem? O que será que Deus quer comigo pra eu ter que passar por tudo que eu estou passando?

Não era só a cirurgia cancelada, era tudo o que vinha acontecendo em sua vida. Ser obrigado a uma luta diária por coisas tão simples, às quais qualquer pessoa tem direito...

Nome é problema. Mijar é problema. Sair é problema. Beijar na balada é problema. A pessoa que você beija tem o direito de saber que você é trans! Hormonioterapia é problema... Cirurgia é problema. Eu não tenho o direito de SER eu? Tenho que implorar pra ser eu? Pedir licença e AUTORIZAÇÃO pra ser eu?!

Apesar de não ter chegado a esse ponto, Thammy sabe por que algumas pessoas não aguentam e se matam. Porque tantas pessoas, em completo desespero, se mutilam. Tirar os seios era tirar um sexto dedo. Monstruoso era tê-lo.

Ainda assim, Thammy conseguiu cancelar a cirurgia, sem ter a clareza da grande mudança que estava fazendo na sua personalidade tão cheia de vícios de comportamento. Conseguiu domar uma violenta necessidade de fazer de qualquer maneira para poder finalmente fazer da melhor maneira. Um passo atrás, na direção certa.

Tata provavelmente acabava de salvar a vida de Thammy, exigindo que ele se desse algo de que sempre precisou: limite.

Limite com amor não é desrespeito. Limite com amor não é repressão. Limite com amor é liberdade. Quem se dá limite com amor se dá vida.

O QUE ENLOUQUECE, AFINAL?

Peço ao leitor e à leitora um minuto de meditação sobre a pergunta de Pierre Henri-Castel.

Um transexual seria um delirante cuja única manifestação comportamental fácil de objetivar é a esperança de mudar de sexo? Ou seria uma pessoa que manifesta um desejo não patológico, mas acolhido pela sociedade de modo tal que ele se torna por vezes mentalmente doente?

OS PAIS E O PAÍS

Tata conseguiu demover Thammy da ideia perigosa de fazer sua cirurgia com um médico irresponsável. Mas não foi leviana com seu sofrimento. Já havia presenciado suas crises de pânico e sabia que sua condição gerava uma dor que poderia chegar a uma intensidade insuportável.

De acordo com a pesquisa *Suicide Attempts Among Transgender and Gender Non-Conforming Adults* [Tentativa de suicídio entre adultos transgêneros e não binários] do The Williams Institute, de janeiro de 2014, 41% dos transgêneros tentam o suicídio devido à falta de aceitação social. Transgêneros rejeitados por suas famílias são quatro vezes mais propensos

ao suicídio e a usar drogas e estão sujeitos a um risco duas vezes maior de contrair HIV.

Quando as famílias não encontram forças para superar seus preconceitos diante de um filho homossexual, intersexual ou transexual, é normalmente no amor à vida que elas encontram o último recurso. Diversos pais que decidiram manifestar-se publicamente revelam que a decisão final de apoiar seus filhos vem da consciência de que não apoiá-los pode lhes custar a própria vida.

Ao contrário de declarações monstruosas já emitidas publicamente por autoridades fascistas que ainda conseguem se eleger no Congresso brasileiro, que incitam o preconceito e até a violência dentro das famílias e da sociedade, um pai e uma mãe realmente humanos e em pleno uso saudável de suas faculdades mentais preferem seus filhos vivos. Preferem seus filhos felizes. O parlamentar que for contra o bem de seus filhos não merece seu voto, nem sua confiança.

MENOS RISCO, MAIS FELICIDADE

Tata já havia vencido a batalha principal. Era hora de ajudar Thammy.

Procurou um médico de sua confiança, um profissional com quem já havia trabalhado inúmeras vezes e que conhecia havia mais de vinte anos, o Dr. Lecy, um dos mais conceituados cirurgiões plásticos de São Paulo. Teresa explicou a situação de Thammy e o médico pediu para vê-lo.

Ao contrário de outras clínicas, a cirurgia plástica estética é uma indicação do paciente, e cabe ao médico verificar a autenticidade e a viabilidade dessa indicação. O médico precisa saber se o paciente realmente quer o que está pedindo, se o que ele pede não é antiético, se existe uma boa técnica para realizar esse pedido e se é realmente possível chegar ao

resultado esperado. A cirurgia estética trabalha com o direito que o paciente tem de decidir sobre o seu próprio corpo, a sua própria aparência.

No mesmo dia, Thammy combinou com o Dr. Lecy. Chegou ao consultório às dez horas da noite, vindo direto da gravação de um programa de TV. O médico procurou perceber a verdade de seu paciente. Ficaram cerca de duas horas conversando, e houve um grande encontro entre os dois. Thammy explicou tudo o que queria e porque queria, mas, desde que entrou na sala, sentiu que o médico já sabia perfeitamente qual o seu estado. Pessoalmente, ele poderia ser contra o desejo de Thammy. O seu estilo conservador preferia Thammy como a menina linda que ela fora um dia. Mas ele não julgou sua verdade. Antes, a acolheu com extrema delicadeza e percebeu o quanto Thammy precisava daquela cirurgia para ter um mínimo de bem-estar.

Ao mesmo tempo em que de fato não seria possível fazer a mastectomia masculinizadora sem o laudo exigido pela Normativa do SUS, por outro era lado possível aliviar a angústia de Thammy com seu próprio corpo, especialmente diante da sua absoluta certeza. A solução pensada pelo Dr. Lecy foi a mamoplastia redutora.

Existem várias indicações de cirurgia de mamas. A que se usa no caso da transexualização é a mastectomia masculinizadora semicircular, que, grosso modo, consiste na retirada da glândula mamária, conservando os músculos peitorais e a aréola. Outro tipo é a mamoplastia redutora, usada em casos de desconforto e desconformidade do tamanho do seio em relação ao corpo. O objetivo da cirurgia é retirar a glândula parcialmente ou em sua totalidade e ajustar o excesso de pele; esse ajuste pode ser feito através da lipolaser, para obter uma cicatriz menor, ou seja, uma cicatriz em metade da aréola.

Por mais que não fosse um procedimento completo, Thammy alcançaria seu objetivo estético, tendo o benefício do alívio imediato.

A cirurgia foi marcada, e Thammy viu renascer suas esperanças. Agora estava diante de um profissional sério e dedicado cuja capacidade de ouvir

criou caminhos e despertou nele um afeto singular.

Para pagar a cirurgia, Thammy resolveu vender o carro. Restava só enfrentar o medo de morrer. Dias antes do procedimento, foi com Lara até Santos pedir proteção para Iemanjá.

No hospital, parecia que havia uma festa no quarto de Thammy. Nada da tristeza habitual e da apreensão que antecede as cirurgias. As enfermeiras fizeram fila para tirar selfie com Thammy. Antes de começar a cirurgia, Thammy deu uma orientação ao seu médico:

— Dr. Lecy, o senhor começa pelo peito, viu? Porque, se eu morrer, pelo menos eu morro sem peito!

Thammy sempre encontra uma graça para fazer.

RENASCIMENTO

Uma luz branca invadiu os olhos de Thammy. Tonto, pensou que poderia ser o túnel. O tal do túnel que dizem que se vê quando se está perto da morte. Sentiu medo. Um par de olhos castanhos encontrou os seus e um rosto amigo foi se desenhando:

— Puta merda, Tata, que bom que é você. Se fosse a vovó, era porque eu tinha morrido!

Thammy daria sua gargalhada moleca não fossem os pontos. A família o aguardava no quarto: Ronny, Tata, Lara e Andressa. Mas a emoção maior foi quando o seu cirurgião entrou. O Dr. Lecy era agora uma espécie de Deus. Porque Thammy não só não havia morrido como havia nascido novamente. Finalmente Thammy tinha o seu corpo. Não seria mais engolido pelo espelho sombrio ao se olhar. Nunca mais o incômodo de se imprensar dentro de uma cinta elástica. Sentiu uma felicidade tão absoluta que, emocionado, precisou agradecer. Abraçou seu médico, com aqueles olhos verde-esmeralda molhados de lágrimas, ainda mais bonitos assim, como

dizia o seu pai. Thammy sentiu um amor filial pelo Dr. Lecy. A partir de agora, estariam unidos para sempre.

A felicidade de Thammy era tanta que só fazia sentido agradecer. Agradeceu ao pai por ter lhe dado a vida, essa vida que, mesmo sofrida e confusa, era maravilhosa e linda, por ser não só um grande pai, mas um grande amigo que soube aceitá-lo desde antes de nascer, muito antes, quando teve um presságio de que seu único filho seria homossexual. Agradeceu Andressa, sua amada, sua companheira, por amá-lo do jeito que ele é, mesmo sabendo que o que ele é lhe traz tantos conflitos. Agradeceu Lara, sua melhor amiga, por ser a mais forte e capaz de segurar todas as suas ondas e ainda dar com ele tantas risadas. Agradeceu a Tata por ter sido dura, por ter cuidado dele e o colocado no caminho certo.

Thammy, por fim, agradeceu a Deus, por ser tão bom que fez a medicina, seu sonho de infância, avançar para que ele e tantos milhares de pessoas no mundo inteiro pudessem ser o que realmente se sentem.

Quando sua mãe — nem Gretchen, nem Maria Odete, simplesmente sua mãe — ligou de Portugal, Thammy desatou em um choro inexplicável. Não conseguiu dizer uma palavra, apenas chorar e chorar. Ficaram ali, separados pelo oceano Atlântico, unidos por um satélite. Separados pelas dores da vida, unidos por um amor incondicional. Senão felizes para sempre, ambos autênticos em suas existências transgressoras e apaixonadas.

SÉTIMA PARTE

UMA VIDA DE HOMEM

HOMEM DE VERDADE

Acontenda em torno das sexualidades nas ciências também acontece nas ruas, só que de outra maneira.

Desde que começou a assumir publicamente sua identidade de gênero masculino, Thammy é constantemente alvo de ofensas que curiosamente só acontecem pela via virtual. A ofensa mais comum de todas já virou uma frase notória: “Um homem de verdade você nunca vai ser.”

A expressão “homem de verdade”, até bem pouco tempo, a gente aprendia cedo e dentro de casa. “Seja um homem de verdade!” ou, a sua variante mais famosa, “homem de verdade não chora”. A nossa sociedade exige um macho duro, de pau duro, de coração duro. Um homem tem que ser o provedor, o que toma as decisões, o que traz a caça e o que come a fêmea. Todos nós sabemos que essa visão é estreita, machista e, para dizer tudo, misógina. Mas as mulheres em dado momento exigem exatamente isso de seus filhos e maridos. Para quê? Para que os atributos da sensibilidade, da solidariedade, da suavidade pertençam somente às mulheres? Uma mulher deve ser provida, protegida, sustentada e comida pelo seu homem? Para quê? Para que os atributos da força, da coragem, da produtividade

pertençam somente aos homens? Essa acaba por ser a manutenção de um pensamento binário, em que dois existem especialmente porque um é melhor, mais forte, mais poderoso, mais qualquer coisa que configure status quo em relação ao outro.

Sabemos que as coisas mudaram, estão mudando e ainda vão mudar muito a respeito do que se entende hoje por gênero. Nem a mulher é mais a Amélia, nem o homem, o Superman. Estamos todos muito inseguros quanto aos nossos papéis diante do outro e diante da sociedade. Mas uma coisa é certa: a nossa única chance é um futuro na qual as pessoas não sejam percebidas pelo gênero. O fim da guerra dos sexos é o ponto de partida para a percepção da singularidade de cada ser humano. O que aponta na direção de um novo senso de liberdade e de igualdade.

Para algumas pessoas, no entanto, essa realidade é um sonho distante. Na cama, homem é o que submete e humilha. Que seja uma fantasia sexual, não há motivo para negar. Mas há quem use de suas fantasias para exercer uma visão de mundo, e isso fica bastante confuso. Uma dessas pessoas chegou a escrever para Thammy em uma rede social: “Você nunca vai ter o prazer de dar com o pau na cara de uma mulher!”

Evidente que uma pessoa capaz de dizer uma coisa dessas publicamente tem a ideia de que o prazer é resultado da execução de uma lista de procedimentos que deve servir para qualquer dupla, em qualquer situação. Não vamos avançar sobre essa complexa construção da sexualidade que as pessoas acabam por expressar nas redes sociais. Mas, quando perguntei para Thammy o que ele achava dessa observação, ele disse, com um sorriso sério:

— De fato, esse homem eu não vou ser nunca.

E seguiu numa gargalhada:

— Nem que eu implantasse um pau.

O homem que Thammy é está em construção, mas, por estar processando mudanças físicas, não está nem menos, nem mais em construção do que todo homem e mulher que se dê a liberdade de ser um e

não se contente em ser apenas mais um. Cada existência é infinitamente singular. Basta querer.

OUTRA IDEIA QUE NÃO A DE FALTA

Dias depois da cirurgia, o conflito de Andressa voltou com força total. Thammy percebeu que a namorada estava estranha, mas foi uma surpresa quando a ouviu dizer que queria terminar. Andressa não conseguia explicar o que ainda não conseguia entender em si mesma. Thammy não implorou. Mesmo sem explicações, deixou-a ir embora. No dia seguinte, Andressa conseguiu dizer, por telefone:

— Thammy, não sei se eu quero ter uma família diferente. Não sei o que eu vou falar pro meu filho... Não sei o que eu vou dizer na escola... Além do mais, eu namorava uma mulher. Mas agora você é um homem... eu não sei mais o que eu sou.

Thammy não teve dúvidas quanto à importância do que Andressa estava lhe dizendo e, por mais que lhe doesse, decidiu apoiá-la.

— Isso que você quer eu nunca vou poder te oferecer. Eu posso te oferecer milhares de outras coisas. Eu posso te dar um filho e cuidar dele melhor do que qualquer homem cuidaria. Mas eu não posso deixar de ser o que eu sou. E você tem que saber o que você é. Mas nisso eu não posso te ajudar. Isso é só você com você mesma.

Andressa se despediu, combinando de depois levar uma camisa de Thammy que ficou na sua casa. Dois dias depois, apareceu com a camisa e os dois estão juntos até hoje. Foram, ao todo, três dias e meio de separação. Andressa decidiu que amava não um homem ou uma mulher, mas uma pessoa. Com suas questões, com seus medos, defeitos e grandes qualidades. O homem que ela — que sempre amou mulheres — agora amava era incomum. Mas era o homem da sua vida. O que lhe deu respeito, carinho,

lealdade, companheirismo e muito prazer. O homem que cuidava bem dela e que poderia cuidar do seu filho com todo o amor e dedicação. O que poderia faltar para Thammy ser o seu homem simplesmente não faltava.

VIDA DE TRANSOMEM

Do ponto de vista da cirurgia plástica, o Dr. Lecy considera o caso de Thammy um absoluto sucesso, afinal, não há sucesso maior do que a satisfação e o bem-estar do paciente. Thammy ganhou mais qualidade de vida, ficou mais tranquilo, mais feliz. Desde a cirurgia, suas crises de ansiedade diminuíram consideravelmente.

Não está em seus planos mudar seu nome civil. Ele gosta do nome intuído por seu pai durante o parto e que, por sorte ou espiritualidade, pode ser comum aos dois gêneros. Por que não aproveitar?

Também não pensa em fazer outras cirurgias, como a histerectomia — para a retirada dos órgãos genitais femininos, os ovários e o útero. A faloplastia, de acordo com o que se tem hoje na medicina, também não é uma opção para Thammy, especialmente pelo risco de tirar-lhe o prazer — o que não condiz com a sua alegria de viver.

A barba é uma realidade já em curso. Thammy adora fazê-la, lembra de quando seu pai ensinou a fazer a dele e de como se escondia quando criança para brincar de fazer a sua. Nos momentos de intimidade com a namorada, durante o banho, ela faz a barba de Thammy.

Toda essa trajetória culmina na realização de um projeto de vida que, por mais que seja um sonho, não é uma fantasia. Os efeitos colaterais da hormonioterapia são um risco real. Câncer no fígado, pressão alta, queda de cabelo, atrofia dos órgãos femininos, diabetes e artrose são doenças esperadas e por isso mesmo exigem monitoramento rígido e disciplina severa. Thammy finalmente consegue encarar esses desafios sem medo e

sem ansiedade. Ele chegou a esse lugar, um lugar difícil de se chegar. Em seus hábitos nunca esteve nenhuma droga, álcool e cigarros, o que já ajuda bastante. Mas a força para enfrentar o processo, Thammy tira do seu exemplar amor-próprio.

Não é preciso ser igual a Thammy para compreender seu caminho. A necessidade existencial de remover a espessa camada de preconceitos e medos que a ideia de normalidade faz incrustar na vida de qualquer pessoa é o que nos torna iguais.

O mais, caro leitor, cara leitora, está acontecendo agora. Thammy Miranda tem 33 anos, é ator e apresentador de programas de TV. Vive e trabalha em São Paulo. Sua vida de transomem está apenas começando.

BATE-BOLA COM THAMMY

Aqui, alguns trechos de uma entrevista rápida que fiz por e-mail com Thammy — ele mora em São Paulo e eu no Rio — quando ele me procurou para escrever este livro, em 2013. Resolvi inserir esta entrevista para que o leitor pudesse “ouvir” um pouco a voz de Thammy, que é realmente muito leve e bem-humorada. Divirta-se!

O que te encanta nas mulheres?

Bom, em primeiro lugar, a maturidade, que é atingida muito antes dos homens. Gosto do cheiro da mulher, de vê-la arrumada. A vaidade da mulher me encanta. Amo o lado maternal que a maioria das mulheres tem. Tenho uma referência muito forte de mulher na minha vida, que é a minha mãe, então sempre fico com mulheres um pouco parecidas, mulheres fortes, guerreiras, independentes...

Em relação ao lado masculino, o que o homem pode dar que a mulher não pode?

Na verdade, acho que não é o que pode dar ou não. É simplesmente como eu me sinto. O que eu posso oferecer que normalmente as mulheres não têm é o meu lado mais prático, acho que o homem tem o dever de proteger a

mulher, cuidar dela como uma princesa. O homem tem que ser o provedor, talvez isso venha da criação machista do meu pai... (risos). Mas eu aprendi assim. Em relação ao prazer, não tem o que o homem possa oferecer que a mulher não possa.

O que te encanta em ser homem?

A primeira coisa que me encanta é a parte física, as roupas, a forma física, gosto da praticidade, gosto da segurança que ser homem transmite. E gosto de oferecer tudo isso pra mulher que está comigo. Gosto de saber que ela se sente protegida estando do meu lado.

Qual a pior coisa de ser mulher?

Pra mim, é a roupa. Não sei me vestir de menina, não sei combinar roupa de menina, colar, brinco, sapato. Odeio ser tratado como menina porque me sinto como se estivesse fragilizado, como se estivessem me zoando, mas ao mesmo tempo entendo que muitas pessoas me conhecem como mulher até por eu ser uma pessoa pública, e, então, aprendi a lidar com essa situação. Mas as pessoas mais próximas sabem como eu gosto que me tratem e me tratam como homem.

Em algum momento você ainda se sente mulher?

O único momento em que eu me sentia mulher era quando eu menstruava e sentia as sensações que as mulheres sentem, as cólicas, a TPM.

Qual roupa masculina te cai melhor?

Não tem uma roupa masculina que eu não goste... Até terno quando tem casamento eu gosto de usar...

Que roupa feminina parece insuportável?

Todas... não gosto de roupa feminina... Mas, se tem que falar uma, tipo saia, vestido seriam os piores... e salto alto.

Você toma hormônio?

Nunca tomei, mas pretendo um dia tomar... gostaria de mudar radicalmente a minha forma física. Tenho pavor de meio-termo, eu sou meio que oito ou oitenta, e ficar em cima do muro me faz mal. Faz um tempinho que tô administrando isso dentro de mim. Não por mim, na verdade, e sim pela sociedade. Pelo fato que eu já citei de ser uma pessoa pública. Se eu fosse desconhecido com certeza eu já teria me transformado. Tenho pelos na perna porque acho bonito, mas quando preciso fazer algum trabalho raspo sem problemas porque sei que vai crescer de novo. Raspo o sovaco porque eu acho nojento e acho que fica fedido... (risos).

Pensa em tirar os seios?

Então, volta naquilo que eu já falei, só ainda não fiz pelo fato de ser pública, mas eu ainda vou fazer... Estou preparando a sociedade aos poucos. (risos).

O que mais te incomoda em ser mulher?

Na real, o que me incomoda é ser tratado como mulher. Escutar as coisas no feminino me incomoda. Homem quando vem me cumprimentar e beija a minha mão, PQP! Eu quero morrrrrrrr... (risos).

Quando você sonha de noite, como se vê?

Quando eu sonho eu sou eu mesmo, assim como sou agora... Não me lembro se quando eu era menininha eu sonhava como eu era na época... Nunca sonhei como se eu fosse um homem, mas já sonhei que eu era assim como eu sou hoje e tinha um pipi... hahahaha. Foi legal pacas no sonho,

mas, se você perguntar se eu teria vontade de colocar um, não... não teria! Só se já tivesse nascido com ele... não me faz falta alguma na hora do sexo.

Pensa em ter filhos?

Vou ter um filho com toda a certeza deste mundo, meu maior sonho. Me imagino pai, nunca me imaginei mãe. Tenho o sonho de curtir a barriga da minha mulher, satisfazer os desejos dela, conversar com meu filho na barriga dela. Desde criança sempre quis ter filho, mas nunca da minha barriga. Quando brincava com a minha prima de boneca, eu era sempre o pai ou o médico ou qualquer coisa, menos a mãe. Não tenho o lado maternal, acho que devem ser sensações diferentes. Me imagino com a responsabilidade de pai, não de mãe... Enxergo responsabilidades diferentes entre pai e mãe.

O que as mulheres querem?

Acho que em primeiro lugar buscam segurança. Depois carinho, atenção, conforto. Mas o principal é a segurança.

Como você vê a sua fama de irresistível?

Não me vejo como irresistível e na real não sei o que faz as mulheres se apaixonarem... Tô fora de forma, não sou rico... hahahaha. Sei lá o que é na verdade... Devo fazer amor bem-feito... sei lá...hahahahahaha (vergonha) (risada de nervoso) hahahaha (rindo porque tô explicando que tô rindo e com vergonha) hahahaha (isso que dá só querer escrever e não falar pessoalmente).

Tem algum homem que você considera irresistível?

Bom, pra mim nenhum deles é... (risos). Mas tem vários babacas que falam: você só é assim porque nunca provou ficar comigo. E eu respondo: depois as

mulheres viram lésbicas e vocês não sabem por quê... Homem perde muita mulher por ser babaca, infantil, se achar... Sei lá, homem pra mim tem um papo muito ruim quando se trata de conquistar uma mulher... Eu vejo amigos que chegam nas mulheres na balada... pqp! Tenho vontade de chorar... ruim demais... (risos). Aí elas vêm pro meu lado e querem ficar comigo, aí o irresistível sou eu... Olha que estranho, me sinto homem, mas talvez um homem mais evoluído. EUREKAAAAA. Acho que acabei de descobrir uma coisa, talvez os trans sejam uma espécie de homens evoluídos... kkkkkkk. CARACA! hahahhahahahahahaha (risos infinitos, mas acreditando na minha conclusão).

E no sexo?

Não acho necessário acessório, só se for pra brincar mesmo, mas não que seja necessário. O mais importante pra mim é a intimidade. Não gosto muito de transar pela primeira vez, quando você ainda não sabe o jeito da pessoa, as coisas que ela mais gosta... Essa descoberta pra mim é meio chatinha... (risos). Depois que já tenho intimidade, pelo menos pra mim, fica beeeemmm mais gostoso.

Quais são os seus hábitos?

Então, adooooo trabalhar, tomar sol, nas horas vagas amooo tomar sol. Já joguei bola muito tempo, ia até pra seleção, mas machuquei o joelho e tinha que operar, mas não operei de medo, aí não posso mais jogar, é difícil até correr. Não posso nenhum esporte de impacto. Quando morava em casa, adorava lavar o carro. Gosto de cinema, barzinho com música ao vivo com amigos, uma cervejinha de leve, não bebo muito, não fumo, nunca experimentei droga nenhuma. Meu pai é policial, e quando eu era criança ele trabalhava no narcóticos. Um dia ele me levou até a delegacia, acho que para um tratamento de choque... (risos). Me levou na delegacia, colocou todos os tipos de drogas em uma mesa e me explicou uma por uma como

usava e as sensações e reações. Me explicou que eu saberia que cocaína era cocaína se colocasse um pouco na ponta da língua e ela adormecesse, aí era coca. Quando terminou a explicação das drogas, me olhou e disse: “Tem alguma dúvida? Alguma pergunta?” Eu disse não! E ele continuou. Então, por curiosidade vc não experimenta mais. Agora só usa se quiser realmente! E desde então nunca tive mesmo nem curiosidade, nem vontade. Nunca usei nem pra saber que barato que dá. Saímos da sala e fomos até a parte das celas onde ficam os presos, um cheiro horrível tem lá dentro. Entramos e ele me disse: “Aqui é o lugar que o filho chora e a mãe não vê, o que você fizer fora da lei é aqui que você vem parar, e eu, como policial, não vou poder fazer nada.” Então, juízo! Depois que saímos da delegacia, ele me levou em um puteiro... hahaha. Entramos, me explicou como funcionava, o que elas faziam, como era tudinho. E disse: “Se tu não estudar, ou vai trabalhar aqui ou vai fazer faxina. Você que sabe o que quer pra tua vida.” Hahaha, e assim o meu pai foi me educando... Pqp! Sou muito fã do homem que o meu pai é!

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai e a minha mãe, por passarem por tudo isso comigo de cabeça erguida. Sem vocês eu não sou nada! Vocês também foram escolhidos por Deus para dividir nossas experiências...

À Andressa, o amor da minha vida, por passar por essa transição comigo e me amar do jeito que eu sou! Mesmo se um dia a gente terminar, fica aqui eternizada a minha gratidão. Você é e sempre será importante pra mim!

À minha mãe de alma, Tata, por ter me escolhido pra ser seu filho! Pra você, que não tinha a intenção de ter filhos, teve uma menina e um menino nesta vida!

Ao Dr. Lecy, meu médico, que me operou e me deu uma vida nova! Gratidão é pouco pra definir o que eu sinto por você! É amor demais...

À Dra. Elaine. Sem a senhora, acho que eu já estava morto!

A todas as mulheres que passaram na minha vida.

À minha melhor amiga, Lara.

A cada um de vocês, leitores, por existirem!

Obrigado até mesmo aos que me xingam, falam que jamais serei um homem, xingam minha família... Vocês me ensinam tudo o que eu JAMAIS

quero ser!

E que Deus continue me dando forças pra lutar!

Thammy Miranda

Raïssa Castro, nossa editora, por ter confiado na nossa proposta.

Juliana Mattar, companheira de todas as horas.

Rita Elmor, por ter me apresentado ao Thammy e a este projeto.

Jean Wyllys, Vera Schroeder, Evelyn Silva, Renata de Oliveira, Raquel Diniz, Cecília Mello, Daniela Cuchiarelli e Flavia Suzue Ikeda, por terem trazido reflexões e discutido o livro comigo.

Dra. Elaine, pelos importantes esclarecimentos quanto ao assunto trans.

Dr. Lecy, pela conversa sobre a cirurgia de Thammy.

Camila e Carol, pelo carinho com o livro.

Lara, pela decisiva parceria com Thammy.

Ronny, Gretchen e Teresa, por abrirem seus corações e suas intimidades.

Marcia Zanelatto

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Thammy

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/thammy-nadando-contra-a-corrente-523761ed531313.html>

Wikipédia Marcia Zanelatto

https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcia_Zanelatto

Instagram Thammy Miranda

<https://instagram.com/thammymiranda/?hl=pt>

Wikipédia Thammy Miranda

https://pt.wikipedia.org/wiki/Thammy_Miranda

Twitter Thammy Miranda

<https://twitter.com/thammyreal>

Facebook Thammy Miranda

<https://www.facebook.com/ThammyOficial>